

**UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL
CENTRO DE FILOSOFIA E EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

ELIANA CRISTINA BUFFON

LEITURA DE HISTÓRIAS EM QUADRINHOS DO PNBE 2012: *A TURMA DO PERERÊ*

CAXIAS DO SUL

2014

ELIANA CRISTINA BUFFON

**LEITURA DE HISTÓRIAS EM QUADRINHOS DO PNBE 2012: A TURMA DO
*PERERÊ***

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de Caxias do Sul como requisito final para obtenção do grau de Mestre em Educação.

Linha de pesquisa: Educação, Linguagem e Tecnologia

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Flávia Brocchetto Ramos

Co-orientadora: Prof.^a Dr.^a Neiva Senaide Petry Panozzo

Caxias do Sul

2014

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Universidade de Caxias do Sul
UCS - BICE - Processamento Técnico

B929L Buffon, Eliana Cristina
Leitura de histórias em quadrinhos do PNBE 2012 : a Turma do Pererê / Eliana Cristina Buffon. – 2014.
153 f. : il. ; 30 cm

Apresenta bibliografia.

Dissertação (Mestrado) – Universidade de Caxias do Sul, Programa de Pós-Graduação em Educação, 2014.

Orientadora: Profa. Dra. Flávia Brocchetto Ramos ; Coorientadora: Profa. Dra. Neiva Senaide Petry Panozzo.

1. Histórias em quadrinhos. 2. *A Turma do Pererê (obra literária)*. 3. Literatura infantil. 4. Leitura. 5. Letramento. 6. Plano Nacional Biblioteca da Escola (Brasil). I. Título.

CDU 2.ed.: 82-91

Índice para o catálogo sistemático:

1. Histórias em quadrinhos	82-91
2. <i>A Turma do Pererê (obra literária)</i>	82-93
3. Literatura infantil	82-93
4. Leitura	028
5. Letramento	37.016:003-028.31
6. Plano Nacional Biblioteca da Escola (Brasil)	027.8(81)

Catalogação na fonte elaborada pela bibliotecária
Ana Guimarães Pereira – CRB 10/1460



UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL

**“Leitura de Histórias em Quadrinhos do PNBE 2012:
A Turma do Pererê”**

Eliana Cristina Buffon

Dissertação de Mestrado submetida à Banca Examinadora designada pela Coordenação do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de Caxias do Sul, como parte dos requisitos necessários para a obtenção do título de Mestre em Educação. Linha de Pesquisa: Educação, Linguagem e Tecnologia.

Caxias do Sul, 16 de dezembro de 2014.

Banca Examinadora:

Dra. Flávia Brocchetto Ramos (presidente – UCS)

Dra. Neiva Senaide Petry Panozzo (UCS)

Dra. Neires Maria Soldatelli Paviani (UCS)

Dra. Renata Junqueira de Souza (UNESP)

CIDADE UNIVERSITÁRIA

Rua Francisco Getúlio Vargas, 1130 – B. Petrópolis – CEP 95070-560 – Caxias do Sul – RS – Brasil

Ou: Caixa Postal 1352 – CEP 95020-972 – Caxias do Sul – RS – Brasil

Telefone / Telefax (54) 3218 2100 – www.ucs.br

Entidade Mantenedora: Fundação Universidade de Caxias do Sul – CNPJ 88 648 761/0001-03 – CGCTE 029/0089530

Para Louise e Nathalie, luzes da minha vida.

AGRADECIMENTOS

“Nada é por acaso.” Essa pequena frase, que permeia conversas do dia a dia de muitas pessoas, cabe muito bem nos agradecimentos que, humildemente, me proponho a fazer, pois acredito, sinceramente, que não foi por acaso que as pessoas aqui mencionadas passaram pelo meu caminho durante o período em que estive elaborando este projeto de pesquisa. De alguma forma, entre idas e vindas, troca de linha de pesquisa, pausas no caminho, desvios necessários e tantas outras situações que aconteceram em minha vida, alguns acontecimentos foram necessários para que, no final, tudo acontecesse como deveria ter acontecido.

Agradeço

Às minhas filhas gêmeas, Louise e Nathalie, que solicitaram insistentemente, com voz doce e, ao mesmo tempo, firme, o meu retorno à vida acadêmica, mesmo que tal fato tenha lhes custado longos períodos sem a minha presença. Obrigada, meus anjos, pelos abraços carinhosos, pelo incentivo, pelo auxílio na descrição das histórias em quadrinhos e por tantos outros momentos que vivenciamos juntas, durante o período da pesquisa acadêmica.

Ao meu esposo, Vanderlei Buffon, por viabilizar a realização desta pesquisa.

À minha mãe, Nadir De Rossi, a qual, desde minha infância, sempre enfatizou que a maior riqueza que eu poderia ter na vida era o estudo. Que educação e conhecimento são os únicos bens que permanecem conosco sempre.

À minha avó, Ignês De Rossi Branco, educadora a seu tempo e a sua época, que deixou um legado de ensinamento, de força e de coragem a toda a família, até os últimos dias de sua existência terrena.

À minha irmã, Cida Angonese, incansável em todos os momentos, sempre disponível em minhas ausências, nos cuidados de minhas filhas.

Ao meu cunhado, Sílvio Angonese, por dedicar suas poucas horas de descanso para ler os meus textos e auxiliar nas dúvidas que surgiam durante o Mestrado.

Ao amigo, professor e tradutor de língua inglesa, Ricardo Antonio Heinen, pela eficiência e rapidez que sempre atendeu aos meus pedidos de ajuda.

À minha orientadora, prof.^a Flávia Brocchetto Ramos, por ter me aceito como orientanda, mesmo sabendo o quanto difícil seria esta tarefa de orientar uma aluna distante há tantos anos da academia e dos livros. No entanto, sempre esteve presente nos momentos em que pensei em desistir, acreditando que não conseguiria concluir a pesquisa. No entanto, lá estava ela, como um anjo, dizendo: continue, não desista.

À Andrea de Negri, que, nos últimos quinze minutos do segundo tempo, surgiu calma, tranquila, segura, irradiando luz, iluminando, não somente a dissertação, a escrita, mas todo o trabalho realizado, transmitindo boas energias a todos os envolvidos na pesquisa.

À professora Neires Paviani, pelo conhecimento compartilhado de forma doce e suave nas aulas ministradas durante o curso, em especial pela aula na biblioteca de sua casa, onde nos recebeu com tanto carinho e delicadeza. Jamais esquecerei daquela aula.

Ao Professor Jaime Paviani, pelas sábias palavras transmitidas em sala de aula e pela humildade sempre demonstrada. Dentre tantas frases, uma ficou gravada em minha memória: “Eu não sei mais dos que vocês alunos, pois vocês possuem conhecimentos de outras áreas, que eu não possuo”.

Às professoras Renata Junqueira e Neiva Panozzo, por terem participado da banca de qualificação deste trabalho e apontarem com precisão e cuidado os dados que precisavam ser ajustados e melhorados na pesquisa.

Aos demais professores do Mestrado do PPGEd/UCS, pelos momentos de reflexão e aprendizagem.

Aos colegas do PPGEd/UCS, pelas dúvidas e alegrias compartilhadas.

Às colegas Fabiana Kaodoiniski e Greice de Barba Viel, pelo companheirismo e parceria durante as aulas.

À Júlia Aparecida de Queiroz Bertoti, secretária do PPGEd/UCS, pela ética e eficiência no atendimento.

À Universidade de Caxias do Sul – UCS, pela oportunidade de realizar este trabalho.

O que é letramento?

*Letramento não é um gancho
em que se pendura cada som enunciado,
não é treinamento repetitivo
de uma habilidade,
nem um martelo
quebrando blocos de gramática.*

*Letramento é diversão
é leitura à luz de vela
ou lá fora à luz do sol.*

*São notícias sobre o presidente,
o tempo, os artistas da TV
e mesmo Mônica e Cebolinha
nos jornais de domingo.*

*É uma receita de biscoito,
uma lista de compras, recados colados na geladeira,
um bilhete de amor,
telegramas de parabéns e cartas
de velhos amigos.*

*É viajar para países desconhecidos,
sem deixar sua cama,
é rir e chorar*

com personagens, heróis e grandes amigos.

*É um atlas do mundo,
sinais de trânsito, caças ao tesouro,
manuais, instruções, guias,
e orientações em bulas de remédios,
para que você não fique perdido.*

*Letramento é, sobretudo,
um mapa do coração do homem,
um mapa de quem você é,
e de tudo que você pode ser.*

RESUMO

Este estudo apresenta uma reflexão sobre a linguagem na modalidade narrativa denominada história em quadrinhos, a partir do estudo do livro *A Turma do Pererê: 365 dias na Mata do Fundão*, de Ziraldo. O referido título foi selecionado para estudo por pertencer ao acervo do Programa Nacional Biblioteca da Escola de 2012 (PNBE 2012), destinado aos anos iniciais do Ensino Fundamental. A pesquisa contempla a análise de procedimentos verbo-visuais empregados na construção do título e que deveriam ser apreciados em situação de leitura escolarizada, a fim de contribuir para o letramento dos estudantes. A investigação justifica-se em virtude do baixo desempenho da capacidade de leitura de estudantes, conforme resultados de avaliações de desempenho, da complexidade dos produtos culturais direcionados ao leitor mirim e, ainda, da inserção de histórias em quadrinhos nos acervos do PNBE. A investigação insere-se no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de Caxias do Sul – PPGEd/UCS, na linha de pesquisa Educação, Linguagem e Tecnologia e é parte integrante do projeto de pesquisa “Desafios e acolhimentos da literatura infantil: a mediação de leitura literária”, aprovado pela FAPERGS, que objetiva estudar obras selecionadas para compor acervos dos anos iniciais do Ensino Fundamental do PNBE. Entre teóricos que subsidiam a pesquisa, destacam-se: Mikhail Bakhtin (2006) e Lev S. Vygotsky (1998) com reflexões sobre linguagem; Will Eisner (2012), Moacyr Cirne (1972, 1973, 2000), Álvaro de Moya (1993, 2002), Paulo Ramos (2009) e Valdomiro Vergueiro (2009) com aspectos da linguagem dos quadrinhos; Brian Street (1984) e Soares (2010, 2013), com estudos sobre letramento, entre outros. O estudo está organizado em capítulos, discorrendo acerca de (a) relações entre educação e linguagem, considerando a escola como espaço de letramento; (b) processos metodológicos da pesquisa e (c) análise da obra e indicação de elementos presentes na composição do título, que deveriam ser considerados na mediação de leitura literária. A metodologia pautou-se na descrição analítica de aspectos da obra selecionada, a fim de apontar procedimentos empregados na construção dessa modalidade discursiva presente nas bibliotecas escolares brasileiras. Como resultados, destacamos, a partir do corpus estudado, que as histórias em quadrinhos contemplam temas que possibilitam a identificação do estudante com o conflito posto, por apresentar situações presentes no cotidiano e que há constâncias no modo de enunciação das narrativas que precisam ser consideradas em propostas de leitura mediada no ambiente escolar. Alertamos, ainda, para a necessidade de o professor ter conhecimento acerca da linguagem dos quadrinhos e sua especificidade como gênero, a fim de contribuir para o letramento dos estudantes.

Palavras-chave: Histórias em quadrinhos. PNBE. Letramento.

ABSTRACT

Based on a study on Ziraldo's book *A Turma do Pererê: 365 dias na Mata do Fundão*, this piece of work presents some reflection on the language used in comic books (or comic strips). The book above mentioned was chosen for this study because it is part of 2012's Library in the School National Program (PNBE 2012), a range of books aimed at the early years of Elementary School in Brazil. The study means to carry out an analysis on enunciation procedures used in the construction of the work, and which can be analyzed in the context of schooled reading, meaning to contribute to students' literacy learning process. The research can be justified on the fact that students tend to present poor reading skills, as shown in assessments made public about this area, on the complexity of the cultural products aimed at the young reader, and, besides, on the insertion of comic strips in the PNBE range of books. The investigation follows the Education, Language and Technology approach, and it is part of the Post-Graduation in Education Program of the Caxias do Sul University (PPGE/UCS). It is also part of a research project called "Challenges and welcomings in children's literature: the mediation of the literary reading", which has been approved by FAPERGS and which means to study the books that have been short-listed to make up the PNBE range of books for the early years of Elementary Education. Among the authors whose ideas have contributed to the research there are: Mikhail Bakhtin (2006), Lev S. Vygotsky (1998), both of which helped on reflections upon language; Will Eisner (2012), Moacyr Cirne (1972, 1973, 2000), Álvaro de Moya (1993, 2002), Paulo Ramos (2009) and Valdomiro Vergueiro (2009), who discuss aspects of the language used in comic strips; Brian Street (1984), with his studies on literacy, and Joseph Schwarcz (1982), who elaborates on the role played by illustration on children's books, among others. The study is organized in chapters, which contemplate (a) the relations between education and language, considering the school as a space for literacy; (b) the methodological processes of the research, and (c) an analysis of the work and indication of the elements present in the making up of the title, which should be taken into consideration in the mediation of literary reading. It was the analytical description of aspects of the work chosen that guided the method, aiming to pinpoint the procedures used in the construction of this discursive modality present in the Brazilian schools' libraries. As a result, it stands out in the studied corpus that comic books contemplate themes that make it possible to identify the student with the expressed conflict, as it presents situations that are present in daily life and that there are instances in the way the narrative is enunciated which need to be taken into consideration when mediated reading is proposed in the school environment. Last but not least, one highlights the importance of teachers being familiar with the language used in comic strips, besides its specificity as a genre so as to make it possible for them to contribute for the students' literacy.

Key-words: Comic books. PNBE. Literacy.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Pinturas rupestres deixadas por povos antigos nas paredes das cavernas	27
Figura 2 - Nhô Quim - Revista Ilustrada	35
Figura 3 – Revista O Tico-tico, primeira revista em quadrinhos do Brasil	36
Figura 4 – Revista O Pererê, 1960, de Ziraldo	39
Figura 5 – Primeiras tirinhas de Maurício de Sousa	41
Figura 6 - Primeira aparição da personagem Mônica, 1970	41
Figura 7 - A evolução dos traços da personagem Mônica	42
Figura 8 – Capa da obra em estudo	67
Figura 9 – Quarta capa da obra em estudo	74
Figura 10 – Orelha da capa e da quarta capa da obra	76
Figura 11 – Segundo quadro da história “Galileu em o que mamãe diz... é lei!”	78
Figura 12 – Quinto quadro da página 11	78
Figura 13 – Primeiro e segundo quadros da página 12	79
Figura 14 – Segundo quadro da página 13	80
Figura 15 – Último quadro da página 13	81
Figura 16 – Terceiro e quarto quadros da página 14	83
Figura 17 – Último quadro da página 14, indicando que é noite	84
	84
Figura 18 – Último quadro da narrativa em estudo	

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Principais séries em quadrinhos do período de 1895 a 1991	37
Quadro 2 – Obras PNBE 2012 classificadas por gênero – Acervo 1	51
Quadro 3 - Obras PNBE 2012 classificadas por gênero – Acervo 2	52
Quadro 4 - Obras PNBE 2012 classificadas por gênero – Acervo 3	52
Quadro 5 - Obras PNBE 2012 classificadas por gênero – Acervo 4	53
Quadro 6 – HQ distribuídas pelo PNBE 2012	55
Quadro 7 - Síntese das histórias longas da obra A Turma do Pererê: 365 na Mata do Fundão	69
Quadro 8 - Marcas temporais na HQ	78
Quadro 9 – Aspectos analisados na HQ	86

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Taxa de analfabetismo no Brasil	45
Gráfico 2 - Médias de leitura no Brasil	45
Gráfico 3 – Demonstrativo do número de HQ nos acervos do PNBE	49
Gráfico 4 – Estudo de HQ por autores	57

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	14
O DESPERTAR PARA A PESQUISA	14
A ESTRUTURA DA PESQUISA	18
2 EDUCAÇÃO E LINGUAGEM: A ESCOLA COMO ESPAÇO DE INTERAÇÃO	22
2.1 A VERSATILIDADE DA LINGUAGEM NOS GÊNEROS TEXTUAIS	26
2.2 O GÊNERO HISTÓRIA EM QUADRINHOS.....	30
2.2.1 A estrutura básica das HQ	32
2.3 BREVE HISTÓRIA DAS HQ NO BRASIL	34
2.3.1 Inserção das HQ na sala de aula	42
2.3.2 História em quadrinhos na biblioteca escolar	48
3 METODOLOGIA DA PESQUISA	54
3.1 ETAPAS DA PESQUISA	54
3.2 ESCOLHA DO CORPUS	55
3.2.1 Peculiaridades da obra escolhida	55
3.3 ESTADO DA ARTE DAS HQ NA PERSPECTIVA DA ESCOLA	56
3.3.1 Banco de dados da CAPES	57
4 ANÁLISE DA OBRA A TURMA DO PERERÊ.....	63
4.1 TRAJETÓRIA DA OBRA	63
4.2 ANÁLISE DO LIVRO, PASSO A PASSO	64
4.2.1 Apresentação da obra	64
4.2.2 Configuração dos personagens	72
4.2.3 Composição do enredo.....	74
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	87
REFERÊNCIAS	91
ANEXOS	95
ANEXO 1 – PÁGINAS INICIAIS DA OBRA <i>A TURMA DO PERERÊ</i>	95
ANEXO 2 – HISTÓRIA ANALISADA (GALILEU EM O QUE MAMÃE DIZ É... LEI!)	102
APÊNDICES	108

APÊNDICE 1 – DETALHAMENTO DO ACERVO PNBE 2012/ANOS INICIAIS....	108
APÊNDICE 2 – ESTADO DA ARTE – HQ EM BANCO DE TESES E DISSERTAÇÕES DA CAPES	140
APÊNDICE 3 – LISTA DE HQ DISTRIBUÍDAS PELO PNBE ENTRE 2006 E 2014	145

1 INTRODUÇÃO

O DESPERTAR PARA A PESQUISA

Durante minha infância, tive o privilégio de escutar muitas vezes os relatos de minha avó Ignês De Rossi Branco. Ela contava, com muita emoção, sobre o período em que iniciara a lecionar aos 17 anos de idade, em 1937, na então Escola da Serraria, hoje, Escola Municipal Cristóvão Colombo, fundada em 1925 na Linha Rodrigues, em Vila Ipê - Vacaria. A maneira como ela relatava a mim e às minhas irmãs os métodos utilizados por ela para ensinar os seus alunos, era algo que nos prendia e fascinava, pois era uma realidade distante da nossa.

Naquela época, a pessoa de maiores conhecimentos era escolhida pelas famílias para ministrar as aulas, que, além de instruírem, educavam os alunos. A dedicação das professoras, mesmo com a falta de recursos apropriados para desempenhar tal função, foi um fato incontestável. Os recursos disponíveis eram mínimos, mas, mesmo assim, muitos dos alunos de minha avó conseguiram chegar a Universidade. As professoras daquele período eram verdadeiras heroínas, pois as escolas, na sua maioria, eram de origem modesta e recebiam imigrantes de diversas nacionalidades, de modo que a diversidade estava presente em cada sala de aula.

Alguns anos depois, minha irmã mais velha, talvez influenciada pelas histórias de nossa avó, optou por cursar Magistério e pode também ter a oportunidade de ensinar, assim como nossa avó fizera muitos anos antes. Eu, como sendo a mais nova, ficava apenas admirando, encantada, todo aquele material que ela produzia e preparava com muito carinho e capricho para o seu estágio obrigatório em uma escola. Calada, eu observava tudo atenciosamente, mas sabia que não poderia fazer o mesmo, pois a situação financeira da família não permitiria que eu estudasse durante o dia também, pois precisava trabalhar para auxiliar na renda familiar.

Então, quando chegou a minha vez de frequentar o Ensino Médio, optei por fazer o curso de Tradutor Intérprete, oferecido à noite e, assim, além de aprender outro idioma e outra cultura, eu ainda poderia trabalhar durante o dia. Na sequência, precisei continuar estudando à noite para custear os estudos e mais uma vez foi necessário optar pelo curso de Letras – Secretário Executivo, que era noturno, ao invés de Letras – Licenciatura, que era diurno, e era o de minha preferência, pois sempre gostara muito de ler e de escrever. Assim, cada vez mais trabalhar com a educação foi se afastando dos meus projetos profissionais. Fui me dedicando

mais à aprendizagem da Língua Inglesa, morando durante um ano nos EUA, após a conclusão da graduação, e fazendo cursos do idioma. Até, finalmente, no ano de 2000, surgir a oportunidade de abrir uma franquia de uma escola de idiomas e, então, poder sentir realmente como era a vivência dentro de uma escola, o contato com alunos, pais, professores, a rotina escolar, o desenvolvimento e análise dos materiais pedagógicos.

Após 10 anos atuando como diretora de escola e muitas tentativas de inseminação e fertilização *in vitro*, consegui realizar um dos meus sonhos: o de ser mãe e ter as minhas filhas gêmeas. Assim, mais uma vez os projetos de estudo ficaram em segundo plano, para que eu tivesse tempo de cuidar do meu maior tesouro. As filhas cresceram, foram à escola e começaram os questionamentos quanto a minha formação, sendo elas, com 7 anos de idade, as maiores influenciadoras no meu retorno aos estudos. Com o incentivo das minhas filhas, decidi que finalmente chegara a hora de realizar os projetos que sempre idealizei e que, por diversos motivos, não pude realizá-los anteriormente.

Assim, optei, dentre os cursos de Mestrado da Universidade de Caxias do Sul, pelo Mestrado em Educação. Assim, poderia ter chances de realizar um dos sonhos que ficaram no passado e também contribuir não somente com a formação educacional das minhas filhas, pequenas leitoras, mas também com a de muitos estudantes, que estão na mesma faixa etária delas. Estes leitores têm acesso a obras de literatura infantil nas escolas e contam com o auxílio de mediadores que precisam estar preparados para os desafios que a educação oferece.

Inicialmente, o objeto de pesquisa que idealizei abordava aspectos sobre a educação de múltiplos na mesma sala de aula: os desafios dos profissionais da docência e dos gêmeos. No entanto, após várias conversas com o corpo docente do curso de Mestrado em Educação, recebi a orientação acerca das linhas de pesquisa oferecidas, que também me motivaram, e defini minha linha de pesquisa: *Educação, Linguagem e Tecnologia*, onde tive a oportunidade de conhecer o projeto realizado pela prof.^a Dra. Flávia Brocchetto Ramos, no qual são trabalhados livros literários destinados a crianças. Dentre eles, estão as histórias em quadrinhos, obras estas que sempre me fascinaram, tanto na infância como nos dias atuais, participando do processo de alfabetização e letramento das minhas filhas, pela leitura diária de Histórias em Quadrinhos e demais gêneros da Literatura Infantil.

O fato de conviver com crianças pequenas em casa também proporciona, a partir da leitura de tais obras, momentos de aprendizagem e afeto entre pai, mãe e filhas, pois, nesse momento, ficamos mais próximos das nossas pequenas leitoras, acompanhando um momento

mágico que ocorre durante este processo de interação com a linguagem, quando os pequenos iniciam a ler as primeiras palavras, o primeiro livro.

A escolha pela pesquisa em histórias em quadrinhos veio ao encontro de algo que sempre me mobilizou: o interesse, quando criança e que, ainda nos dias de hoje, continua presente em minha vida devido às minhas filhas. Quando criança, tive o privilégio de ter minha mãe sempre incentivando a leitura, enfatizando a importância de estudarmos e de adquirirmos novos conhecimentos pelos livros.

Morávamos longe da área central da cidade, não tínhamos acesso fácil a transporte e também não dispúnhamos de uma situação financeira que permitisse a compra de livros com frequência. No entanto, uma ou outra vez ao ano, quando saíamos para ir ao dentista ou ao médico (nossos passeios ao centro da cidade), nossa mãe nos presenteava com clássicos da literatura infantil, que eram os nossos presentes mais importantes e tornavam-se uma relíquia para nós.

Algum tempo depois, fomos apresentadas aos gibis¹ (Mickey, Tio Patinhas, Zé Carioca, etc.) por alguns familiares que nos presenteavam com caixas de papelão cheias de histórias em quadrinhos já lidas por seus filhos e que não tinham mais utilidade ou valor para eles. Porém, para nós, tinham um valor inestimável, pois liamos e aprendíamos muito com a leitura destes quadrinhos. Algum tempo depois, começamos a receber os quadrinhos da Turma da Mônica e, conforme fomos crescendo, pudemos comprar com o nosso próprio dinheiro os exemplares que nos agradavam, e assim fomos aumentando a nossa coleção de HQ. Era uma leitura agradável e divertida, além de ser um meio de melhorarmos nossa escrita e também nosso vocabulário, além de agregarmos conhecimentos culturais, pois as HQ traziam histórias narradas no Rio de Janeiro (Zé Carioca), aventuras ao redor do mundo (Mickey, Tio Patinhas, Donald e sobrinhos), Ciências e Engenharia (Prof. Ludovico e Prof. Pardal), o espaço e os planetas (O Astronauta), a era das cavernas (Piteco, Tina e Horácio), entre tantos outros que poderiam ser citados. Assim, ampliávamos nosso conhecimento de mundo de forma prazerosa.

Algumas décadas passaram-se e hoje, graças à crescente valorização do ato de ler como prática social no âmbito educacional e à necessidade de formar leitores letrados, o Ministério da Educação tem realizado crescentes investimentos nesse sentido, como

¹ Revista em quadrinhos para crianças. *Gibi* foi o título de uma revista de história em quadrinhos, cujo lançamento ocorreu em 1939. Graças a ela, no Brasil o termo Gibi tornou-se sinônimo de “revista em quadrinhos”.

campanhas de incentivo à leitura e distribuição de livros não didáticos às bibliotecas de escolas públicas em todo o país, inclusive obras de História em Quadrinhos, que são o foco do presente estudo.

A ESTRUTURA DA PESQUISA

O estudo aqui apresentado parte do seguinte **problema** de pesquisa: **quais procedimentos enunciativos, que mobilizam o leitor, são empregados nas HQ, contribuindo para o seu letramento?** Tais procedimentos contribuem para aproximar o leitor do texto, auxiliando-o na compreensão da narrativa e na interação entre texto e leitor. Desse modo, a partir da fundamentação teórica estudada e da análise descritiva das HQ, apresentaremos uma reflexão sobre a linguagem das Histórias em Quadrinhos (HQ) presente no acervo do Programa Nacional Biblioteca da Escola de 2012 (PNBE 2012) no que diz respeito aos elementos de descrição e também de narração.

Partindo da concepção de que as histórias em quadrinhos são um gênero literário que pode mobilizar os alunos a alcançarem resultados melhores na leitura, devido ao apelo lúdico que as constituem e as aproximam do leitor infantil, definiu-se como **objetivo geral** deste estudo analisar a composição de **HQ, a partir de aspectos linguísticos e visuais que compõem tais textos, a fim de evidenciar procedimentos que contribuem para o letramento de leitores dos anos iniciais do Ensino fundamental.**

Entre os objetivos específicos da pesquisa estão: analisar um título formado por narrativas em quadrinhos presentes no acervo dos anos iniciais do PNBE 2012; investigar os procedimentos discursivos utilizados pelos discursos verbal e visual nas HQ, a fim de buscar estratégias mediadoras de leitura dessa modalidade narrativa; analisar a interação entre as linguagens verbal e visual constitutivas das HQ do acervo do PNBE 2012 e contribuir para a qualificação dos processos de leitura dos anos iniciais do Ensino Fundamental.

Neste contexto, esta pesquisa visa a contribuir com os estudos literários infantis, a partir da análise da linguagem utilizada nas HQ disponíveis no acervo do PNBE e, conseqüentemente, indicar prováveis estratégias para facilitar a compreensão, quando da utilização dos profissionais que farão a promoção e leitura dos livros nas escolas. Pretende, finalmente, refletir em torno da significação de imagens e palavras utilizadas nas obras, com o intuito de auxiliar na formação dos pequenos leitores, a fim de que se constituam como indivíduos letrados.

Importa explicitar que, nesta pesquisa, entendemos como pessoa letrada quem se apropria efetivamente do processo de letramento, tendo em vista que “[...] letramento é o que as pessoas *fazem* com as habilidades de leitura e de escrita, em um contexto específico, e

como essas habilidades se relacionam com as necessidades, valores e práticas sociais ligadas à leitura e à escrita em que os indivíduos se envolvem em seu contexto social.” (SOARES, 2010, p. 72).

De acordo com Vergueiro (2005, p. 21-23), existem vários motivos que “[...] levam as histórias em quadrinhos a terem um bom desempenho nas escolas, possibilitando resultados muito melhores do que aqueles que se obteria sem elas”. O autor explica que as crianças são motivadas a ler quadrinhos e que a integração entre palavra e ilustração amplia o entendimento acerca do lido, além de promover a imaginação, em virtude do caráter elíptico da linguagem quadrinhística, que obriga o leitor a pensar e imaginar; por ser uma narrativa fixa, o texto utiliza-se de momentos chave da história, deixando outros a cargo da imaginação de quem os lê.

Além disso, as HQ apresentam um caráter globalizante, uma vez que são veiculadas em diferentes países e trazem temáticas possíveis de serem entendidas por diversos leitores; há espaço para que sejam utilizadas em qualquer nível escolar e com qualquer tema, devido à grande variedade de títulos, podendo ser trabalhadas desde a educação básica à universitária. No campo da linguagem escrita, o autor ainda argumenta que o gênero auxilia no desenvolvimento do hábito da leitura, possibilitando aos estudantes encontrarem menor dificuldade de concentração em leituras com finalidade de estudo, além de enriquecer o vocabulário, por ser escrito em linguagem de fácil entendimento e com expressões cotidianas, favorecendo a ampliação léxica de forma despercebida por quem lê.

Tendo em vista a relevância de explorar as Histórias em Quadrinhos no espaço escolar, pretendemos contribuir para a área da Educação Básica, a partir de bases teóricas de pesquisa e análise da leitura literária de obras do gênero presentes no acervo do PNBE 2012 dos anos iniciais.

Com esta pesquisa, será possível propor um espaço para a leitura de quadrinhos em sala de aula que oportunize o desenvolvimento da habilidade de leitura das crianças pela exploração de diversos recursos de linguagem, com vistas à ampliação das condições de letramento dos estudantes. Condições essas que propiciem conhecimentos e habilidades em diferentes níveis, seja em situações escolares que requeiram leitura, seja nas demandas sociais de compreensão verbal e visual do cotidiano.

Para desenvolver esta investigação sobre a contribuição das HQ para o letramento dos leitores dos anos iniciais, foi realizado um estudo acerca do estado da arte² da presença das histórias em quadrinhos no Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE). A base de consulta desse levantamento utilizou o Banco de Teses e Dissertações da CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior), reuniões anuais da ANPED (Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação) e reuniões anuais da ANPOLL (Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Letras e Linguística).

O estudo da produção acadêmica e científica sobre o tema indicado utiliza um recorte de tempo dos últimos 9 anos (de 2006 a 2014), como tentativa de analisar as produções relativas à presença e aos efeitos dessa modalidade discursiva no referido Programa. Tem como objetivo identificar, analisar e categorizar as abordagens realizadas pelos estudos localizados, contribuindo para a organização dos fundamentos desta pesquisa. Nessa análise, a dificuldade de localizar os trabalhos na íntegra talvez tenha favorecido a identificação do baixo número de estudos localizados com as categorias pesquisadas. Os resultados do estado da arte estão compilados no capítulo intitulado Metodologia da pesquisa e no Apêndice 2.

Em termos de estrutura, a dissertação apresenta quatro capítulos distintos e interligados no processo de investigação. O primeiro capítulo, intitulado “Educação e linguagem: a escola como espaço de letramento”, é dedicado aos aspectos que envolvem a linguagem, presente em todas as áreas do conhecimento e fundamental para a construção de conhecimento humano. Ainda nesse capítulo, registra-se o encontro da linguagem verbal e visual na literatura infantil e a visualidade no gênero histórias em quadrinhos. Entre os autores estudados para estas reflexões sobre linguagem, estão: Aguiar (2004), Vygotsky (1998), Bakhtin (1981), Ramos (2009), Vergueiro (2009), Morin (2004, 2005), entre outros.

Na sequência, são apresentadas algumas reflexões teóricas a respeito da abordagem da leitura e da literatura infantil na biblioteca escolar, assim como a leitura e a utilização das histórias em quadrinhos em sala de aula. Pretende-se, nesse sentido, fazer uma rápida abordagem, dentro do contexto literário brasileiro, do que aconteceu, em termos de literatura infantil e leitura de histórias em quadrinhos, desde o surgimento no Brasil até a atualidade.

² A revisão da literatura ou Estado da arte procura reunir, analisar e discutir as informações publicadas sobre o tema até ao momento que o trabalho é elaborado. O seu propósito é fundamentar teoricamente o objeto de investigação com bases sólidas, e não arbitrariamente. É o "pano de fundo" do problema de pesquisa. Compreende uma minuciosa busca na literatura, selecionando-se e sintetizando-se ideias, estudos e pesquisas que se relacionem com problema investigado. (http://www4.fe.uc.pt/fontes/restos/estado_das_artes.htm) – acesso em 10/10/2014).

O entendimento sobre narrativas e HQ também é abordado no segundo capítulo da dissertação, bem como a leitura das histórias em quadrinhos nas escolas, abrindo as portas para a análise de obras específicas do gênero, que será feita no capítulo seguinte. Alguns dos autores estudados para compor o capítulo foram Zilberman (2007), Soares (2010) e Saraiva (2001), entre outros.

No terceiro capítulo, há detalhamento do método utilizado na pesquisa e especificações a respeito dos critérios da seleção das obras do PNBE 2012, análise e descrição das mesmas, permitindo, assim, a compreensão do estudo realizado. Há, ainda, a exposição do estado da arte da HQ no ambiente escolar, construído a partir de investigação que objetivou levantar informações acerca do que vem sendo feito em termos de pesquisa sobre o tema, na área de pós-graduação brasileira.

A análise da obra de HQ escolhida para este estudo encontra-se no quarto capítulo da dissertação, e busca identificar potencialidades da narrativa verbal e visual, visando à leitura dos estudantes, além de indicações de como pode se dar esse processo de aprendizagem no âmbito escolar, tendo em vista a função mediadora que o professor assume em sala de aula diante da apropriação da literatura pelos estudantes. Como conclusão da pesquisa, será feita a análise e a interpretação dos resultados obtidos e a sistematização dos estudos realizados.

A pesquisa realizada nesta dissertação, portanto, está vinculada ao projeto de pesquisa “Desafios e acolhimentos da literatura infantil: a mediação de leitura literária”, aprovado pela FAPERGS, pelo Edital Pesquisador Gaúcho, edição 2012, que objetiva estudar obras selecionadas para compor acervos dos anos iniciais do Ensino Fundamental do PNBE. O estudo configura-se como uma tentativa de contribuir para a educação literária dos estudantes, por meio da apresentação de subsídios que instrumentalizem a mediação docente de obras presentes em bibliotecas escolares, já que apenas a distribuição de títulos não garante a vivência da leitura literária.

Vale lembrar que a escolarização dessas obras, conforme pesquisas já realizadas, em geral, não contempla as peculiaridades e a interação das suas linguagens quase não considera as indeterminações presentes na literatura, as quais desafiam o leitor na concretização da obra. Além do exposto, resultados de avaliações sobre a competência de leitura no País revelam que os estudantes leem mal. Frente a esse quadro, pretendemos contribuir para a educação literária, a partir da análise de obras selecionadas pelos últimos acervos do PNBE destinadas aos anos iniciais do Ensino Fundamental

Por fim, almejamos sensibilizar educadores e demais profissionais envolvidos no processo de letramento infantil a levarem em consideração, em seus trabalhos pedagógicos com os pequenos leitores, a utilização das HQ como recurso capaz de auxiliar no letramento infantil, tendo em vista que o gênero dialoga com o universo de expectativas infantil.

2 EDUCAÇÃO E LINGUAGEM: A ESCOLA COMO ESPAÇO DE INTERAÇÃO

Ao se propor pesquisar os aspectos composicionais e articuladores que envolvem as histórias em quadrinhos (HQ), faz-se necessário refletir, primeiramente, acerca de algumas abordagens e conceitos teóricos de linguagem, considerando imagem e palavra como sistemas de linguagem em interação.

Desde o nascimento, os sujeitos estão em contato com a linguagem, uma vez que ela faz parte do cotidiano e se manifesta de forma natural na vida social e nos processos educativos dos quais as pessoas fazem parte, embora nem sempre se perceba ou se pense a sua real importância. Está presente desde o início da história da humanidade, com as pinturas representadas nas paredes das cavernas, há milhares de anos, evoluindo, modificando-se e transformando-se, com o uso da escrita e de imagens, tomando outras formas e constituindo-se de modo definidor para o nosso convívio social e participação ativa no espaço que ocupamos como sujeitos.

Muitas alterações ocorreram nos modos de nos comunicarmos ao longo dos anos, e a linguagem verbal passou a ocupar um lugar de destaque nos processos educativos; por meio dela o aluno pensa, comunica-se e produz conhecimento. Porém, em muitos aspectos, ainda é vista e estudada como uma disciplina restrita ao currículo proposto pelas escolas.

Conforme Vygotsky (1998), a linguagem constitui um sistema de mediação, pois funciona como instrumento de comunicação, e é justamente por meio dela que o indivíduo se apropria do mundo externo, reinterpretando informações, conceitos e significados, assim como organizando seu pensamento expresso em seu discurso oral e escrito, de forma compreensível.

Tendo em vista dois aspectos fundamentais da formação humana - a linguagem como constituidora do humano e uma perspectiva interacionista de aprendizagem -, a seguir, apresentaremos algumas reflexões sobre educação e linguagem, com o propósito de delinear as relações existentes entre a linguagem verbal e a não verbal em obras literárias destinadas ao público infantil, em especial, as histórias em quadrinhos, objeto de estudo desta pesquisa - as quais trazem a imagem e a palavra com interações em graus e naturezas distintas, imprimindo ao gênero literário infantil características que são atualizadas na produção de sentido pelo leitor.

De acordo com o seu tempo e com as necessidades humanas decorrentes das interações sociais, a linguagem assume papel fundamental no processo de socialização do ser

humano, tendo como característica o fato de ser mutável, de evoluir e de se transformar. Desse modo, se a linguagem evolui, a leitura passa a ser uma experiência que vai se alterando conforme o material a ser lido e, conseqüentemente, vai se tornando mais complexo, que implica conhecer e identificar os seus significados.

Vygotsky (1998), ao pensar a teoria do conhecimento, constatou que os indivíduos se desenvolvem e se constituem como tal em suas interações sociais, atribuindo uma natureza social à linguagem. A partir das reflexões propostas pelo autor, entende-se como o sujeito interage com diferentes linguagens, em distintas situações e modalidades discursivas, no acesso aos diversos objetos culturais de seu contexto. Assim, a linguagem tem importância primordial nas relações pessoais, interpessoais, institucionais e culturais de uma sociedade.

Segundo Fontana, (2012, p. 34), “o uso da linguagem é, certamente, um dos domínios fundamentais para a construção de conhecimento em todas as áreas do conhecimento e da cidadania.” A linguagem faculta ao sujeito a participação em atividades sociais, seja na compreensão de leituras diversas ou na necessidade de comunicação. Quando pensamos em linguagem, nos reportamos não somente aos estudos gramaticais, às leituras, ou às disciplinas escolares, mas também a linguagem da vida cotidiana, da interação dos sujeitos.

Conforme Morin (2005), a educação utiliza-se dos conhecimentos existentes e estimula a curiosidade dos leitores para conhecerem e trabalharem com novos gêneros narrativos da literatura. Disso, decorre que o texto literário infantil contribui e ensina a criança a aprender e a conhecer novas formas de leituras, já que a mesma está, desde cedo, imersa na cultura atual diversa de mídias, televisão, *internet*, videogames, etc., que oferecem uma gama variada de textos a serem significados.

Rojo (2009, p. 107) aponta a importância de conhecer e participar de leituras que possibilitem a socialização, pois “[...] um dos objetivos principais da escola é justamente possibilitar que seus alunos possam participar das várias práticas sociais que se utilizam da leitura e da escrita (letramentos) na vida da cidade, de maneira ética, crítica e democrática.” As mudanças que ocorrem na sociedade fazem-nos ver que a escola convive com letramentos diversos, práticas sociais que combinam oralidade e escrita, de acordo com a finalidade e as práticas a que se destinam no universo escolar.

Outros estudos sobre letramento também são avaliados por Brian V. Street, no livro *Literacy in theory and practice* (2003), no qual o autor discute que pesquisas realizadas nos

Estados Unidos demonstram que o letramento varia nas diferentes culturas, instituições e contextos de acordo com o objetivo pretendido. Segundo Street, o letramento

[...] in our view means communicative competence in using written language – that is, mastery of the personal and social functions of Reading and writing, as well as mastery of both forms. Communicative competence involves both comprehending written information and actively expressing one's experiences and intentions in writing to accomplish personally meaningful goals. Literacy is acquired most effectively when attached to one's own life experience, social context and life goals. Materials and curricula are less important for acquiring literacy than is a significant, interactive dynamic relationship with a teacher. The same principals should guide literacy acquisition that guide oral first-language acquisition: language use is natural and necessary to get things done, and it is our most important mode of social interaction. It is self-generated in that it is used voluntarily when the person using it sees the need, and its use is controlled and made meaningful by its real-life context. (STREET, 2003, p. 224).³

O entendimento e os usos que as pessoas fazem da linguagem estão associados ao meio onde vivem. Para Bakhtin (2006), os sujeitos constituem-se na medida em que interagem entre si. A consciência e o conhecimento de mundo resultam como produto desse processo de interação, promovido pelos atos comunicativos. Da mesma forma, o ensinar, o aprender e o empregar a linguagem passam necessariamente pelo sujeito - agente das relações sociais e o responsável pela composição e pelo estilo dos discursos. A linguagem é o resultado da relação entre os falantes, sendo um trabalho linguístico contínuo, realizado por diferentes sujeitos, em diferentes momentos e posições sociais. Este processo acontece nas diversas formas de interação, seja nas conversas informais entre as pessoas, seja na comunicação fornecida pela mídia, por meio da televisão, jornais, revistas, entre outros.

Segundo Bakhtin, a linguagem constitui-se como uma proposta dialógica, como uma resposta a algo que precede o ato de verbalização do sujeito. Nesse sentido, a verbalização do sujeito é entendida como um enunciado, modulado pelo falante para o contexto social,

³ O letramento, sob nosso ponto de vista, significa uma competência comunicativa no uso da linguagem escrita, isto é, o comando das funções, tanto pessoais quanto sociais, da leitura e da escrita, bem como o comando de ambas as formas. A competência comunicativa envolve, ao mesmo tempo, a compreensão da informação escrita e a capacidade de expressar ativamente as próprias experiências e intenções por meio da escrita de forma que se atinja objetivos que são pessoalmente significativos. O Letramento é adquirido de uma forma mais efetiva quando este estiver conectado às próprias experiências dos sujeitos, ao contexto social e aos objetivos de vida. No processo de letramento, tanto materiais quanto currículos são menos importantes do que o que é uma relação significativa, dinâmica e interativa com um professor. Os mesmos princípios que guiam a aquisição da primeira língua oral deveriam guiar o processo de letramento: o uso da língua sendo natural e, ao mesmo tempo, necessário para a execução de atividades cotidianas comuns. Constitui-se, também, em do nosso modo de interação social mais importante. Afinal, trata-se de um processo autogerado, já que este é usado voluntariamente quando a pessoa que o utiliza compreende sua necessidade, sendo seu uso controlado e tornado significativo por seu contexto na vida real.

histórico, cultural e ideológico. Quando os interlocutores colocam a linguagem em território comum entre ambos, ocorrendo uma compreensão desta enunciação, produzem um movimento dialógico, ou seja, um processo de interação entre os discursos, de recepção e de compreensão. Com base na postura bakhtiniana, entendemos que um livro posto na mão do leitor pode constituir-se em um enunciado frente ao leitor.

Nessa relação dialógica entre sujeitos no meio social, em que o verbal e o não-verbal influenciam na construção dos enunciados, a interação por meio da linguagem se dá em um contexto em que ambos participam. O interlocutor interpreta e responde àquele enunciado, por meio de seus pensamentos ou por meio de um novo enunciado oral ou escrito:

Compreender a enunciação de outrem significa orientar-se em relação a ela, encontrar o seu lugar adequado no contexto correspondente. A cada palavra da enunciação que estamos em processo de compreender, fazemos corresponder uma série de palavras nossas, formando uma réplica. Quanto mais numerosas e substanciais forem, mais profunda e real é a nossa compreensão. (BAKHTIN, 2006, p. 135)

Bakhtin também discorre a respeito das variações da palavra. Ela pode ter sentidos diferentes de acordo com o contexto em que ela ocorre e torna-se dialética no sentido de diálogo, de releitura. Desta forma, a língua se constitui em um processo de evolução ininterrupto, realizado pela interação social da linguagem, colocando-nos como integrantes do discurso de outrem. Suas teorias estão cada vez mais inseridas em pesquisas que abrangem diversos campos do conhecimento.

Na obra *Estética da criação verbal* (2000), Bakhtin discute a variedade dos gêneros do discurso existentes na linguagem humana (orais e escritos), sejam eles nas réplicas cotidianas, nas situações familiares, nos documentos oficiais, exposições científicas e em todos os modelos literários. Mudanças históricas na linguagem repercutem nos modos como a língua se organiza e se manifesta, formando os gêneros, pois a língua escrita constitui um conjunto complexo de estilos de linguagem que estão em contínua mudança, principalmente quando pertence à língua literária, que envolve também os estilos da língua não escrita.

Os gêneros mais propícios são os literários – neles o estilo individual faz parte do empreendimento enunciativo enquanto tal e constitui uma das suas linhas diretrizes - ; se bem que, no âmbito da literatura, a diversidade dos gêneros ofereça uma ampla gama de possibilidades variadas de expressão a individualidade, provendo a diversidade de suas necessidades (BAKHTIN, 2000, p. 283).

Nas obras literárias destinadas ao público infantil, o endereçamento dos enunciados é fundamental na organização e estruturação dos gêneros discursivos que os compõem, visto que os leitores dessas obras têm determinadas peculiaridades quanto ao modo de pensar e relacionar-se com os outros. Os pequenos leitores tornam-se cada vez mais exigentes quanto à linguagem visual que as obras literárias apresentam e procuram por publicações que possuam aspectos atrativos que os façam interessar-se também pela leitura da obra. Acrescenta-se ainda que a natureza viva da linguagem propicia que as modalidades discursivas dirigidas às crianças vão se alterando de modo que a história em quadrinhos, de gênero banido no meio escolar, passa a integrar as práticas educativas.

De acordo com Bakhtin (1997, p. 282), os gêneros do discurso nos são dados “quase da mesma forma com que nos é dada a língua materna, a qual dominamos livremente até começarmos o estudo da gramática” e a manutenção de determinadas características, em um determinado modo de expressão, por sua vez, caracteriza um gênero do discurso. Os gêneros estão no dia a dia dos falantes, os quais possuem um infindável repertório, muitas vezes usados inconscientemente. Até nas conversas mais informais, por exemplo, o discurso é moldado pelo gênero em uso.

Os livros destinados ao público infantil apresentam narrativas construídas pela linguagem verbal (escrita) e linguagem não verbal (visual), requerendo atenção de seus mediadores, a fim de que possibilitem aos seus alunos alcançarem competências de leitura desejáveis, de acordo com o nível de aprendizagem no qual se encontram. Em uma abordagem mais ampla, a educação também precisa promover a possibilidade de os leitores avançarem no campo da leitura. Faz-se necessário, nesse sentido, que a apropriação das diversas linguagens e áreas do conhecimento não esteja dispersa na prática dos sujeitos, mas em sintonia no contexto educacional, de modo que a criança desenvolva capacidades para contextualizar saberes, pela ação integrada de aspectos educativos, do conhecimento, da diversidade entre indivíduos e suas culturas.

Assim, com base na produção cultural que se tem acesso, consideramos a história em quadrinhos um gênero presente na constituição da infância. Contudo, para analisar HQ como um gênero, faz-se necessário um estudo mais aprofundado da natureza dos enunciados e da constituição deste estilo literário, assim como de seus aspectos composicionais, considerando a construção dos textos.

No item 3 e subsequentes, serão estudadas peculiaridades do gênero eleito nesta dissertação.

2.1 A VERSATILIDADE DA LINGUAGEM NOS GÊNEROS TEXTUAIS

O desejo de interagir implica o surgimento de distintas formas de expressão. Segundo Aguiar (2004), a comunicação humana é um processo que envolve troca de informações e utiliza sistemas simbólicos para este fim. Além disso, os significados para a comunicação remetem à ideia de relação, sendo que o processo exige sempre dois elementos que interajam entre si. Esta relação pode ser entre seres humanos, animais, máquinas ou envolver ambos. Em todos os casos, é necessário analisar as características, os sistemas utilizados e o contexto da ação, entre outros aspectos. O principal é o sentido atribuído à comunicação como sendo “estar em relação com”, ou seja, o caráter interativo da existência humana.

A comunicação possibilita o convívio social entre as pessoas, que pode ser próxima ou distante, dependendo da modalidade da comunicação (face a face, pela literatura, obras de arte, gestos, imagens, placas informativas, etc.). O convívio social em determinado grupo, com ideias, sentimentos e características diferentes colabora para que o indivíduo reconheça sua identidade e avalie seu modo de ser. Desse modo, a linguagem verbal e a não verbal são duas formas de linguagem para que seja possível a comunicação, ambas intimamente ligadas ao processo de interação social e funcionam no intercâmbio de informação entre sujeitos (AGUIAR, 2004).

Historicamente, a linguagem é constituída de imagens criadas de forma espontânea, que nos acompanham desde que nascemos e permanecem conosco, fazendo parte de nossa primeira e segunda fase da vida, conforme as observações de Vygotsky (1998) em suas teorias de linguagem e pensamento. A linguagem, pela manifestação da visualidade, é uma das formas mais remotas da experiência do ser humano na compreensão do que acontece ao seu redor e na construção de significados, como se constata em pinturas encontradas em cavernas (Figura 1).

Figura 1 - Pinturas rupestres deixadas por povos antigos nas paredes das cavernas



Fonte: Revista chccienciahoje.uol.com.br
(Foto: Acervo da FUMDHAM).

Embora a linguagem permita que a sociedade troque mensagens entre si, em diferentes situações, a própria sociedade providencia meios de comunicação que supram as necessidades de seus integrantes, multiplicando as interlocuções verbais e não verbais. Há uma relação que permite que as linguagens se completem, e, na literatura infantil, muitas vezes estas linguagens se fundem, criando imagens que nos remetem a situações passíveis de serem experimentadas por todos.

Gradualmente, as linguagens organizam-se e adaptam-se de forma a serem aceitas pela comunidade a qual integram, de acordo com as necessidades e interesses do grupo social em que estão inseridas. Tanto as linguagens verbais como as não verbais são formadas por signos, significados e significantes. Para reconhecermos os tipos de signos de cada linguagem e podermos nos posicionar diante dela, é necessário visualizarmos o processo de significação presente.

A linguagem é viva e vai alternando-se, de acordo com as necessidades humanas e o contexto, como é o caso, por exemplo, da fotografia, música, propaganda, poesia e histórias em quadrinhos, entre outras, cada uma apresentando-se de modos distintos, sendo que “a combinação desses códigos promove a interação dos seres humanos e a expressão de seus pensamentos e de seus sentimentos mais profundos”. (AGUIAR, 2004, p. 54). Podemos dizer que a linguagem decorre da necessidade humana de comunicação e pode ser percebida na diversidade dos textos que fazem parte do meio social no qual estamos inseridos. Dessa

forma, tomamos como exemplo as placas, avisos, *e-mails*, mapas e gravuras, os quais contemplam elementos presentes no ato da comunicação.

Quando enviamos uma mensagem, escolhemos os signos e a maneira que os mesmos serão utilizados, buscando a forma que se considera, naquele contexto, mais apropriada para que a comunicação se efetive. Significa que estamos frente a várias alternativas de como manifestar a linguagem e por qual meio, dependendo da significação que se quer dar àquela mensagem.

Em uma perspectiva tradicional da comunicação, o remetente, o contexto, a mensagem, o destinatário, o contato e o código, conforme Aguiar (2004, p. 59), “[...] estão presentes em todo ato comunicativo, isto é, elas atuam simultaneamente quando nos comunicamos. A diversidade reside no fato de que há uma hierarquia entre as funções, uma prevalecendo sobre as outras”. Quando os sujeitos trocam informações e se relacionam, as funções da linguagem estão presentes, porém elas variam de acordo com as manifestações comunicativas, sejam elas um *e-mail*, uma placa com um texto, um poema, a letra de uma música, os dizeres da capa de um livro, etc. Assim, surgem culturas existentes, idiomas, pensamentos, condições sociais e códigos inventados para expressar as intenções de quem deseja interagir. Essas manifestações podem ser divididas “[...] em dois grandes grupos: o verbal e o não verbal. O primeiro organiza-se com base na linguagem articulada, que forma a língua, e o segundo vale-se de imagens sensoriais variadas, como as visuais, auditivas, cinestésicas, olfativas e gustativas.” (AGUIAR, 2004, p. 25).

Para que a linguagem se materialize, é necessária a utilização de um sistema de sinais, códigos e regras de comunicação. Esta comunicação é estabelecida se entendemos o que lemos ou compreendemos o que o outro transmite. Assim, para que as crianças desempenhem a sua competência oral e escrita precisam compreender o que significam os símbolos e códigos e suas relações em cada frase, oração proferida ou escrita, assim como os sentidos atribuídos aos objetos, pessoas, etc. Quanto mais competente for o indivíduo na língua, mais condições terá de agir e interagir em seu meio social. Assim, podemos dizer que o homem distingue-se dos demais seres por consciência das interações que realiza pela linguagem.

Sabemos que a língua é formada por um conjunto de signos que estão de acordo com as necessidades e aceitação do grupo a que pertencem. Quando se escreve, organizam-se as palavras de acordo com as regras da língua a qual os indivíduos estão inseridos, de modo a que se possa haver compreensão. Nas palavras de Azevedo, o ser humano

[...] é o único dentre os animais capaz de, pela linguagem: (a) interagir com seus semelhantes; (b) agir sobre a natureza no sentido de transformá-la de acordo com suas necessidades de sobrevivência (sem considerar, aqui, o valor ético dessas ações); e (c) preservar o fruto dessas constantes transformações (a cultura) ao longo da história, para que as gerações posteriores possam se valer delas sem ter que refazer o caminho já trilhado. (AZEVEDO, 2012, p. 35).

Delineados esses pressupostos, podemos pensar que cada uma destas linguagens de naturezas distintas corresponde a concepções diferentes, pois, mais do que refletir a realidade, ela cria a realidade. Nas histórias em quadrinhos, as linguagens unem-se para formar uma narrativa, mobilizando o interesse do leitor infantil.

Os textos literários, anteriormente constituídos apenas pela linguagem verbal, agora contemplam também a visualidade, como no caso das histórias em quadrinhos. Há ainda, no âmbito da literatura, obras apenas visuais, como narrativas visuais e alguns livros de imagens. Nas obras literárias voltadas à infância, a linguagem visual utilizada nos livros é um dos fatores que mais atraem e estimulam a interação entre o leitor e a obra, exigindo a observação e a reflexão do observador sobre aquilo que está sendo visto. A visualidade mobiliza e seduz a criança, e, a esse respeito, Schwarcz (1982), na obra *Ways of de Illustrator* explica que

[...] humanity has developed a host of means of communications based on just this weaving together of linguistic and visual materials. It is remarkable that children (to whom the verbal text comes at first through the sonorities and inflections of the adult voice) are impressed by combined verbal and visual messages so early in their lives, learn so soon to manipulate and appreciate them, to choose and reject and, above all, want to have ever more of them. (SCHWARCZ, 1982, p. 9).⁴

Neste contexto, baseado nas palavras do autor, observamos que a criança registra suas experiências pela imagem antes da aquisição da palavra e, quando começa a falar, vai se apropriando da linguagem verbal utilizada no grupo social ao qual pertence.

Hoje, ao contrário de outras décadas, as crianças cada vez mais têm acesso a objetos constituídos por mais de uma linguagem, por meio de livros de literatura infantil, desenhos animados, revistas infantis, histórias em quadrinhos, internet e outras tecnologias, que podem

⁴ “[...] a humanidade desenvolveu um arcabouço de meios de comunicação baseados justamente neste entrelaçamento de materiais linguísticos e visuais. É notável, então, que as crianças (a quem o texto verbal chega primeiramente através das sonoridades e inflexões da voz adulta) fiquem tão precocemente, em suas vidas, impressionadas por mensagens verbais e visuais combinadas, aprendam tão cedo a manipulá-las e a apreciá-las, a escolhê-las e a rejeitá-las, e, acima de tudo, queiram sempre ter mais acesso a elas.”

interferir nos resultados das avaliações de leitura realizadas no País. Ou seja, os estudantes dos anos iniciais da escola, no seu cotidiano, estão em contato com diversas linguagens.

Podemos constatar que as crianças, quando em contato com obras infantis, muitas vezes não conseguem relacionar as linguagens verbal e não verbal empregadas naquele suporte, o que dificulta a experiência com o texto. Assim, propõe-se a busca pela competência leitora dessas crianças a partir da reflexão sobre a complexidade presente nas obras no que concerne à mediação e à experiência literária.

2.2 O GÊNERO HISTÓRIA EM QUADRINHOS

Em busca de uma discussão que suscite análise em relação à visualidade na obra literária destinada à infância, em especial, a veiculada nas HQ selecionadas pelo PNBE 2012, torna-se necessário considerar alguns aspectos teóricos e metodológicos relacionados à linguagem empregada na história em quadrinhos, os quais explicitaremos a seguir.

No *Dicionário dos gêneros textuais*, Sérgio Roberto Costa alerta quanto à construção formal da história em quadrinhos que o gênero emprega:

[...] alguns recursos icônico-verbais próprios ou muito recorrentes, com uma morfossintaxe e sintaxe discursivas específicas: o desenho, o requadro (contorno do quadrinho (v.) ou vinheta (v.)), o balão, a figura, o uso de onomatopeias e de legendas (v.), a elipse (*sarjeta, closurel conexão*), a página ou prancha, conjugando discurso verbal e pictogramas. (COSTA, 2012, p. 141).

Os modos de apresentação da história em quadrinhos variam. No entanto, Costa aponta que as HQ teriam três características essenciais: “a) a maioria possui interação dinâmica, criativa e harmoniosa entre história, palavras e imagens/desenhos/ilustrações; b) a quase totalidade dos textos é do tipo narrativo; c) o suporte deve ser manuseável e portátil, sendo o papel o mais comum.” (2012, p. 143).

No livro *Como usar as histórias em quadrinhos na sala de aula* (RAMA et al, 2005), os autores abordam a relevância de que ocorra a alfabetização do leitor na linguagem específica dos quadrinhos, tornando indispensável que o aluno reconheça as múltiplas mensagens neles presentes e, também, que o professor obtenha melhores resultados em sua utilização (RAMA et al, 2005, p. 31) ao tomar conhecimento de que as HQ constituem um sistema de narrativas, composto pelo visual e verbal, que interagem entre si, tornando esse gênero uma linguagem integrada, que pode oportunizar uma compreensão do sentido textual mais ágil.

Dentre as características que as constituem como gênero, podemos citar os balões utilizados para a fala e pensamento dos personagens; as imagens sem palavras, que contam a história por elas mesmas; a dimensão de tempo, composto por ações, movimentos e deslocamentos e o traçado dos requadros⁵, que variam de acordo com as exigências da narrativa, entre outros.

De modo geral, os quadros utilizam as linguagens verbal e visual, assim como os “balões”, característicos dos quadrinhos, com formatos distintos, propondo diferenciações de significação para a leitura e, em sintonia com cada imagem, apresentam elementos de sentido nesse texto, de forma a participar e auxiliar na compreensão do leitor.

Na leitura da visualidade, presente nas histórias em quadrinhos como gênero do discurso, o estudante necessita ser alfabetizado em tal linguagem e, igualmente, o professor, para que este tenha condições de propor a mediação da leitura. Em geral, as narrativas das histórias em quadrinhos constituem um sistema composto pelo visual e o verbal, garantindo ao leitor que esse texto seja entendido. De acordo com Vergueiro,

[...] a grande maioria das mensagens dos quadrinhos, no entanto, é percebida pelos leitores por intermédio da interação entre os dois códigos. Assim, a análise separada de cada um deles obedece a uma necessidade puramente didática, pois, dentro do ambiente das HQ, eles não podem ser pensados separadamente. (VERGUEIRO et al, 2005, p. 31).

Ao longo dos anos, os autores das HQ foram se adaptando às exigências que a rapidez da comunicação exigiu, aplicando elementos para essa modalidade discursiva próprios do cinema ou de outras linguagens, efetivando adaptações, de acordo com a necessidade. Ainda nas palavras de Vergueiro, [...] alguns destes elementos foram criados dentro do ambiente próprio dos quadrinhos. Outros vão buscar sua inspiração em diferentes meios e formas de expressão, tomando emprestado e apropriando-se de novas linguagens, adaptando-se conforme a criatividade dos autores das HQ. (VERGUEIRO et al, 2005, p. 31).

Elementos explorados na linguagem cinematográfica podem ser observados nas imagens desenhadas, como mudanças de perspectiva, exploração dos planos, ângulos de visão, na sequência de quadros, entre outros, independente do estilo de narrativa (ficcional, conto de fadas, aventuras, super-heróis, histórias infantis, etc.).

⁵ O termo requadro é utilizado pelos profissionais da área de HQs e constitui a moldura da cena apresentada pelo conjunto de linhas que delimitam o espaço do quadro.

Apesar de a imagem das HQ ser o elemento básico apresentado na sequência dos quadros, a técnica utilizada dependerá do objetivo de cada autor ao produzir a sua história. Cada estilo é adequado ao formato da narrativa proposta, cabendo ao mediador diferenciar os estilos e tirar vantagens no processo de ensino de leitura de HQ. Considerando que as histórias em quadrinhos utilizam a interação dos estilos de linguagem, parte da significação do enredo é apresentada pela linguagem verbal, utilizada para expressar a fala, o pensamento e os sentimentos dos personagens e parte pela visual, também expressando o que os personagens estão sentindo ou vivenciando no conflito.

Vale lembrar que história em quadrinhos é uma das tantas formas de narrar que circulam na sociedade. Esta investigação elege como objeto de estudo a história em quadrinhos de natureza literária, haja visto que o gênero tem sido usado tanto para fins literários como didáticos. Interessa, portanto, a história com propósito simbólico, em virtude de possibilitar maior espaço de atuação para o leitor.

2.2.1 A estrutura básica das HQ

Diversas modalidades compõem os textos narrativos dos quadrinhos, dependendo do modo como alguns pesquisadores os classificam (charges, quadrinhos, humor gráfico, entre outros). A diversidade está atrelada a uma série de fatores, dependendo da intenção do autor, da maneira como a história é editada e de como o leitor a recebe. É um assunto que precisa de um estudo mais aprofundado. Na linguagem dos quadrinhos, o que mais lhes dá originalidade são os balões utilizados como recursos para expressar pensamentos, falas, dor, entre outros aspectos, pois eles aparecem nos quadros em vários formatos e representando diversos estilos de linguagem e de expressões.

Diferentes formas de letras também são empregadas nos quadrinhos para indicar mudanças na linguagem dos personagens, assim como as legendas utilizadas quando há necessidade de indicar a voz de um narrador ou alguém externo à ação. Diversos elementos são utilizados, como recursos gráficos, notas de rodapé, repetições de sílabas, entre outros recursos visuais.

As histórias em quadrinhos, ainda, diferenciam-se de outras narrativas presentes no âmbito da literatura infantil por se constituírem de “[...] narrativa breve em que é mostrado um episódio na vida dos personagens. Não se trata de uma história no sentido estrutural de

apresentar uma trama de conflitos para chegar ao final, em que os personagens encerram suas trajetórias ficcionais com o fim da narrativa” (AMARILHA, 2007, p. 1). Nessas narrativas, tende a haver a produção de várias histórias com os mesmos personagens, de modo similar às séries. Cada episódio narrado trata de uma determinada situação vivenciada pelos personagens, que interagem e resolvem a situação naquele segmento. Assim, os mesmos ficam livres para viverem novas aventuras em outras histórias, tornando a leitura atraente aos olhos do leitor, pois entende que haverá continuidade. Segundo Amarilha (2007), as narrativas em quadrinhos, protagonizadas por crianças ou animais falantes, atraem as crianças à leitura desse gênero literário, favorecendo o acesso a diversos estímulos, bem como ao conhecimento.

Vergueiro e Ramos (2009) reafirmam a preferência dos pequenos leitores por livros que são compostos por histórias com personagens que eles possam se identificar, neste caso, crianças. Assim, defendem que o sucesso das histórias em quadrinhos, protagonizada por crianças, se deve ao fato de as crianças desses enredos

[...] agirem de forma pró-ativa em relação ao meio e às pessoas com quem convivem, funcionando como catalisadores para os anseios e frustrações dos pequenos leitores, muitas vezes socialmente contidos por pais, avós ou professores. E isso é válido mesmo considerando que essas histórias, em sua maioria, defendem e fortalecem o ambiente familiar como espaço apropriado para o crescimento e a formação de caráter, exercendo, assim, um papel educativo complementar ao das instituições formais (VERGUEIRO; RAMOS, 2009, p. 166).

Os autores defendem que as crianças, ao lerem as histórias em quadrinhos, encontram, muitas vezes, respostas aos seus anseios e dúvidas, pois tais enredos tendem a ser protagonizados por crianças, as quais retratam episódios semelhantes aos vivenciados em seu cotidiano, facilitando, assim, a identificação com o enredo da história.

2.3 BREVE HISTÓRIA DAS HQ NO BRASIL

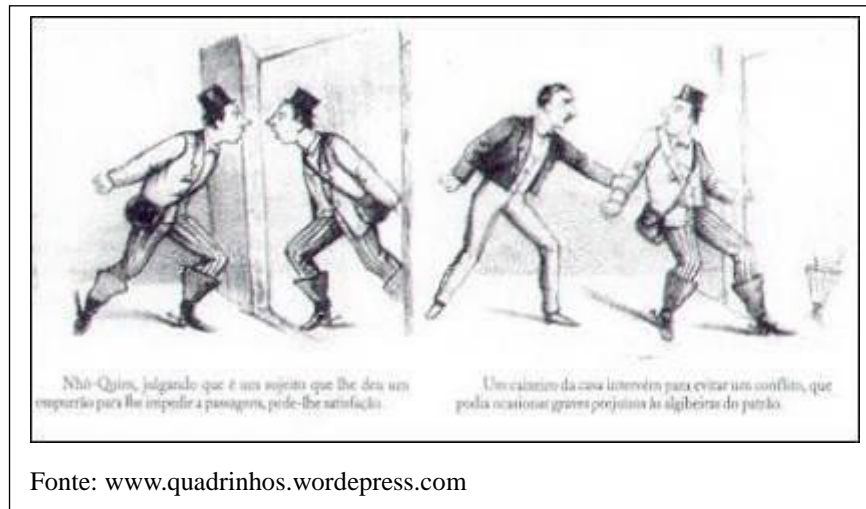
Há mais de um século, as histórias em quadrinhos começaram a se impor e se constituir em uma das mais populares formas de expressão da cultura de massa, desafiando e influenciando artistas de diversas nacionalidades. No Brasil, revelaram grandes talentos, que divertiram muitas gerações e também promoveram valores culturais em várias gerações.

Para iniciarmos um entendimento sobre as narrativas das HQ, torna-se necessário conhecer primeiramente um pouco do surgimento desse gênero literário no Brasil, assim como o seu desenvolvimento até chegar às obras que temos acesso hoje.

De acordo com Moya (1993, p. 8-30), muitos foram os ilustradores e escritores que deram vida a personagens ilustres e ainda conhecidos nas histórias em quadrinhos, em se tratando de nomes estrangeiros, como Rudolph Topffer, professor suíço, um dos precursores da “literatura em estampas”; Wilhelm Busch, poeta, artista e humorista, considerado um dos precursores dos quadrinhos; Richard F. Outcault, criador do primeiro personagem fixo semanal, dando margem ao aparecimento das histórias em quadrinhos e Winsor McCay, criador das mais belas páginas de surrealismo no mundo dos quadrinhos. Muitos outros nomes poderiam ser citados nesta pesquisa, porém, priorizando os nomes brasileiros e a nossa história, iniciaremos a contá-la a partir dos feitos realizados em território nacional.

As histórias em quadrinhos tiveram sua origem na civilização europeia, onde as técnicas de reprodução gráfica proporcionavam a união da imagem com palavra, porém foi por meio de grandes empresas jornalísticas americanas, no final do século XIX, que os “comics”, como eram chamados os quadrinhos, adquiriram autonomia, tornando-se atração nos jornais e auxiliando na comercialização dos mesmos.

Conforme relato de Moya (1993, p. 16), o pioneiro dos quadrinhos no Brasil foi Angelo Agostini, que nasceu em Vercelli, no Piemonte, Itália, em 1943, passou infância e adolescência em Paris e veio com a mãe viúva a São Paulo, no ano de 1859, quando esta atuava como cantora lírica e estava em turnê pelo país. Assim, começou a trabalhar como desenhista na revista *Diabo Coxo*, em 1864, e, em 1866, como colaborador da revista *O Cabrião*. Em 1867, fez suas primeiras histórias ilustradas, chamada *As cobranças*. No mesmo ano, mudou-se para o Rio de Janeiro, onde começou a ilustrar outras revistas locais até fundar, no ano de 1867, a *Revista Ilustrada*, que dirigiu até 1888. Sua primeira história com personagem fixo surgiu em 30 de janeiro de 1869, na *Vida Fluminense*, com o nome de *As aventuras de Nhô Quim* ou *Impressões de uma viagem a corte*. Para melhor entendimento de como era esta revista ilustrada, podemos verificar, na Figura 2, a imagem de uma parte da narrativa de *Nhô Quim*, na qual aparecem alguns dos personagens da história.

Figura 2 - Nhô Quim - Revista Ilustrada

Ainda na *Revista Ilustrada*, no ano de 1883, Angelo Agostini iniciou *As aventuras de Zé Caipora*⁶, criando outro personagem seriado, sempre em duas páginas, mas com muitas interrupções, devido as suas viagens. Em 1888, parte para a Europa e retorna ao Brasil, publicando de novo, em 1895, na revista *Dom Quixote*. Após, trabalha na editora *O Malho*, onde publica outra vez *Zé Caipora* até o número 75, em 15 de dezembro de 1906, data em que suas histórias ilustradas desaparecem para sempre.

É exatamente na editora *O Malho* que, em outubro de 1905, é lançada a revista *O Tico-Tico*, que mais tarde viria a ser um marco das publicações em quadrinhos dedicadas ao público infantil. A editora *O Malho* foi a responsável pelo lançamento da publicação da edição e, logo em seguida, também pela reimpressão, devido ao sucesso no início de seu surgimento. A tiragem inicial era de 21 mil exemplares, e o custo era de duzentos réis (moeda da época), ampliando para 27 mil exemplares, na edição de número 6, e para 30 mil exemplares, na edição de número 11.

O jornalista Luís Bartolomeu de Souza e Silva fundou a S.A. *O Malho* com colaboração do professor Manuel Bonfim e por sugestão de Renato de Castro. O nome da revista fora escolhido em homenagem a Manuel Bonfim, devido às escolas de primeiras letras, naquela época, serem chamadas de “tico-tico”. O logotipo da revista apresentava um pássaro pousado em cima de um balanço, suspenso por duas crianças despidas que o seguram

⁶ Fontes: MOYA, Álvaro de. "Angelo Agostini". In <http://www.mre.gov.br>, <http://www.itaucultural.org.br> e MOYA, Álvaro de. *Um ítalo-brasileiro pioneiro dos quadrinhos*. In *História da história em quadrinhos*. São Paulo: Brasiliense, 1993.

para que o pássaro fique sobre o mesmo, entre as duas palavras que compõem o nome da revista. Mais algumas crianças, também despidas fazem parte da imagem, algumas estão com um livro nas mãos, supostamente lendo-o, e as demais apenas observam. A impressão em papel colorido era a grande atração da revista para os pequenos, conforme Figura 3 a seguir, que traz a imagem da revista, com os elementos já citados.

Figura 3 – Revista O Tico-tico, primeira revista em quadrinhos do Brasil



Muitos desenhistas da época aproveitaram *O Tico-Tico* e seus almanaques para criar suas próprias revistinhas, de acordo com as palavras de Moya (1993). Segundo o autor, o mais famoso personagem de *O Tico-Tico* era Chiquinho. Este personagem, para a época, trouxe muitas aventuras, histórias e adivinhações àquelas crianças que viviam em um período de poucas oportunidades e diversões para sua faixa etária. O Tico-Tico foi o pássaro propulsor do voo de muitas crianças, as quais se tornaram importantes personagens da história das HQ.

Após a publicação da primeira revista em quadrinhos no Brasil, outros nomes fizeram história nesse tipo de publicação. O desenhista Jayme Cortez foi um deles; era português, da cidade de Lisboa, porém veio ao Brasil em 1947, conforme dados de Moya (1993, p. 149). Iniciou sua carreira no Brasil, fazendo tiras em quadrinhos para o *Diário da noite*, *Caça aos fantasmas* e o *Guarani*. De acordo com Moya,

Graças a Cortez, um número incrível de gráficas da Mooca passou a publicar revistas populares – terror, infantis, humorísticas, aventuras -, abrindo um leque amplo de publicações, revelando escritores, editores, desenhistas, capistas, letristas e profissionais do campo gráfico. E a presença marcante de Cortez revelou jovens e talentosos desenhistas, entre eles, Maurício. (MOYA, 1993, p. 149).

Ainda conforme Moya, neste período que Cortez esteve no Brasil, o mesmo colaborou também com a Editora Abril e com a Unesco, até falecer em julho de 1987. Apesar dos

esforços dos cartunistas brasileiros, inicialmente, os quadrinhos tiveram um ambiente mais propício para sua divulgação nos Estados Unidos no final do século XIX, devido aos elementos tecnológicos do país estarem mais consolidados. Essas histórias em quadrinhos foram levadas ao mundo todo pelos *syndicates*⁷, colaborando para a divulgação de valores e cultura do país. Neste mesmo período, também a Segunda Guerra Mundial contribuiu para a disseminação dos quadrinhos, devido à utilização de heróis fictícios no conflito bélico, o que aumentava o consumo das revistas pelos adolescentes da época.

Durante muitas décadas, a influência estrangeira e o controle pelos *Syndicates* persistiram no Brasil. O País acabara de sair de três revoluções (1924, 1930 e 1932), o que afetara a política nacional, assim como a indústria gráfica. Entravam no País obras em quadrinhos que se destacavam e faziam sucesso em seu lugar de origem. Podemos visualizar no Quadro 1, a seguir, por ordem cronológica, uma seleção das principais séries em quadrinhos⁸:

Quadro 1 - Principais séries em quadrinhos do período de 1895 a 1991

ANO	HISTÓRIA EM QUADRINHOS	AUTOR/CARTUNISTA	ORIGEM
1895	<i>O menino amarelo/The yellow kid</i>	Richard F. Outcault	
1905	<i>Little Nemo in Slumberland</i>	Winsor McCay	EUA
1913	<i>Krazy Kat</i>	George Herriman	EUA
1916	<i>Pafúncio e Marocas/Bringing Up Father</i>	Geo McManus	EUA
1923	<i>O Gato Félix/Felix the Cat</i>	Pat Sullivan	EUA
1929	<i>Tintin</i>	Hergé	Bélgica
1929	<i>Tarzan</i>	Hal Foster	EUA
1931	<i>Dick Tracy</i>	Chester Gould	EUA
1934	<i>Flash Gordon</i>	Alex Raymond	EUA
1934	<i>Ferdinando</i>	Al Capp	EUA
1936	<i>Fantasma</i>	Lee Falk e Ray Moore	EUA
1937	<i>Tarzan</i>	Burne Hogarth	EUA
1937	<i>Príncipe valente</i>	Hal Foster	EUA
1940	<i>The Spirit</i>	Will Eisner	EUA
1947	<i>Steve Canyon</i>	Milton Caniff	EUA
1950	<i>Peanuts</i>	Charles Schulz	EUA
1956	<i>Os Anti-Heróis</i>	Jules Feifer	EUA
1957	<i>Cocco Bill</i>	Benito Jacovitti	Italia
1958	<i>Zé do Boné</i>	Reg Smithe	Inglaterra
1959	<i>Astérix</i>	René Goscinny e Albert Uderzo	França
1959	<i>Pererê</i>	Ziraldo	Brasil
1962	<i>Mort Cinder</i>	Héctor Oesterheld e Alberto Breccia	Argentina
1962	<i>Homem-Aranha</i>	Stan Lee e Steve Ditko	EUA

⁷ Grandes organizações distribuidoras de notícias e material de entretenimento para jornais de todo o planeta (RAMA et al, 2005. p. 10).

⁸ Fonte: Cirne, Moya et al. Literatura em quadrinhos no Brasil, 2002. Moya, Álvaro de. História das histórias em quadrinhos. 1993.

1964	<i>Fradinhos</i>	Henfil	Brasil
1964	<i>Mafalda</i>	Quino	Argentina
1964	<i>O Mago de Id</i>	Johnny Hart e Brant Parker	EUA
1965	<i>Valentina</i>	Guido Crepax	Itália
1965	<i>Fritz de Cat</i>	Robert Crumb	EUA
1966	<i>Philémon</i>	Fred	França
1967	<i>Corto Maltese</i>	Hugo Pratt	Itália
1967	<i>Hit Parede</i>	Wolinski	França
1969	<i>Lobo Solitário</i>	Koiki e kojima	Japão
1970	<i>Zeferino</i>	Henfil	Brasil
1970	<i>Paulette</i>	Georges Wolinski e Georges Pichard	França
1977	<i>Ken Parker</i>	Giancarlo Benardi e Ivo Milazzo	Itália
1988	<i>Sandaman</i>	Neil Gaiman e outros	EUA
1991	<i>Sin City</i>	Frank Miller	EUA

Fonte: Organizado pela pesquisadora.

As séries em quadrinhos aqui mencionadas representam as obras de maior destaque no gênero. No entanto, mais obras têm ou tiveram leitores assíduos, tais como: *Cinco por Infinitus*, *Recruta Zero*, *X-Man*, *Calvin*, entre outras. Conforme Cirne et al (2002, p. 37), “[...] o mundo dos quadrinhos é mais vasto do que podemos imaginar [...]”. Assim, é possível que alguma edição em quadrinhos possa ter ficado fora da seleção realizada, devido à quantidade e à diversidade de publicações em formato HQ existentes.

Focalizando este estudo somente nas publicações nacionais, entre os autores de HQ que se destacaram e fizeram sucesso junto a gerações de leitores, principalmente entre o público infantil, podemos citar Henfil, Ziraldo e Maurício de Sousa, sendo que os dois últimos marcaram presença com suas obras na seleção realizada para o acervo do PNBE de 2012, no gênero histórias em quadrinhos, objeto de estudo desta análise.

Ambos iniciaram sua trajetória como cartunistas em datas aproximadas, quando o País começava lentamente a abrir portas para as tirinhas de humor em jornais e revistas. Podemos dizer que o início deste gênero literário no Brasil não foi dos mais gloriosos e bem sucedidos, pois os desenhistas precisaram lutar pelo mercado, devido ao domínio estrangeiro que circulava aqui, com histórias em quadrinhos traduzidas para o português.

De acordo com Luyten *et al* (1985, p. 44-49), nos anos 30, o *Suplemento Juvenil*, idealizado por Adolfo Aizen, traz para o Brasil heróis famosos como Flash Gordon, Tarzan, Jin das Selvas, Mandrake, entre outros. Nos anos 40, começam a aparecer nas HQ desenhos de artistas nacionais, porém ainda com influência dos hábitos americanos em suas narrativas. Já nos anos 50, alguns personagens eram criados a partir de outros já existentes em outras mídias (rádio, televisão e cinema), tais como: Grande Otelo, Oscarito e Mazzaropi.

É nos anos 60 que, finalmente, surge o cartunista Ziraldo, com *O Pererê* (Figura 4), obra em quadrinhos que representava os costumes e o folclore brasileiro, em meio a todas as outras histórias em quadrinhos que circulavam no país, veiculando personagens estrangeiros. Também na década de 60, outro cartunista, Henfil, tem destaque com *Os Fradinhos*. A marca registrada do cartunista Henfil, em suas histórias em quadrinhos, era o desenho humorístico político, crítico e satírico, com personagens tipicamente brasileiros.

Figura 4 – Revista O Pererê, 1960, de Ziraldo



Fonte: <http://wp.clicrbs.com.br/almanaquegaucho/2012/10/24/perere-original>

No mesmo período, o cartunista Ziraldo já escrevia suas charges em jornais e revistas brasileiras. Ziraldo, com um senso de humor crítico, levou seus traços e palavras à literatura infantil e adulta. Sua popularidade iniciou com a criação dos personagens *Supermãe*, *Mineirinho*, entre outros, na revista *Era uma vez*. Porém, é com *A Turma do Pererê* que passou a produzir e publicar suas próprias narrativas. Além das histórias publicadas no Brasil, Ziraldo teve seus trabalhos editados na revista americana *Graphis*, periódico de grande importância nos Estados Unidos no meio das artes gráficas. No ano de 1969, recebeu o Oscar Internacional de Humor no XXXII Salão Internacional de Caricaturas de Bruxelas e o Merghantealler, Prêmio Áureo da Imprensa Livre Latino-Americana. No mesmo ano, Ziraldo

publica seu primeiro livro infantil, chamado *FLICTS*, sendo reconhecido globalmente pela obra que usava muitas cores e poucas palavras. Na década seguinte, anos 70, vem o reconhecimento internacional e, nos anos 80, lança a obra *O Menino Maluquinho*, que vem a se tornar o maior sucesso editorial da feira do livro daquele ano, recebendo também o Prêmio Jabuti, da Câmara Brasileira do Livro. Ziraldo envolve-se em diversos projetos, entre educacionais e editoriais, sempre produzindo e divulgando sua obra.

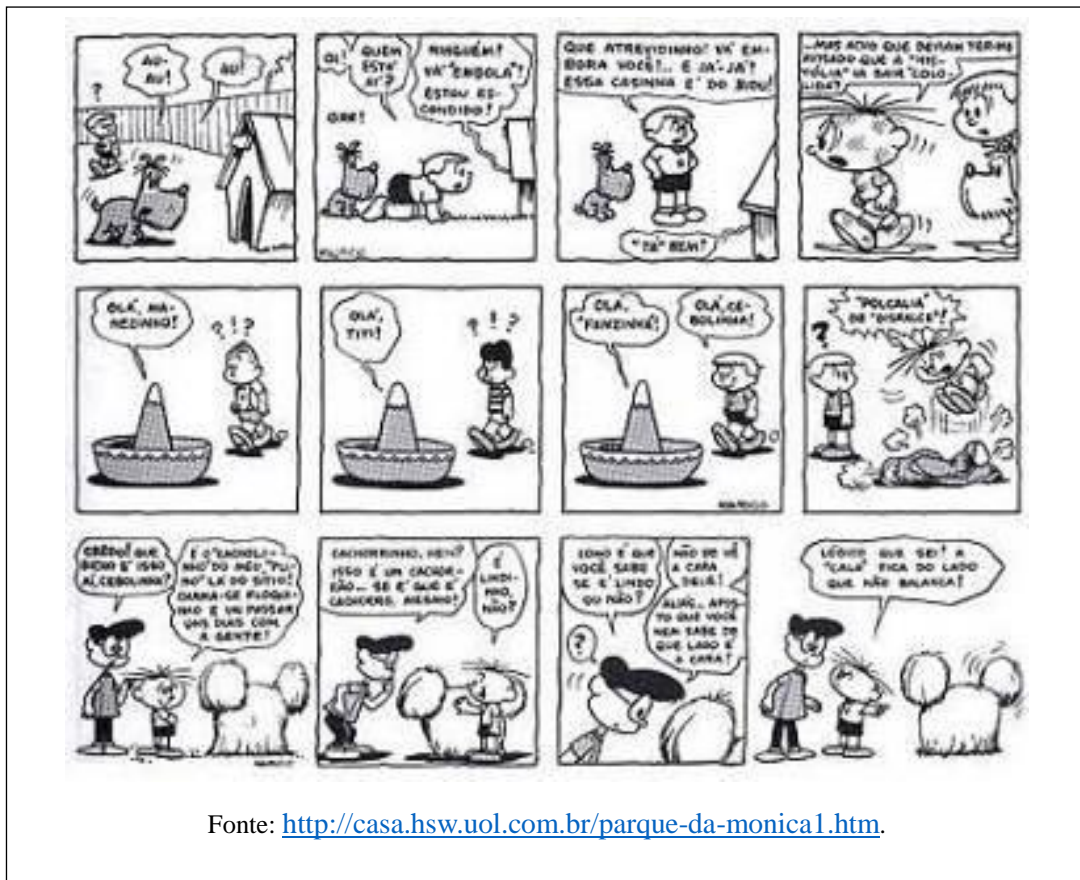
No livro *Literatura em quadrinhos* (CIRNE *et al*, 2000, p. 33), encontramos a seguinte observação acerca dos autores:

Poucas vezes, na história da cultura brasileira (seria melhor dizer das culturas brasileiras), uma obra conseguiu refletir com tanta intensidade simbólica uma dada época – neste caso, o período de 1959/1964. Há a questão do populismo, que atravessa os quadrinhos de Ziraldo, como atravessa as manifestações culturais e sociais agenciadas pela esquerda política, de cunho nacionalista, e há as questões que apostam generosamente no que seria a brasilidade. Além do mais, há que registrar a configuração de um personagem riquíssimo como elaboração temática: a onça Galileu.

Atualmente, Ziraldo continua contribuindo para a cultura brasileira, pela qual tanto fez durante toda a sua carreira, usando de seu talento como artista, desenhista, cartunista, jornalista e humorista.

Outro cartunista que se destacou no gênero quadrinhos para o público infantil é Mauricio de Sousa, que, no ano de 1959, lançou sua primeira tirinha em quadrinhos da Folha de S. Paulo, com Bidu, abrindo portas para o sucesso que viria nos anos seguintes, com seus personagens da Turma da Mônica. Na Figura 5, podemos visualizar as três primeiras tirinhas publicadas no jornal Folha de S. Paulo, nas quais já aparecem as imagens dos personagens Bidu, Franjinha, Cebolinha, Floquinho e Titi, que, nos anos seguintes, passam a compor a turminha da Mônica, nas histórias em quadrinhos do autor.

Figura 5 – Primeiras tirinhas de Maurício de Sousa



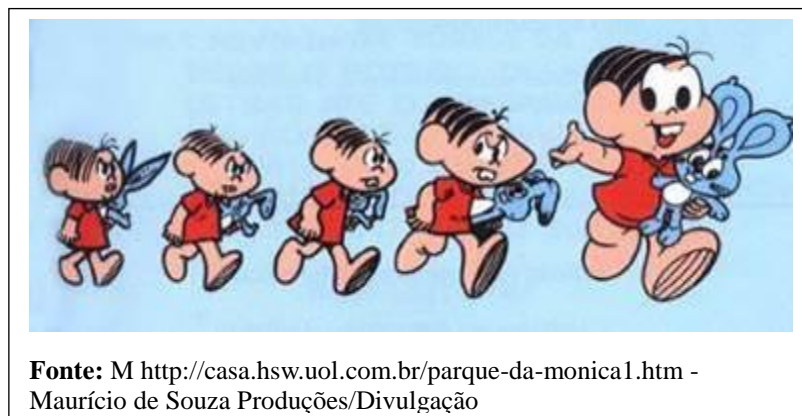
Nesta época, Maurício de Sousa trabalhava como repórter no jornal, e suas tirinhas eram publicadas semanalmente. Como pode ser observado na Figura 3, os primeiros personagens criados por ele foram Bidu e seu dono Franjinha. Depois, foram sendo criados os demais personagens, que hoje compõem a turma da Mônica. A revista em quadrinhos da Turma da Mônica surge no ano de 1970 (Figura 6), pela Editora Abril. Três anos depois, é lançada a revista do personagem Cebolinha. Inicialmente, todas as revistinhas de Maurício de Sousa foram publicadas pela editora Abril, depois pela Globo e, a partir de 2007, pela multinacional Panini.

Figura 6 - Primeira aparição da personagem Mônica, 1970



Os traços dos personagens criados por Maurício de Sousa também foram mudando ao longo dos anos, ficando mais arredondados e delicados, com um aspecto mais agradável e estético, conforme Figura 7, onde podemos observar a preocupação do cartunista em melhorar gradativamente as ilustrações.

Figura 7 - A evolução dos traços da personagem Mônica



Durante as décadas passadas, os quadrinhos no Brasil tiveram como fonte de publicação jornais e revistas, sendo estes o seu principal meio de divulgação. A partir das primeiras publicações em formato de revista, as HQ nacionais passam a ser mais valorizadas e admiradas pelos leitores. Nas palavras de Cirne, a HQ

[...] é um papel impresso, gravado, de consumo lento e duradouro. Mas, em sendo seu veículo a revista e sua condição à periodicidade, ela se dilui, se derrama como leite pelas bordas do vaso que o contém. A história em quadrinhos não está condicionada como o livro, o homem não se habituou a guardá-la na estante. A falta não é da história em quadrinhos. (CIRNE, 1973, p. 38).

Esta constatação de Cirne leva-nos a refletir se, hoje, os leitores adquiriram ou não o hábito de guardarem os livros em quadrinhos com o mesmo cuidado com que guardam os demais livros que possuem em suas estantes, armários e bibliotecas.

2.3.1 Inserção das HQ na sala de aula

As histórias em quadrinhos estão presentes no imaginário de crianças e jovens desde o século XIX, quando foram lançadas as primeiras publicações em quadrinhos, e, por um longo período, circularam nas escolas de forma sorrateira, escondidas entre os materiais de aula dos alunos, devido à forma pejorativa como era vista pela escola. Na primeira oportunidade, os alunos as liam escondidos dos professores, evitando, assim, algum tipo de punição, caso fossem descobertos, por estarem infringindo as normas da escola. Desse modo, as HQ contribuíram no processo de alfabetização de muitas crianças, pois, mesmo sendo vetadas nas escolas e também por algumas famílias, muitos alunos tiveram acesso a este tipo de leitura, em ambientes fora do universo escolar, e puderam ter acesso às sutilezas da linguagem das HQ.

Durante muito tempo, a influência das HQ foi tida como negativa para o desenvolvimento intelectual e moral do público infantil. E, até alguns anos, levar histórias em quadrinhos para a sala de aula era motivo de repreensão por parte dos professores e da escola, por serem interpretadas como leitura de lazer. Essa concepção somente foi superada com o avanço dos estudos da Linguagem e da Educação, e, gradualmente, as histórias em quadrinhos foram sendo utilizadas no processo educativo, chegando, nos dias de hoje, a fazer parte de materiais didáticos utilizados nas escolas.

Entender a especificidade da linguagem das histórias em quadrinhos significa compreender os mecanismos estruturais que a compõem e a linguagem utilizada pelos autores das mesmas. No livro *Como usar as histórias em quadrinhos na sala de aula*, (VERGUEIRO, 2005, p. 28) essa fase é analisada da seguinte forma:

Nível Fundamental (1ª. a 4ª. séries): nos primeiros anos, não se pode identificar qualquer salto na capacidade expressiva dos alunos, que evoluem de forma sistemática e gradual para maior reconhecimento e apropriação da realidade que os circunda. Aos poucos, a criança vai deixando de ver a si mesma como o centro do mundo e passa a incorporar os demais a seu meio ambiente, ou seja, evoluindo em termos de socialização. Da mesma forma, começa a identificar características específicas de grupos e pessoas, podendo ser apresentada a diferentes títulos e revistas em Quadrinhos, bem como ser instada a realizar trabalhos

progressivamente mais elaborados, que incorporem os elementos da linguagem dos Quadrinhos de uma forma mais intensa.

As palavras de Vergueiro nos levam a refletir que as HQ também podem participar gradativamente nos processos de leitura escolarizados. Entre os elementos que se destacam na utilização dos quadrinhos como estratégia de aprendizado estão o processo de leitura, a associação de palavras e imagens e, principalmente, o despertar da criança para a criatividade, devido à diversidade de gêneros narrativos que se apresentam na constituição dos quadros e nas ilustrações das histórias. Zilberman (2007) também destaca a importância da visualidade como elemento que pode ser um atrativo aos pequenos leitores:

Se a literatura infantil se destina a crianças e se acredita na qualidade dos desenhos como elemento a mais para reforçar a história e a atração que o livro pode exercer sobre os pequenos leitores, fica patente a importância da ilustração nas obras a eles dirigidas. (ZILBERMAN, 2007, p. 12).

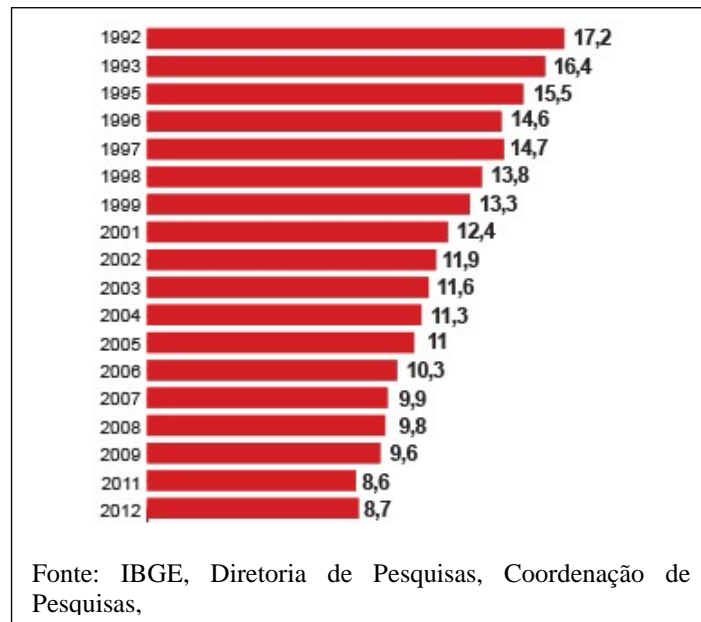
De acordo com a autora, com o crescimento da circulação de obras de literatura infantil, a partir de sua distribuição nas escolas, outros elementos passaram a ser considerados. Vale refletir sobre a linguagem visual da ilustração das obras literárias infantis como elemento importante para reforçar a atração que o livro pode exercer sobre os pequenos leitores, pois estes passam a constituir uma espécie de novo objeto cultural, no qual o visual e o verbal se mesclam.

Várias considerações são necessárias para entendermos as questões que envolvem a linguagem das histórias em quadrinhos, pois conforme especificado anteriormente, estas histórias foram incluídas nos acervos de literatura infantil do PNBE para distribuição nas escolas, porém não são consideradas obras literárias pelos estudiosos em quadrinhos.

Para fundamentar esta linguagem quadrinhística, Ramos (2009) enfatiza em suas obras que “quadrinhos” devem ser chamados de “quadrinhos”, assim como outros estudiosos em quadrinhos o fazem, evitando procurar rótulos literários mais aceitos nas escolas ou universidades. As histórias em quadrinhos configuram uma linguagem própria para representar seus elementos narrativos, apesar de possuírem muitos elementos semelhantes aos da literatura. “Ler quadrinhos é ler sua linguagem, tanto em seu aspecto verbal quanto visual (ou não verbal). A expectativa é que a leitura – da obra e dos quadrinhos – ajude a observar essa rica linguagem de um outro ponto de vista, mais crítico e fundamentado” (RAMOS, 2009, p. 14).

Considerando as últimas décadas, a educação brasileira apresentou inúmeras mudanças, como a redução do analfabetismo e o aumento expressivo de matrículas nas escolas. De acordo com os índices apresentados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) (Gráfico 1), podemos visualizar queda nas taxas de analfabetismo do País, com exceção do ano de 2012, quando o índice apresentou um pequeno crescimento após anos.

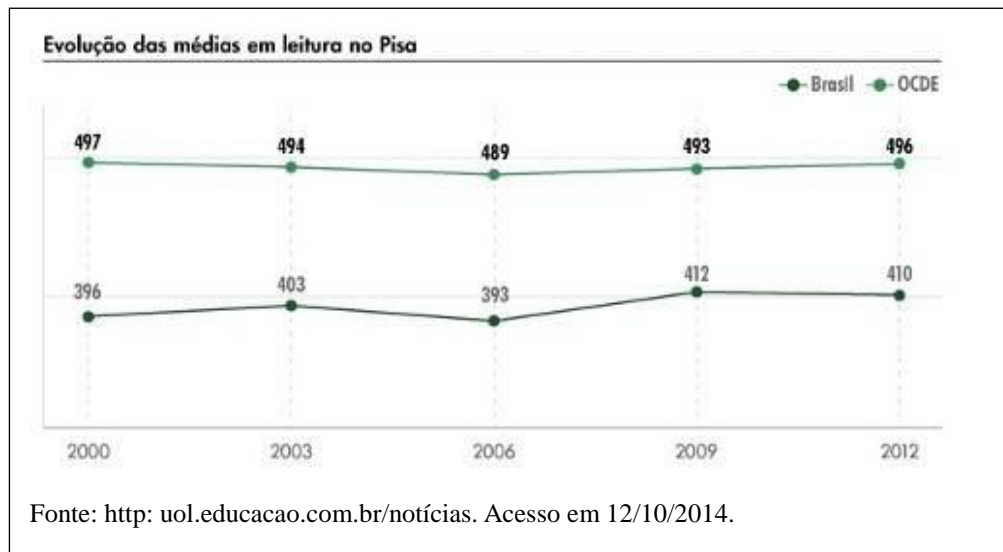
Gráfico 1 – Taxa de analfabetismo no Brasil



No entanto, resultados em pesquisas na área da Educação, como o Programa Internacional de Avaliação de Alunos (PISA), reafirmam a baixa qualidade atingida no desempenho dos alunos do Ensino Fundamental em relação à leitura. Conforme matéria do site UOL Educação⁹, “os alunos brasileiros não são capazes de deduzir informações de textos, de estabelecer relações entre diferentes partes do texto e não conseguem compreender nuances da linguagem”. O gráfico a seguir (Gráfico 2) demonstra o resultado obtido pela pesquisa.

⁹ <http://educacao.uol.com.br/noticias/2013/12/03/pisa-desempenho-do-brasil-piora-em-leitura> - acesso em 12/10/2014.

Gráfico 2 - Médias de leitura no Pisa



Pelos resultados, alertamos que é preciso reavaliar teorias e práticas que vêm sendo utilizadas no ensino, a fim de promover a capacidade de os alunos compreenderem, de estabelecerem relações e de atribuírem significados às múltiplas linguagens, contribuindo para que se tornem sujeitos competentes na leitura de textos.

Com este intuito, a partir de 2006, as histórias em quadrinhos começaram a ser incluídas no processo de seleção, para comporem o acervo de títulos do Programa Nacional Biblioteca na Escola (PNBE). Apesar das HQ terem sido desprestigiadas e desvalorizadas pela comunidade escolar em décadas passadas, hoje elas estão sendo inseridas nas escolas por meio de incentivos governamentais. Prova disso são os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), provas de vestibular e Exame Nacional de Ensino Médio (ENEM).

O uso das histórias em quadrinhos pelo docente, segundo os PCN de Língua Portuguesa, permite a reflexão e a compreensão do uso desse gênero no trabalho com a leitura em sala de aula. Assim, Vergueiro e Ramos (2009) afirmam que a inserção desse gênero nos PCN possibilitou maior utilização das HQ no âmbito educacional, bem como a busca do conhecimento mais sistemático e amplo por educadores, estudiosos e pesquisadores acerca das características e do processo de evolução do gênero em questão, com vistas a um trabalho mais dinâmico e completo na efetivação das aulas e à promoção de experiências de leitura mais significativas com o gênero.

A esse respeito, os autores salientam que as HQ passaram a ser compreendidas como leitura que não se limita ao público infantil, pois, diante do seu valor, elas são acolhidas por

leitores das mais diferentes faixas etárias, e que, além do entretenimento encontrado no decorrer da leitura, há, dentre outras possibilidades, a edificação do conhecimento.

O potencial educativo dos quadrinhos na formação do leitor oferece possibilidades diversas de aplicações no universo escolar e podem ser justificadas nas inúmeras formas que os compõem: as palavras e imagens reunidas comunicam de forma mais incisiva; existe um alto nível de informação nos quadrinhos, condição que mobiliza o cognitivo do leitor e o modo como a narrativa se apresenta como unidade de sentido dialoga com o interesse infantil, auxiliando no desenvolvimento das competências leitoras.

Conforme Vergueiro e Ramos (2009), na segunda metade do século passado, as HQ foram consideradas apenas como fonte de entretenimento e lazer para os alunos, condição e que os distanciava de leituras consideradas adequadas para a formação do leitor. A partir da criação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), de 1996, as HQ começaram a ser valorizadas no contexto escolar. Mas a oficialização do uso desse gênero aconteceu de forma mais sistemática, com a concepção dos Parâmetros Curriculares Nacionais:

[...] pode-se afirmar que os quadrinhos só foram oficializados como prática a ser incluída na realidade de sala de aula no ano seguinte ao da promulgação da LDB, com a elaboração dos PCN, criados na gestão do ex-presidente Fernando Henrique Cardoso (VERGUEIRO; RAMOS, 2009, p. 10).

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) salientam a importância do profissional docente explorar as várias linguagens existentes no universo cultural, não se restringindo a um único tipo de linguagem. E é nesse sentido que as HQ podem ser vislumbradas como uma ferramenta auxiliar no processo educativo, por oferecer diversas formas de linguagem em uma mesma narrativa. Com a utilização das HQ em sala de aula, o profissional docente proporciona aos alunos o contato com linguagens verbais e não verbais e o acesso a diferentes modalidades narrativas, conforme Ramos e Panozzo (2012, v. 35, n. 3),

Os quadrinhos se mostram como um recurso para a compreensão do texto que se apresenta de modo híbrido na articulação entre palavras e ilustrações, neste caso, com ênfase nas imagens e nos seus elementos gráficos, pelo seu importante papel no gênero. Trata-se de uma parceria que promove modos de apropriação de natureza diferenciada, ativando dimensões cognitivas, linguísticas, visuais e socioculturais, tanto de leitores iniciantes quanto daqueles proficientes. Ao apostar no acesso a diferentes modalidades narrativas, os dinamizadores da leitura concorrem para promover uma inserção mais pertinente ao processo de abordagem da multiplicidade de objetos de leitura que compõe as práticas comunicativas na cultura

contemporânea, sem perder seus elementos fundantes, mas valorizando-os em novos contextos.

Nessa perspectiva, pode-se dizer que as histórias em quadrinhos têm a mesma importância das outras obras de literatura infantil. A finalidade é proporcionar aos alunos e professores o acesso a obras literárias de qualidade, capazes de ampliar a compreensão de mundo dos leitores e qualificar a atuação desses nos espaços sociais.

As HQ podem auxiliar, portanto, na aproximação dos estudantes com o universo da leitura, devido às ilustrações atrativas, sem desqualificar o processo de formação do leitor. Ao estarem presentes em sala de aula, contudo, a escolha por determinada obra de HQ precisa considerar características específicas da turma, como faixa etária dos alunos ou nível de aprendizagem em que estão, de forma a manter o interesse do grupo e atender aos objetivos pedagógicos do professor.

2.3.2 História em quadrinhos na biblioteca escolar

A interação com as diversas linguagens do mundo oportuniza a constituição dos sujeitos, tendo a leitura e a escrita como práticas cotidianas indispensáveis para a inserção e atuação humana no espaço social em que vive. Entendemos que, a partir do PNBE, muitas crianças estão tendo a oportunidade de experienciar a leitura desde cedo, indo ao encontro do que vislumbra Rojo (2009, p. 107) quando aponta um dos principais objetivos da escola, que seria “possibilitar que seus alunos possam participar das várias práticas sociais que se utilizam da leitura e da escrita (letramentos) na vida da cidade, de maneira ética, crítica e democrática”.

Neste contexto, o ato da leitura é uma experiência constituidora do sujeito, do seu conhecimento e dos seus saberes. Os Parâmetros Curriculares Nacionais indicam que alunos dos primeiros anos do Ensino Fundamental conseguem “identificar o próprio grupo de convívio e as relações que estabelecem com outros tempos e espaços” (BRASIL, 2001, p.41). Desse modo, desenvolver atividades que contemplem a identidade é uma maneira de atingir esse objetivo e formar sujeitos conscientes de seu papel social.

Os modos de expressar-se no mundo a partir da linguagem vão se modificando e, conseqüentemente, o acervo das bibliotecas, incluindo as escolares. Embora a biblioteca na rede pública de ensino ainda não seja uma realidade em todas as escolas brasileiras, o

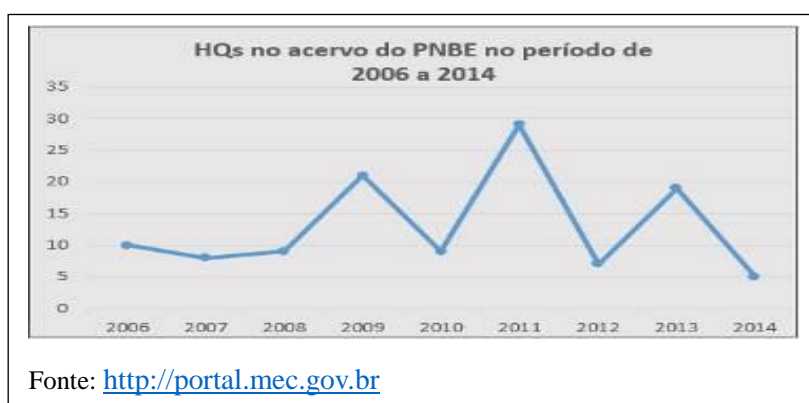
Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE), criado pelo Governo Federal em 1997, vem contribuindo para a formação de acervos de bibliotecas escolares em âmbito nacional¹⁰.

A partir de 2006, o PNBE passou a inserir as HQ no acervo destinado à distribuição nas escolas, com o objetivo de fornecer outras possibilidades de leitura e obras que despertem maior interesse do leitor, proporcionando às escolas vivenciarem a inclusão dessa modalidade discursiva tanto em atividades de leitura, como em práticas usadas em salas de aula.

Em 2007, o Centro de Alfabetização, Leitura e Escrita (CEALE) passou a realizar o processo de seleção destas obras de literatura que compõem os acervos encaminhados às escolas, investindo no processo de avaliação e em pesquisas sobre o Programa. Essa ação entre CEALE e PNBE busca assegurar a qualidade dos livros que chegarão às escolas. O CEALE possui equipe de avaliadores experientes, mestres e doutores especialistas na área, que realizam avaliação detalhada dos livros, seguindo padrões de análise pré-estabelecidos pelo Centro. São avaliadores que atuam em diversas universidades e também na Educação Básica, o que também contribui para o enriquecimento das avaliações e trocas culturais entre os pesquisadores.

Nesse contexto, as HQ concorrem igualmente no processo de seleção com gêneros de leitura como contos, poesias, poemas, novelas, crônicas, entre outros. Assim, há certa variação na quantidade de obras em quadrinhos selecionadas a cada ano, conforme demonstra o Gráfico 3.

Gráfico 3 – Demonstrativo do número de HQ nos acervos do PNBE



¹⁰ Uma das ações do Programa é a distribuição de acervos de obras de [literatura](#), de pesquisa e de referência às [escolas públicas](#) do país. Operado pelo [Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação](#) (FNDE), autarquia vinculada ao [Ministério da Educação](#), universalizou, em [2005](#), o atendimento, beneficiando todas as 136.389 escolas públicas brasileiras das séries iniciais – 1ª a 4ª séries, com ao menos um acervo contendo 20 títulos diferentes. Já, em 2008, de acordo com as diretrizes definidas pelo [Plano de Desenvolvimento da Educação](#) (PDE), passou a distribuir também acervos voltados à [Educação Infantil](#) e ao [Ensino Médio](#). Texto disponível em: http://pt.wikipedia.org/wiki/Programa_Nacional_Biblioteca_da_Escola.

Nos quadros de A a I, (Apêndice 3) seguem as listagens dos títulos das obras em quadrinhos selecionadas no período de 2006 a 2014 no acervo do PNBE, de acordo com informações do portal do MEC (Ministério da Educação)¹¹ e outros sites e blogs complementares¹². Nessa busca, foi possível observar que algumas informações dos sites pesquisados não são precisas quanto às quantidades de publicações nos períodos em estudo e diferem, em alguns momentos, dos números apresentados de HQ por ano. No entanto, os dados encontrados não interferem na análise do estudo proposto. Em 2006, dos 225 títulos selecionados pelo governo, dez eram quadrinhos, cerca de 4,5% do total.

Estas obras literárias que compõem os acervos do PNBE surgem como um recurso que auxilia na educação das crianças, atuando como um reforço à família e à escola na formação delas como indivíduo. Muitas crianças não têm acesso à leitura em casa, devido a questões financeiras ou falta de incentivo dos familiares, assim elas recebem através da escola, o acesso ao mundo encantado da literatura infantil, vivenciando novas experiências através dos livros.

As obras de literatura infantil utilizam, além da linguagem verbal e visual, uma adequação do texto ao leitor. O livro pode desempenhar um papel fundamental na vida da criança, atuando como intermediário entre ela e o mundo, a fim de estimular os interesses do leitor e despertar-lhe para diferentes aspectos do mundo que o rodeia. É também função dessa literatura educar a sensibilidade da criança, estimulando a imaginação, a criatividade e o contato tanto com a fantasia como com a realidade, dependendo do contexto da obra escolhida para leitura.

As obras selecionadas para serem distribuídas nas escolas pelo PNBE no ano de 2012 estão divididas em 4 categorias, sendo: Categoria 1 (Educação Infantil e Creche), Categoria 2 (Pré-Escola), Categoria 3 (Anos Iniciais do Ensino Fundamental) e Categoria 4 (Educação de Jovens e Adultos).¹³ Os acervos literários são compostos por textos em prosa (novelas, contos, crônica, biografias e teatro), verso (poemas, cantigas, parlendas e adivinhas), livros de imagens e livros de histórias em quadrinhos. Nos anos pares, são distribuídos livros para Educação Infantil, anos iniciais do Ensino Fundamental e Ensino de Jovens e Adultos (EJA) e nos anos ímpares são distribuídos os livros destinados aos anos finais do Ensino Fundamental e Ensino Médio.

¹¹ Site do MEC: <http://portal.mec.gov.br>

¹² Demais sites consultados: <http://lagartonegroblog.blogspot.com.br>; <http://omelete.uol.com.br>.

¹³ Informações obtidas no site: <http://portal.mec.gov.br> – acesso em 04/03/2014.

O acervo objeto de estudo dessa pesquisa foi o de 2012, em especial, a história em quadrinhos destinada aos alunos dos anos iniciais do Ensino Fundamental, público que está em processo de alfabetização e letramento.

De acordo com as informações compiladas no Quadro 2, no ano de 2012, apenas duas obras em formato HQ foram selecionadas e destinadas aos alunos dos anos iniciais do Ensino Fundamental: *Turma da Mônica* - Romeu e Julieta, de Maurício de Sousa e *A Turma do Pererê: 365 dias na Mata do Fundão*, de Ziraldo.

Quadro 2 – Obras PNBE 2012 classificadas por gênero – Acervo 1

PNBE 2012 – CATEGORIA 3 (ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL) – ACERVO 1

Narrativa verbo-visual

TÍTULO	AUTOR
<i>Contos de fadas</i>	Ana Maria machado
<i>Fazedor de tatuagem</i>	Ricardo Azevedo
<i>Exercícios de ser criança</i>	Manoel de Barros
<i>Um sujeito sem qualidades</i>	Jean Claude R. Alphen
<i>Soprinho – o segredo do bosque encantado</i>	Fernanda Lopes de Almeida
<i>O menino mais feio do mundo</i>	Regina Chamliam
<i>A caminho de casa</i>	Jairo Buitrago e Rafael Yockteng
<i>Como um peixe na água</i>	Daniel Nesquens
<i>Obax</i>	André Neves
<i>João esperto leva o presente certo</i>	Candace Fleming
<i>Chapeuzinho vermelho: uma aventura borbulhante</i>	Lynn Roberts - Denise Katchuian Dognini - David Roberts
<i>Á procura de Maru</i>	Kumiko Yamamoto
<i>De quem tem medo o lobo mau?</i>	Silvana Menezes
<i>Caraminholas de Barrigapé</i>	Marcos Bagno
<i>Louca por bichos</i>	Miriam Portela
<i>Superamigos</i>	Fiona Rempt
<i>Quando nasce um monstro</i>	Sean Taylor
<i>Dez casas e um poste que Pedro fez</i>	Hermes Bernardi Jr.
<i>Romeu e Julieta</i>	Mariana Massarani - Ruth Rocha

Narrativa visual/livro de imagem

TÍTULO	AUTOR
<i>Arapuca</i>	Daniel Cabral

Poesia/verso

TÍTULO	AUTOR
---------------	--------------

<i>Jardim de Haijin</i>	Alice Ruiz S
<i>A lua dentro do coco</i>	Sérgio Capparelli
<i>O tamanho dos meus sonho*</i>	Przemyslaw Wechterowicz

Não identificados

TÍTULO	AUTOR
<i>Juvenal e o dragão</i>	Rosinha
<i>Feminina de menina, masculino de menino</i>	Márcia Leite - Sônia Magalhães

Fonte: Dados sistematizados pelos pesquisadores do Projeto Desafios e acolhimentos da literatura infantil: a mediação de leitura literária.

Quadro 3 - Obras PNBE 2012 classificadas por gênero – Acervo 2

PNBE 2012 – CATEGORIA 3 (ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL) – ACERVO 2

Narrativa verbo-visual	
TÍTULO	AUTOR
<i>Como treinar seu dragão</i>	Cressilda Cowell
<i>O guarda-chuva verde</i>	Yun Dong Jae
<i>Elefantes nunca esquecem</i>	Anushka Avishankar
<i>O menino que espiava pra dentro</i>	Ana Maria Machado
<i>A casa das dez furunfunfelhas</i>	Lenice Gomes
<i>Numa noite muito, muito escura</i>	Simon Prescott
<i>O maluco do céu</i>	Anna Göbel
<i>Até as princesas soltam pum</i>	Ilan Brenman
<i>Mão que conta história</i>	Márcia Leite
<i>O tamanho da gente</i>	Murilo Cisalpino
<i>Alice no telhado</i>	Nelson Cruz
<i>Condomínio dos monstros</i>	Alexandre de Castro Gomes
<i>Fábulas</i>	Monteiro Lobato
<i>Insônia</i>	Antonio Skármeta
<i>Histórias de bichos brasileiros</i>	Vera do Val de Paula e Silva Grobe - Geraldo Valério
<i>O livro das máquinas malukas</i>	Luiz Roberto Guedes
<i>Pedro</i>	Bartolomeu Campos de Queirós
<i>O menino que comia lagartos</i>	Mêrcé Lopes
<i>Maurício, o leão de menino</i>	Flávia Maria
<i>O reino adormecido* (teatro)</i>	Leo Cunha
Narrativa visual/livro de imagem	
TÍTULO	AUTOR
<i>A pequena marionete</i>	Gabrielle Vincent
Poesia/verso	
TÍTULO	AUTOR
<i>Classificados e nem tanto</i>	Rubem Grilo/Marina Colasanti
<i>Dezenove poemas desengonçados</i>	Ricardo Azevedo
<i>Trem de Alagoas</i>	Ascenso Ferreira
<i>Ode a uma estrela</i>	Pablo Neruda

Fonte: Dados sistematizados pelos pesquisadores do Projeto Desafios e acolhimentos da literatura infantil: a mediação de leitura literária.

Quadro 4 - Obras PNBE 2012 classificadas por gênero – Acervo 3

PNBE 2012 – CATEGORIA 3 (ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL) – ACERVO 3

Narrativa verbo-visual	
TÍTULO	AUTOR
<i>Gabi, perdi a hora!</i>	João Basílio
<i>Príncipes, princesas, sapos e lagartos: histórias de tempos antigos</i>	Flávio de Souza

<i>Memórias de Emília</i>	Monteiro Lobato
<i>Chapeuzinhos coloridos</i>	José Roberto Torero e Marcus Aurelius Pimmenta
<i>Giros contos de encantar</i> (Cultura popular - alguns textos em verso)	Mila Behrendt
<i>João cabeça de feijão</i>	Dario Uzam
<i>Minha casa azul</i>	Alain Serres
<i>Os bichos que tive</i> (Memórias zoológicas)	Sylvia Orthof
<i>Lendas da África moderna</i>	Heloísa Pires Lima e Rosa Maria Tavares Andrade
<i>Toca de gente, casa de bicho</i>	Flávio Fargas
<i>O discurso do urso</i>	Júlio Cortázar
<i>O lobo</i>	Graziela Bozano Hetzel
<i>A compoteira</i>	Celso Sisto
<i>A árvore generosa</i>	Shell Silverstein
<i>Lila e o segredo da chuva</i>	David Conway
<i>Junta, separa e guarda</i>	Vera Lúcia Dias
<i>O casaco de Pupa</i>	Elena Ferrándiz
<i>As aventuras de um pequeno ratinho na cidade grande</i>	Simon Prescott

	Narrativa visual	AUTOR
TÍTULO		
<i>Aurora</i>	Cristina Biazetto	
	Poesia/verso	AUTOR
TÍTULO		
<i>Quem tem medo do ridículo?</i>	Ruth Rocha	
<i>O carrossel</i>	Rainer Maria Rilke	
<i>Zoologia Bizarra</i>	Ferreira Gullar	
<i>O flautista misterioso e os ratos de Hemelin</i>	Braulio Tavares	

	HQ	AUTOR
TÍTULO		
<i>Turma da Mônica Romeu e Julieta</i>	Maurício de Sousa	

	Não identificados	AUTOR
TÍTULO		
<i>O nome do filme é Amazônia</i>	Paulinho Assunção	

Fonte: Dados sistematizados pelos pesquisadores do Projeto Desafios e acolhimentos da literatura infantil: a mediação de leitura literária.

Quadro 5 - Obras PNBE 2012 classificadas por gênero – Acervo 4

PNBE 2012 – CATEGORIA 3 (ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL) – ACERVO 4

	Narrativa verbo-visual	AUTOR
TÍTULO		
<i>O alvo</i>	Ilan Brenman	
<i>Histórias de quem conta histórias</i>	Lenice Gomes e Fabiano Moraes	
<i>O pintor de lembranças</i>	José Antônio del Cañizo	
<i>Palavras, palavrinhas e palavrões</i>	Ana Maria Machado	
<i>O coelho que fugiu da história</i>	Rogério Manjate	
<i>Os vizinhos</i> (teatro)	Henrique Sitchin - Tatiana Paiva	
<i>História da ressurreição do papagaio</i>	Eduardo Galeano	
<i>A pequena sereia</i>	Hans Christian Andersen	
<i>Alice no país das maravilhas</i>	Lewis Carroll	
<i>O fantástico mistério de Feiurinha</i>	Pedro Bandeira	
<i>E o que vem depois de mil?</i>	Anette Bley	
<i>O cavalinho azul: e outras peças</i>	Ana Clara Machado	
<i>A melhor família do mundo</i>	Suzana López	
<i>Papai urso</i>	Cecilia Eudave - Fabio Weintraub - Jacobo Muñiz	
<i>Controle remoto</i>	Tino Freitas	
<i>Wabi Sabi</i>	Mark Reibstein	
<i>A vida íntima de Laura e outros contos</i>	Clarice Lispector	

Isto é um poema que cura os peixes
Traço e traça

Jean Pierre Simeon
Rosena Murray

Poesia/verso

TÍTULO

AUTOR

É tudo invenção
Poesia na varanda
Isso Isso

Ricardo Silvestrin
Mila Behrendt
Selma Maria

HQ

TÍTULO

AUTOR

A turma do Pererê: 365 dia na Mata do Fundão

Ziraldo

Não identificados

TÍTULO

AUTOR

Mitos
A grande fábrica de palavras

Marcelo Xavier
Agnès de Lestrade

Fonte: Dados sistematizados pelos pesquisadores do Projeto Desafios e acolhimentos da literatura infantil: a mediação de leitura literária

Tendo em vista a presença do gênero HQ nas escolas públicas brasileiras, a partir do PNBE, e considerando o letramento um dos principais objetivos da escolarização das crianças, efetivamos esta pesquisa de Mestrado, descrita no capítulo seguinte.

3 METODOLOGIA DA PESQUISA

Este capítulo descreve os caminhos percorridos pela pesquisa, apresenta os passos e procedimentos do estudo, bem como as justificativas pelas escolhas realizadas.

3.1 ETAPAS DA PESQUISA

Refletimos acerca do conceito de linguagem na educação e, paralelamente, efetivamos o estado da arte da HQ na escola, tendo como objetivo compreender como vem sendo explorado esse tema no meio acadêmico, a fim de potencializar nossa pesquisa no sentido de ampliar a discussão sobre a inserção do gênero nas práticas de letramento dos anos iniciais do Ensino Fundamental.

A segunda fase compreendeu a seleção da obra a ser analisada, devendo esta ser em formato HQ e pertencente ao acervo do PNBE 2012, destinado aos estudantes dos anos iniciais do Ensino Fundamental. No ano de 2012, dentre os 100 títulos, apenas duas obras em quadrinhos foram selecionadas pelo edital do Programa para os anos iniciais, foco de estudo desta pesquisa, quais sejam: *Turma da Mônica: Romeu e Julieta*, de Maurício de Sousa e *A Turma do Pererê - 365 dias na Mata do Fundão*, de Ziraldo. As demais obras de HQ são direcionadas à Educação Infantil ou à EJA, como podemos verificar no Quadro 6 a seguir.

Quadro 6 – HQ distribuídas pelo PNBE 2012

TÍTULO	AUTOR/EDITORIA	PÚBLICO
01 – <i>O ratinho se veste</i>	Jeff Smith /Companhia das Letrinhas	EI
02 – <i>Bando de dois</i>	Danilo Beyruth/Zarabatana Books	EJA
03 – <i>Aya de Yopougon</i>	Marguerite Abouet/Clement/L&PM	EJA
04 – <i>Frankstein</i>	Companhia Editora Nacional	EJA
05 – <i>Drácula</i>	BramStoker/Companhia Editora Nacional	EJA
06 – <i>A turma do Pererê – 365 dias na Mata do Fundão</i>	Ziraldo/Editora Globo	EF
07 – <i>Turma da Mônica: Romeu e Julieta</i>	Maurício de Sousa/Panini	EF

Fontes: <http://oglobo.globo.com/blogs/gibizada/posts/2011/10/10/quadrinhos-no-pnbe-ministerio-da-educacao-responde-410331.asp> e <http://www.opolvo.com.br/Noticias/59783/Apenas-7-quadrinhos-entram-para-o-PNBE.html>.

Após a definição da obra a ser estudada, a terceira etapa consistiu em analisar as narrativas que compõem o título escolhido, bem como sua significação, evidenciando os recursos utilizados por autor e as especificidades que as histórias em quadrinhos possuem que as diferem das demais histórias literárias infantis, a fim de verificar de que forma este gênero

pode contribuir para o letramento, quando utilizado em sala de aula sob uma perspectiva de mediação da leitura que respeite a natureza do gênero.

A quarta e última fase partiu do objetivo de contribuir com o processo de letramento infantil, utilizando as histórias em quadrinhos em sala de aula nos anos iniciais, e, conseqüentemente, de motivar os profissionais envolvidos no processo de mediação da leitura das HQ. Para tanto, analisamos a obra escolhida, tendo como foco o estudo das narrativas em seus aspectos verbais e visuais, buscando elencar potencialidades da obra e validar seu uso no espaço escolar.

3.2 ESCOLHA DO *CORPUS*

Elegemos o título *A Turma do Pererê – 365 dias na Mata do Fundão*, do acervo do PNBE 2012 destinado aos estudantes dos anos iniciais do Ensino Fundamental por dois motivos, a saber: primeiramente, porque a densidade de ambas as obras de HQ do acervo (*A Turma do Pererê...* e *A Turma da Mônica: Romeu e Julieta*) não permite trabalhá-las no escasso tempo que dura esta pesquisa e, em segundo lugar, porque a escolha atendeu a critérios de qualidade artística, temática e conceitual da obra. O fato de a narrativa de Ziraldo contemplar a exploração da mata brasileira e de suas cores características, de apresentar a cultura popular do País a partir de lendas e personagens do folclore, oportunizando a ampliação do repertório das crianças, e, ainda, devido ao papel do autor no que tange a promoção da leitura, foram as razões de optarmos pelo *Pererê*, de Ziraldo.

3.2.1 Peculiaridades da obra escolhida

Ziraldo Alves Pinto¹⁴, dedica à literatura e à ilustração para crianças, tendo lançado sua primeira revista brasileira de *comics*¹⁵ com *A Turma do Pererê*, em 1960. A história selecionada para análise é “Galileu em o que mamãe diz... é lei”, justamente por ser a primeira das vinte que compõem o livro, ou seja, a narrativa que desencadeia a leitura da obra e apresenta, em linhas gerais, a identidade da mesma. *A Turma do Pererê* surgiu na década de

¹⁴ Este autor apresenta uma diversidade de qualificações como cartunista brasileiro, artista gráfico, humorista, escritor de livros infantis, ilustrador, caricaturista, dramaturgo, jornalista e é, também, bacharel em Direito. Informações disponíveis em: www.ziraldo.com.br. Acesso em: 12 mar. 2014.

¹⁵ *Comics* ou *comicstrip* é o termo utilizado em inglês para se referir a histórias em quadrinhos. Fonte: Oxford Advanced Learner’s Dictionary of current English. Oxford University Press. 1995.

1960 e foi a primeira revista em quadrinhos com personagens brasileiros composta por um só autor. Inspirada nos índios, animais e personagens das lendas e do folclore brasileiro, esta criação do cartunista e escritor Ziraldo foi escolhida em 2006, no Salão Internacional de Banda Desenhada de Portugal, como uma das 100 melhores histórias em quadrinhos do século XX. Mais detalhes acerca do título serão discutidos no capítulo 4 desta dissertação cuja natureza analítica contemplará pormenores da narrativa.

3.3 ESTADO DA ARTE DAS HQ NA PERSPECTIVA DA ESCOLA

Nos últimos nove anos, foram produzidas comunicações em anais de congressos e seminários, dissertações de mestrado e doutorado, publicações em periódicos, entre outros, referentes às histórias em quadrinhos na educação, o que contribui para um mapeamento acerca desta produção acadêmica e científica sobre o tema em estudo. Como parte dos procedimentos metodológicos, essa etapa de identificação do Estado da Arte ou do Conhecimento fornece dados que possibilitam situar a investigação pretendida nesta dissertação de mestrado.

O estudo sobre a presença das HQ no acervo do PNBE revela crescimento tanto quantitativo como qualitativo e torna-se necessário que se ordene o conjunto de informações e resultados já obtidos, para integrar perspectivas de diversos pesquisadores, identificando, analisando e categorizando as abordagens realizadas pelos estudos localizados desde 2006.

Nesse sentido, inicialmente foi realizada uma busca e identificação das produções acerca das histórias em quadrinhos presentes nas comunicações apresentadas e publicadas na Associação Nacional de Pós-Graduação em Educação (ANPED); além disso, em teses e dissertações disponíveis no banco da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e, ainda, publicações na Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Letras e Linguística (ANPOLL) para formar o *corpus* da análise. O período abrangido pela busca foi dos últimos nove anos de pesquisa.

Em seguida, procedeu-se à análise documental e organização dos dados coletados, a partir de três categorias: PNBE, Ziraldo (ou Turma do Pererê) e leitura literária, referente à temática escolhida para este estudo. Após, foi realizada a sistematização dos dados obtidos eletronicamente pelo site da CAPES. A definição dessas categorias levou em consideração a

necessidade de informações complementares, contribuindo para organizar os fundamentos desta dissertação.

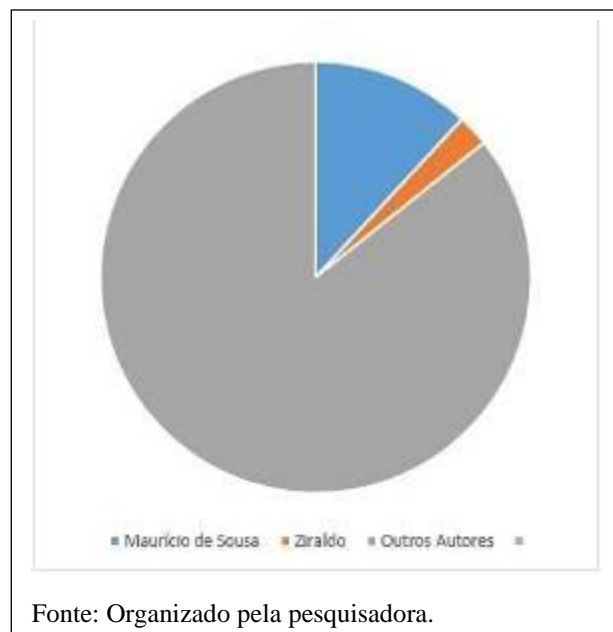
A forma como foram redigidos alguns resumos de trabalhos disponibilizados pelos sites utilizados para a pesquisa dificultaram a seleção do material, pois há dados que não constavam nos mesmos, assim como alguns trabalhos de mestrado não estavam disponibilizados na íntegra, o que impediu a leitura do estudo na sua totalidade.

A seguir, apresentaremos o levantamento dos dados coletados no site da CAPES, utilizando as palavras-chave: PNBE e HQ, nos últimos 9 anos.

3.3.1 Banco de dados da CAPES

Conforme Gráfico 4, podemos visualizar o número de publicações no Banco de Dissertações e Teses da CAPES, nos últimos nove anos, de acordo com os critérios de produções com as palavras chave “histórias em quadrinhos” “PNBE”, “Ziraldo” e/ou “Maurício de Sousa”, com abordagem no processo de leitura literária e/ou construção de HQ.

Gráfico 4 – Estudo de HQ por autores



Nas buscas realizadas, observamos que vários trabalhos sobre HQ foram publicados, porém não se referem à leitura literária, e sim a outros temas relacionados ao gênero. Entre eles: semiótica, narrativas gráficas, construção de identidades, construção de sentidos e

quadrinhos digitais. Importante citar que no período de 2006 a 2011 não houve produções referentes à HQ selecionada pelo PNBE.

No período de 2012 a 2013, foram encontrados 42 artigos disponibilizados no Banco de Dados da CAPES, os quais abordam o tema HQ, porém apenas 5 referem-se às palavras-chave do objeto de estudo; os demais vinculam-se a outros eixos temáticos, conforme citado anteriormente, o que torna a pesquisa investigativa mais complexa.

Nesse contexto, a partir dos descritores empregados na construção de estado da arte para a pesquisa, organizamos as seguintes categorias:

a) A Turma do Pererê/Ziraldo e leitura literária

Apenas dois trabalhos foram localizados a partir dos descritores acima. O primeiro deles, denominado *Literatura, consumo e ideologia: a construção de perfis da infância em três momentos do mercado editorial infantil brasileiro*, de Fulvio de Oliveira Saraiva, da Universidade Federal do Ceará (UFC, 2012), estuda as relações entre infância, literatura e mercado editorial, apontando a tensão existente no poder que cerca essas questões.

A segunda pesquisa encontrada foi a de Kall Anne Sheya Amorin Braga, *Construção co-enunciativa do discurso direto em processos de escrita de histórias em quadrinhos no 2º ano do Ensino Fundamental*, da Universidade Federal de Alagoas (UFAL, 2012), é o quinto trabalho pesquisado e contempla investigação acerca da produção de culturas infantis, a partir de experiências de crianças na faixa etária de 3 a 5 anos, com a linguagem das HQ. Um olhar sob as produções gráficas das crianças, observando como elas produzem, inventam ou reinventam, e como se apropriam dos códigos dos quadrinhos. A pesquisa revela que o trabalho pedagógico, no interior da escola analisada, procurava acelerar os processos de escrita e formação para competências, sendo que as crianças demonstravam movimentos de resistência contra a aceleração do tempo, demonstrando desejos de autonomia.

b) HQ e PNBE

Na busca pelos descritores HQ e PNBE, foram localizados 42 estudos previamente selecionados (período de 2012 a 2013). Entretanto, apenas 4 produções mencionam o PNBE

ao longo do texto, sendo que 3 delas têm apenas um trecho onde é citado. Assim, a seguir, arrolamos os dados encontrados nessas produções acerca do Programa.

Na dissertação de mestrado de Daniela Raffo Scherer (UFMS, 2012), há um único trecho em que a autora cita o PNBE:

As HQ desenvolveram-se bastante como gênero e encontram-se disponíveis em publicações exclusivamente criadas para elas, os gibis, além de terem conquistado as páginas especiais nos jornais. Aparecem com frequência em livros e materiais didáticos, e sua utilização nos meios escolares tem sido vista positivamente, tanto que, conforme informa Ramos (2010), o livro *Toda Mafalda*, de Quino, foi incluído na lista de 2006, do PNBE, Programa Nacional Biblioteca da Escola, responsável pela circulação de livros e quadrinhos nas escolas brasileiras. (2012, p. 19).

Marco Túlio Rodrigues Vilela (UMESP, 2012), também menciona o PNBE apenas uma vez em sua dissertação de mestrado:

O segundo foi educadores perceberem o potencial dos quadrinhos como ferramenta de ensino. Mais uma vez, citando Ramos:
 “[...] Quadrinhos, hoje, são bem-vindos nas escolas. Há até estímulo governamental para que sejam usados no ensino.
 Vê-se uma outra relação entre quadrinhos e educação, bem mais harmoniosa. A presença deles nas provas de vestibular, a sua inclusão no PCN (Parâmetro Curricular Nacional) e a distribuição de obras ao ensino fundamental (por meio do Programa Nacional Biblioteca na Escola) levaram obrigatoriamente a linguagem dos quadrinhos para dentro da escola e para a realidade pedagógica do professor.” (2012, p. 23)

Mariana Ferreira Lopes (UEL, 2012), na dissertação de mestrado, também menciona apenas um trecho situando a inserção das HQ no PNBE:

Sua presença no ambiente formal de educação foi reconhecida por muitos países a partir do desenvolvimento de orientações de uso no currículo escolar. No Brasil, os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) propuseram uma releitura das práticas pedagógicas com o intuito de criar um referencial a ser adotado pelos docentes. Desta forma, os PCN incluíram os quadrinhos como linguagem a ser trabalhada em sala de aula, no ensino fundamental e médio, a exemplo dos livros destinados à área de Artes para as séries de 5ª e 8ª que mencionam a necessidade dos alunos serem competentes na leitura de determinadas formas visuais, incluindo as HQ. O mesmo ocorre com os PCN de Língua Portuguesa, que citam a necessidade de uma leitura crítica de charges e as tiras como gênero a ser estudado (RAMOS; VERGUEIRO, 2009). O Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE) desde 2006 inseriu as histórias em quadrinhos em sua lista, juntamente com o restante do material que é comprado e distribuído nas escolas da rede pública de ensino. (2012, p. 63).

Na dissertação de Luciana Begatini Ramos Silvério (UEL, 2012), há sete menções ao termo PNBE: na página 15, na lista de siglas e abreviaturas; três vezes na página 65, sendo

duas para situar a inserção e atribuir a importância das HQ no PNBE e uma na nota de rodapé para explicar a sigla; outra, na página 69, para retomar a presença das HQ no PNBE, PCN e vestibulares, relacionando as HQ como fontes de pesquisa; na página 81, ao tecer sobre os questionários preliminares e na página 149, nas referências.

Pelos dados extraídos das dissertações disponíveis no Banco da CAPES, há lacunas acerca do estudo de HQ selecionadas pelo PNBE, o que justifica a contribuição a ser dada por esta pesquisa.

c) Divulgação científica em eventos

Outro *locus* de pesquisa acerca das linguagens da HQ na escola são as reuniões da Associação Nacional de Pós-graduação em Educação (ANPED). Na pesquisa, realizada eletronicamente no site <http://www.anped.org.br/>, no período de 2006 a 2014, foram encontrados os seguintes trabalhos referentes às HQ:

No GT - 7 (Educação de crianças de 0 a 6 anos), foi localizada apenas uma produção no ano de 2013 (de 12). Nos anos de 2006 a 2012, não houve produções relacionadas a histórias em quadrinhos.

No artigo *Crianças, culturas infantis e linguagem dos quadrinhos: entre subordinações e resistências*, de Marta Regina Paulo da Silva (FE/UNICAMP), é analisada a produção de crianças de 3 a 5 anos com a linguagem das HQ em uma pré-escola municipal. Após a observação realizada, a pesquisadora identificou não só a presença de estereótipos nas produções das crianças, mas de reinvenções. A partir dos dados coletados, constatou-se que as crianças pequenas, em todas as suas produções, estão pensando suas escolhas, imprimindo seu modo de fazer e pensar. A pesquisa apresentou um estudo de caso, que permitiu certa imersão no cotidiano da pré-escola investigada. O objetivo foi compreender como elas reproduzem, resistem, inventam e reinventam esta linguagem na produção das culturas infantis, assim como investigar como as crianças recebem os produtos da mídia, dentre eles as HQ, e como ressignificam na produção das culturas infantis, o que pode auxiliar na compreensão de sua relação com a cultura midiática, de modo especial, o papel que estas desempenham em suas vidas. As HQ foram compreendidas nesta pesquisa não apenas como produto de entretenimento, mas como um artefato da cultura midiática que se situa.

No GT10 (Alfabetização, Leitura e Escrita), foi localizado o artigo de Maria Luiza Oswald, intitulado *A relação do jovem com a imagem: um desafio ao campo de investigação sobre leitura*, da Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ). A pesquisadora investiga os estudos que abordam o consumo cultural e a recepção sob a ótica das mediações, a relação que as crianças e jovens estabelecem com a cultura das mídias, especificamente com os mangás (HQ) e animes (desenhos animados) e videogames. O artigo enfatiza a leitura deste gênero pelos jovens a partir de entrevistas realizadas com um grupo de jovens leitores de mangás. Partindo dos depoimentos, a pesquisadora focaliza questões como os elementos da recepção do mangá ajudariam a pensar a formação do leitor, a influência das culturas das mídias na constituição de identidades e subjetividades de crianças e jovens e nas suas maneiras de se relacionarem com o conhecimento e a cultura. Ainda de acordo com a pesquisadora,

[...] a pouca atenção dos estudos desenvolvidos no campo da educação ao fato de que a relação dos alunos com os artefatos midiáticos é inseparável dos modos de produção de uma época, pode colocar nossas pesquisas e nossas práticas distantes das mediações culturais que determinam a interação desses sujeitos com a leitura diminuindo, portanto, nossa chance de tentar contribuir para a superação da tensão entre a escola e as culturas juvenis, tensão que tem como um de seus pilares o conflito entre a cultura letrada e a cultura da imagem. (OSWALD, 2012, p. 7).

O artigo de Maristela Gatti Piffer, *O trabalho com textos na educação infantil*, da Universidade Federal do Espírito Santo (2007), recorta pesquisa de mestrado, na qual foi analisado um grupo de crianças com 6 anos de idade do Sistema Municipal de Ensino de Vitória – ES. A pesquisa teve como base a análise do trabalho com os gêneros HQ e com os gêneros de opinião. Tendo focado as condições de produção dos textos, o resultado das atividades apontou que no trabalho com HQ, segundo a pesquisadora,

[...] o dizer das crianças foi influenciado pela inversão provocada nas propostas de produção, uma inversão que situou as estratégias do dizer como ponto de partida, abstraindo da atividade de produção textual as dimensões sócio-comunicativas no trabalho com os gêneros discursivos. (PIFFER, 2007, p. 14).

No período de 2008 a 2012, não houve produções referentes a histórias em quadrinhos.

No GT-12 (Currículo), foi encontrado apenas 1 (de 18) produção no ano de 2010 relacionada a histórias em quadrinhos.

O artigo *O discurso da educação escolar nas HQ do Chico Bento*, de Daniela Amaral Silva Freitas (UEMG e UFMG), refere-se ao discurso divulgado nas HQ de Chico Bento, baseado na análise de discurso de Foucault. A análise de tempo e espaço na escola onde a narrativa acontece na HQ indica que há um predomínio de rigidez e inflexibilidade, de acordo com a pesquisadora. De um modo geral, a autora procura demonstrar como são narrados os espaços, tempos, os comportamentos, as regras, os alunos e alunas nesse aparato midiático. Lança um olhar problematizador para as HQ, para os múltiplos sentidos produzidos e divulgados sobre a escola.

No GT-18 (Educação de Pessoas Jovens e Adultas) e GT -24 (Educação e Arte), não foram encontrados projetos relacionados a histórias em quadrinhos ao longo dos textos. As buscas foram realizadas a partir do título, resumo e palavras-chave, contudo alguns trabalhos foram selecionados pela íntegra.

Em reuniões anuais da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Letras e Linguística (ANPOLL), focalizamos o GT - Leitura e literatura infantil e juvenil na busca por trabalhos que referenciem HQ no próprio site do GT (<http://www.gtlilj.com.br/>), e destacamos um trabalho, divulgado no XXVII Encontro da ENANPOLL (Encontro Nacional da Anpoll), sob o título *Reconto e adaptação em quadrinhos*, de Rosa Maria Cuba Riche, da Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ). O estudo investigou a adaptação de um texto literário para a linguagem dos quadrinhos, a partir da análise de obras do gênero. E faz algumas indagações, quais sejam: como se dá o reconto da narrativa original? Em que medida a adaptação do texto para o gênero quadrinhos provoca um reducionismo do enredo e uma simplificação da linguagem literária? Que recursos gráficos o adaptador utiliza para fazer a transposição de um gênero para o outro, sem perder a literariedade do texto? A autora aponta sobre o estudo proposto:

Refletir sobre esse objeto híbrido composto de palavras, imagens, símbolos, dotado de características próprias e se aventurar no estudo das adaptações de obras literárias para a linguagem dos quadrinhos com todas as implicações e especificidades que cada uma das artes possui é um desafio posto aos pesquisadores que queiram mergulhar na busca de identidades e diferenças que fazem dessas obras, que chegam ao mercado cada ano em maior quantidade, um objeto tão atraente aos leitores. (RICHE, 2013, p. 2237).

A análise dos trabalhos identificados traçou um panorama do que está sendo pesquisado em relação às histórias em quadrinhos no contexto escolar, a partir de sua

distribuição nas escolas pelo PNBE, possibilitando, assim, perceber a diversidade em estudos realizados sobre esse tema. Muitos foram os artigos, teses de Mestrado e Doutorado que pesquisaram diversos aspectos das HQ neste período, contudo, foram poucos estudos relacionados às HQ como forma de leitura literária e ao PNBE, apesar do período pesquisado ser de 9 anos. Nesse contexto, a investigação por nós realizada, acerca do estado da arte das HQ no âmbito do letramento na escola, indica a relevância do presente estudo sobre a leitura de HQ.

O próximo capítulo discorre acerca de peculiaridades que compõem a obra de Ziraldo, selecionada para a análise.

4 ANÁLISE DA OBRA *A TURMA DO PERERÊ*: 365 DIAS NA MATA DO FUNDÃO

Este capítulo analisará diferentes perspectivas que as narrativas visuais e verbais das histórias em quadrinhos (HQ) apresentam ao leitor. Além disso, discutirá de que forma elas podem contribuir para a formação do estudante, em sala de aula, quando potencializadas pela mediação docente. Para isso, serão utilizados alguns dos principais autores que fundamentam a temática estudada, sendo eles Moacyr Cirne (1973), com aspectos da linguagem dos quadrinhos utilizada por Ziraldo, Waldomiro Wergueiro; Paulo Ramos (2009), que abordam os quadrinhos na Educação e na sala de aula; Will Eisner (2012), com a discussão sobre as palavras e as imagens na comunicação dos quadrinhos; Álvaro de Moya (1993), com a história das HQ entre outros.

4.1 TRAJETÓRIA DA OBRA

A Turma do Pererê foi publicada, inicialmente, em *cartoons*, em 1959, nas páginas da revista brasileira *O Cruzeiro*. Seus personagens foram criados pelo cartunista Ziraldo, em 1958, a pedido do editor da revista, o qual solicitou que fosse criada uma revista em quadrinhos brasileira, tendo o saci como personagem principal. A revista obteve grande aceitação e sucesso na década de 1960, sendo publicada mensalmente de outubro de 1960 a abril de 1964. A tiragem, em média, foi de 120 mil exemplares e, segundo o próprio Ziraldo, em sua autobiografia, “o Pererê, no dizer de Moacyr Cirne, era um dos símbolos da época. Um tempo em que se acreditava que, pelas ideias, poderíamos mudar nossa história” (<http://sesi.webensino.com.br/>).

Hoje, as narrativas do *Pererê* fazem parte da memória de muitos adultos, pois foi marco desse tipo de publicações no Brasil. As histórias d'*A Turma do Pererê* passavam-se na Mata do Fundão, a qual era situada em um lugar indeterminado no interior do Brasil. Ziraldo cria personagens com identidade brasileira, como, por exemplo, animais da nossa fauna, lendas ou tipos bem conhecidos por nós brasileiros, como o saci-pererê, os índios e o jabuti. Talvez seja esse um dos segredos do sucesso das HQ dessa turma, pois relaciona os personagens com as histórias e lendas do nosso Brasil, permitindo que o público infantil se identifique com alguns dos personagens, que também são crianças na narrativa.

Nos tópicos seguintes deste capítulo, será feita a análise das narrativas da história em quadrinhos *A Turma do Pererê*, observando os aspectos composicionais e a construção discursiva dos textos.

4.2 ANÁLISE DO LIVRO, PASSO A PASSO

Tendo em vista as informações depreendidas da obra e o referencial teórico estudado, a obra será analisada a partir de elementos que a constituem.

4.2.1 Apresentação da obra

Ao iniciarmos a análise do projeto gráfico do livro, percebemos escolhas que definiram como ele se apresenta a nós, leitores, indicando o que iremos ler a partir da construção da capa, das imagens nela contida e da sequência das histórias que compõem a obra, traçando um percurso a ser seguido pela leitura das narrativas. De acordo com Moraes (2008, p. 49), por “[...] projeto gráfico de um livro, entende-se uma série de escolhas e partidos que definirão um corpo (matéria) e uma alma (jeito de ser) para esse objeto”. Ou seja, a organização do título, desde a harmonia entre o texto escrito e a imagem que conduziram a narrativa, como também as escolhas e decisões quanto à estrutura do corpo do livro são escolhas intencionais, que integram a unidade artística, concebida como obra.

No caso do título em estudo, iniciando pela escolha do papel utilizado, este é de fácil manuseio aos seus leitores, estudantes do Ensino Fundamental, público ao qual se destina, devido à materialidade do papel selecionado e a sua gramatura serem resistentes à utilização das crianças, assim como o formato e o tamanho, 27,5cm x 19cm, que favorece a leitura e a visualização das imagens contidas na obra.

A partir da capa da obra, alguns elementos visuais podem ser observados, como cor, expressões faciais dos personagens, suas formas e a disposição com que os mesmos se mostram ao leitor. Apresentar os personagens que compõem as histórias é uma proposta, mesmo que ainda vaga, mas que promove o que será visto ao abrirmos o livro. A capa e a contracapa trazem imagens que requerem compreensão do leitor ao qual o livro se destina, no intuito de associar a imagem com a estrutura interna desse objeto de leitura. As imagens escolhidas sintetizam o conteúdo das narrativas desse texto, tendo, em ambas, a figura do

Saci-Pererê, personagem central das histórias. A cor verde, predominante no fundo, remete à mata, lugar onde ocorrem os conflitos que compõem a narrativa.

De acordo com Fittipaldi (2008, p. 103), “toda imagem tem uma história para contar”. Assim, ao olharmos para a capa de um livro, antes mesmo de abri-lo, nosso pensamento começa a elaborar e criar imagens mentais, que podem servir de encadeamento para a construção da narrativa, a partir das ilustrações que ali surgem ao nosso olhar.

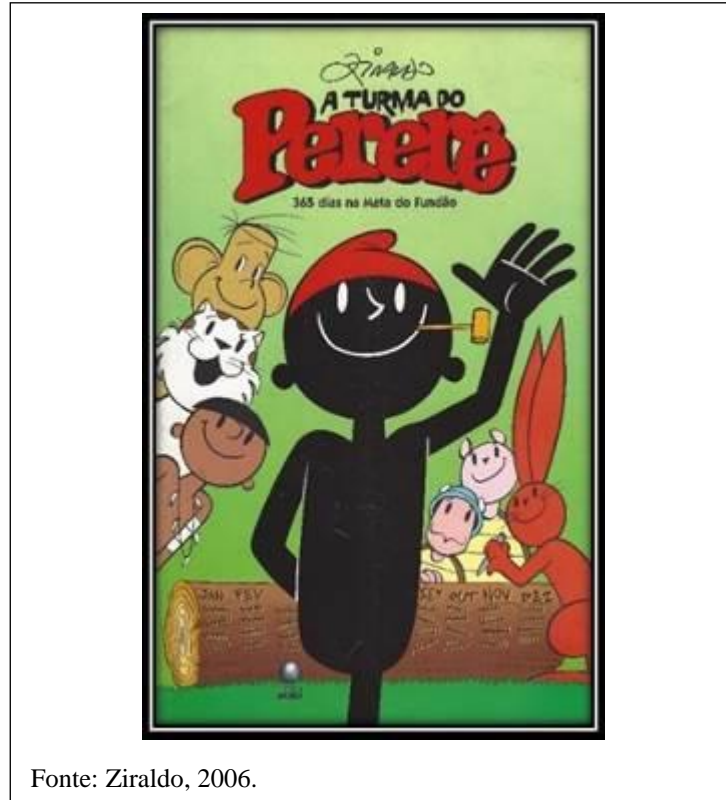
A apresentação da capa e da contracapa e de outros elementos que compõem o projeto gráfico são o primeiro contato que o leitor tem com a obra, que o levará a desejar e a ter curiosidade para abrir o exemplar e conhecer as histórias ali contidas, que aguardam o diálogo com o leitor. Entendemos que o objetivo básico do ilustrador é sugerir e representar o que o leitor supõe encontrar no interior do livro, a partir das imagens que são escolhidas para ilustrar a capa do livro. Ainda acerca da capa, destacamos que:

As pistas oferecidas pela capa colaboram para a compreensão da história, pois a interação se inicia antes da leitura formal do texto interno. O tocar o livro, contemplá-lo como objeto de observação atenta, é o início do processo de leitura. Assim, apreciar ilustrações e palavras, apropriar-se das informações que estão disponíveis em uma capa, pode influenciar na compreensão, especialmente quando se trata de literatura infantil, gênero que se vale dos códigos verbal e visual. Essas duas linguagens convidam à interação e proporcionam o entendimento da obra pelo leitor (RAMOS; PANOZZO, 2005, p. 117).

Conforme as autoras, a capa e a contracapa dos livros, em especial daqueles de literatura infantil, são como uma embalagem que guarda algo que pode despertar a curiosidade e o interesse dos leitores para conhecer o que há dentro dessa embalagem, neste caso, o livro. Assim, quanto melhor forem utilizados os recursos visuais na elaboração da capa de um livro, maior será a mobilização e o interesse do leitor em abri-lo e conhecer a história nele contida.

No projeto escolhido pelo autor, o nome do mesmo aparece na parte superior da capa, utilizando a letra que caracteriza a assinatura do próprio Zivaldo. Na sequência, logo abaixo, está o título do exemplar, em letras pretas negritadas, *A Turma do Pererê: 365 dias na Mata do Fundão*, com destaque para o nome do personagem principal, Pererê, em letras maiores e na cor vermelha, mostrando quem é o personagem central das narrativas que serão conhecidas, quando a leitura for iniciada. O nome da editora e o logotipo estão na parte inferior da capa, em letras pequenas e na cor preta. Esse livro tem lombada, dado importante para ele ficar em pé e para que o leitor possa visualizar os dados da edição.

Figura 8 – Capa da obra em estudo



Em destaque, bem à frente e ao centro da capa, vê-se a figura do Saci Pererê, usando seu característico gorro vermelho com cachimbo na boca. Uma de suas mãos acena, como se estivesse em movimento, em uma saudação, convidando o leitor a vir conhecê-lo e aos demais personagens que o acompanham. Um pouco atrás da imagem do Saci, no espaço à esquerda, estão as figuras dos personagens: Alan (o macaco), Galileu (a onça) e Tininin (o índio). Os três personagens aparecem apenas da cintura para cima, em um enquadramento de plano médio¹⁶, como se estivessem, em parte escondidos, observando os leitores, em uma sugestão de saída do livro, para vir ao encontro do leitor:

Quando se mostra a figura inteira, não se exige do leitor nenhuma sutileza de percepção. A imagem está completa e intacta. No quadrinho espera-se que o leitor entenda que a figura mostrada tem pernas de dimensões proporcionais ao torso e que elas estão numa posição compatível. No close-up, o leitor deve completar a figura de acordo com o sugerido pela fisiologia da cabeça (EISNER, 2012, p. 26).

¹⁶ O plano médio é um tipo de enquadramento que engloba desde os pés até a cabeça do sujeito mostrado. Assim, o personagem ocupa a maior parte da área, colocando-o em destaque.

Assim, a maneira que o autor utiliza para apresentar os personagens, ao mesmo tempo em que prioriza o rosto, esconde o restante do corpo, exigindo que o leitor construa no imaginário o que falta na figura.

Atrás da imagem do Saci Pererê, aparece um tronco cortado e, nele e ao chão, observamos anotações escritas dos meses do ano. O personagem Geraldinho (o coelho) faz marcações dos dias e meses do ano nesse tronco de árvore, sugerindo que estão utilizando-o como um calendário anual. Esses registros temporais estão relacionados às narrativas contadas no livro, as quais os leitores somente terão conhecimento a partir do momento da leitura. Atrás do tronco, um ao lado do outro, aparecem Pedro Vieira (o tatu) e Moacir (o jabuti). Trata-se, portanto, de um grupo bem diversificado, composto por animais da fauna brasileira (onça, tatu, coelho, macaco e jabuti), por seres humanos (índio) e, também, por um personagem das lendas do nosso País (o Saci).

A cor utilizada como fundo da capa é verde escuro na parte inferior, diminuindo a intensidade na parte superior, em degradê, destacando o título do livro e seu contexto, assim como o calendário inscrito no tronco de árvore. O verde da capa remete à cor da mata; o calendário, registrado no tronco com os meses, lembra os 365 dias do ano. Aliás, essa sugestão do registro de tempo é marcada no título, no tronco da árvore e no miolo da obra, e as histórias inscrevem-se em diversos momentos do ano.

O cenário da primeira capa antecipa as imagens e palavras que o leitor irá encontrar ao folhear o exemplar. A ilustração e as cores escolhidas para a primeira capa da HQ sugerem um vínculo com narrativas que compõem as vinte histórias do livro, já que elas caracterizam datas ou passagens significativas do calendário brasileiro. As histórias que compõem o livro são: “Galileu em o que mamãe diz é lei!”, “Que folga!”, “Galileu em o grito de Carnaval”, “Paradinha básica”, “Pererê em o primeiro de abril do Galileu”, “É claro!”, “Pererê em malhando o Judas”, “Questão de cor...”, “Pererê em o Dia das Mães”, “E Aí, Tio?”, “Pererê em o Milagre”, “Sábida Conclusão”, “Pererê em A primavera”, “Gol contra”, “A Turma do Pererê em a festa de aniversário”, “Protesto”, “Pererê em férias”, “É mole?”, “Pererê em um conto de natal”, “Antes tarde...”. A estrutura do título alterna essas histórias - narrativas cuja extensão varia entre seis e doze páginas – com narrativa curta, de apenas uma página, para oferecer uma leitura mais breve. Essa distribuição é uma estratégia para um pequeno descanso do leitor.

Dentre as narrativas que compõem o livro e que são consideradas longas, destacamos uma breve síntese de cada uma delas a seguir¹⁷, conforme Quadro X.

Quadro 7 - Síntese das histórias longas da obra *A Turma do Pererê: 365 na Mata do Fundão*

Título	Páginas	Breve enredo
Galileu em O que mamãe diz é lei	10 a 15	Os personagens Compadre e São Neném lembram o que a mãe deles dizia quando eram crianças: que tudo o que a gente faz no primeiro dia do ano faz o ano inteiro. Assim, eles passam durante toda a história tentando capturar a onça Galileu, com a intenção de fazer as pazes com ela, porém sem sucesso.
Galileu em O Grito de Carnaval	17 a 23	São Neném e Compadre organizam um Grito de carnaval, convidando todos da turma. O objetivo é capturar a onça Galileu durante a festa. No entanto, mais uma vez o plano deles dá errado.
Pererê em O Primeiro de Abril de Galileu	25 a 32	São Neném e Compadre tentam fazer uma pegadinha de primeiro de abril na onça Galileu. Eles se escondem dentro de uma caixa enorme, porém, quando a onça abre a caixa, quem leva um susto é o Compadre, pois Galileu está usando uma máscara assustadora.
Pererê em Malhando Judas	34 a 42	Tininim e Pererê iniciam a história pensando em “malhar o Judas”, porém, após encontrá-lo, comovem-se com sua história e decidem ajudá-lo para que os demais habitantes da floresta não o julguem um traidor. Judas acaba entregando Tininim, que, sem querer, havia quebrado um alçapão de Compadre. Quando Tininim descobre a traição de Judas, corre atrás dele para “malhar o Judas”.
Pererê em O Dia das Mães	44 a 55	Toda a turma da mata está providenciando um presente para o dia das mães, mas o Saci está triste, pois não tem mãe para comprar um presente. Os amigos do Saci têm uma ideia e conversam com Mãe Docelina, que perdeu um filho quando esse tinha 10 anos, e aceita adotar o Saci. Agora o Saci também tem mãe para comprar-lhe um presente.
Pererê em O Milagre	57 a 65	Enquanto Dona Zizinha e Dona Eborin conversam sobre a súbita mudez de Nozito, após subir num pé de abacateiro, os amigos Pererê e Tininim preparam-se para o Casamento na Roça. Tininim será o padre, e quando está com a vestimenta apropriada, o menino mudo Nozito surge. Os dois, Pererê e Tininim, desconfiam que ele está com algo preso na garganta e dão-lhe um tapa nas costas, desentalando um caroço de abacate. O menino volta a falar, e a notícia de milagre se espalha por toda a mata.
Pererê em A Primavera	67 a 73	Pererê e Tininim aguardam a chegada da primavera, contudo, quando acordam, não encontram flores para presentear às namoradas Boneca e Tuiuiú, e, ao encontrarem uma única flor, brigam por ela e acabam estragando a flor. Assim, decidem visitar as meninas e, para surpresa de ambos, são convidados a conhecer o quintal florido delas, pois plantaram as mudas como todo mundo, no decorrer do ano, para colher na primavera.

¹⁷ A obra em estudo possui, na sua totalidade, 20 narrativas, sendo que, a cada uma das citadas na tabela (consideradas maiores), há uma curta, de apenas uma página, considerada como pausa para um breve descanso ao leitor. Estas narrativas de uma página são uma sequência de tentativas de o coelho Geraldinho criar uma nova data comemorativa no calendário. Em cada uma dessas narrativas curtas, durante o percurso do coelho, os personagens da mata vão surgindo, proporcionando uma sequência que permite ao leitor, além da pausa, conferir se os personagens concordam com alguma das ideias de feriado de Geraldinho.

A turma do Pererê em A festa de Aniversário	75 a 88	Mãe Docelina prepara um festão de aniversário para Pererê, todavia um temporal começa e impede a chegada da turma da mata. No dia seguinte, Moacir, o Jaboti, leva o Pererê ao encontro dos amigos. Todos estão resfriados, por tentarem chegar à festa do Pererê e terem ficado molhados. Moacir é o único que não está doente, porque está acostumado à água e passou a noite salvando o pessoal de morrer afogado.
Pererê em Férias	90 a 96	A turma da mata comemora as férias escolares, mas, quando seguem em busca dos brinquedos que guardaram para o período de férias, descobrem que todos haviam usados os usado sem que os outros percebessem, e acabaram estragando tudo. Assim, ficaram sem brinquedos para as férias. Então, o professor Nogueira tem uma ideia: oferece todos os brinquedos que guardou durante a infância para a turma, porém com um detalhe: os brinquedos do professor Nogueira são todos livros.
Pererê Um conto de Natal	98 a 111	Papai Noel cai de helicóptero no meio da Mata do Fundão, e é socorrido pela onça Galileu. Como o Papai Noel não está acostumado ao calor, tem uma insolação e desidratação e o Pererê entrega os presentes das crianças na noite de Natal, enquanto o restante da turma fica cuidando da saúde do Papai Noel na mata.

Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

Retornando à observação da estrutura externa do livro, na quarta capa (Figura 9), destaca-se a imagem do personagem principal, o Saci Pererê, bem ao centro, sentado, com o pé aparentemente apoiado no chão, com os braços cruzados atrás da cabeça, encostado em um tronco, o mesmo que está na primeira capa. Apenas uma imagem do protagonista aparece na quarta capa, provavelmente descansando, a fim de sugerir que ele tenha vivenciado muitas aventuras no decorrer dos 365 dias de narrativas do livro.

Figura 9 – Quarta capa da obra em estudo



Fonte: Ziraldo, 2006.

A escolha por apresentar apenas a imagem do Saci, na quarta capa, mobiliza o leitor para o texto, já que nenhum dos outros personagens está presente, assim como outros elementos das histórias não aparecem nesse cenário. Um pequeno texto, em letras brancas, na parte superior, convida o leitor a conhecer as histórias em quadrinhos dessa Turma, conforme transcrição a seguir: “Venha conhecer as divertidas histórias em quadrinhos da Turma do Pererê e descubra a Mata do Fundão, um lugar onde o Sol nasce sempre bonito, o dia tem muito tempo para brincar e a noite tem um luar enorme, que você pode conferir neste livro”.

O mesmo tom de verde da primeira capa se repete no fundo uniforme da quarta capa, reforçando as características das matas e florestas brasileiras. Por tratar-se de uma cor complementar e intensa, gera um contraste, direciona a atenção do leitor e acentua a figura do Saci, bem ao centro da página.

O projeto gráfico-editorial contempla a presença de orelhas com imagens de alguns dos principais personagens das narrativas, promovendo antecipadamente o encontro do leitor com os mesmos. Na folha de rosto, aparece apenas o Saci, a mesma ilustração utilizada na primeira capa do livro, porém, agora, revela-se inteira. O nome do autor, assim como a indicação da turma, surgem novamente com as mesmas cores e letras, mas sem identificar os 365 dias na Mata do Fundão. A cor branca predomina em toda a página, favorecendo o realce do personagem principal. O logotipo da editora está logo abaixo da imagem do Saci, e o nome da mesma é grafado com letras em tamanho menor. No verso da mesma página, estão identificados os dados de catalogação do livro, assim como uma breve biografia do autor.

Na terceira página do exemplar (Anexo 1), o autor faz um breve relato acerca de como surgiu a revista em quadrinhos *A Turma do Pererê* e como foram criados os personagens desta narrativa. Trata-se de paratexto de caráter informativo, que cumpre o papel de orientar o leitor iniciante que desconhece a história da referida Turma. É um convite informal do autor aos leitores a passarem estes 365 dias do ano divertindo-se com os personagens que compõem as histórias do livro.

Alguns dos personagens da Turma surgem ao redor da mensagem, com o olhar voltado para o texto do autor, como se estivessem afirmando o que foi escrito por Ziraldo, devido à postura e aos gestos de todos em harmonia com a expressão facial, apoiando a voz do autor. Este conjunto visual, composto pelos personagens, reforça as palavras e conta, mesmo sem a necessidade do código verbal, criando espaço e auxiliando a compreensão do leitor, destinatário da obra, como argumental Eisner, sobre expressões dos personagens:

A aparência do rosto, como alguém disse certa vez, é ‘uma janela do pensamento’. Trata-se de um terreno familiar à maioria dos seres humanos. Seu papel na comunicação é registrar emoções. Nessa superfície, o leitor espera que os elementos móveis revelem uma emoção e um ato como um advérbio da postura ou gesto do corpo (EISNER, 2012, p. 114).

De acordo com Eisner (2012), a fisionomia do personagem também dá sentido ao que está escrito, podendo, assim, ser prontamente entendida. O leitor compreende a narrativa com mais facilidade quando as imagens dos personagens estão em harmonia com a palavra.

As páginas 4 e 5 mostram a ilustração em grande plano geral¹⁸. É uma paisagem ampla da mata, com muitas árvores, pássaros e um lago com uma cachoeira. Algumas casas, provavelmente as fazendas do São Nenem e do compadre Tônico, também podem ser vistas nesse cenário. Mais ao fundo, próximo às montanhas, visualizamos uma aldeia indígena.

Portanto, as imagens dos quadros iniciais ambientam o leitor antes de envolvê-lo com os personagens das narrativas, além de conter uma descrição da mata, conforme transcrição a seguir:

A Turma do Pererê vive aqui nesta mata muito rica, que tem árvores com mais de cem anos, lagos de água fresca e grutas. Tem também uma clareira, que é um espaço aberto dentro da mata. É ali que a turma se reúne para ouvir as divertidas histórias do Saci. É cada história... Ah, em volta da mata a gente pode ver os campos verdes e as fazendinhas do compadre Tônico e São Neném. Mas a Aldeia dos índios Parakatokas não é fácil de ver porque fica meio escondida entre as montanhas. A cidadezinha é mais longe daqui e a turma só vai pra lá de vez em quando. Bem, você deve estar querendo conhecer essa turma, né? (ZIRALDO, 2006, p. 4-5).

Com a descrição visual e verbal do local onde ocorrerão os conflitos, é possível mobilizar a imaginação do leitor, proporcionando-lhe ampliação do cenário em sua mente, de maneira a transportá-lo para o local onde as histórias irão acontecer. De acordo com Moraes (2008, p. 55), “[...] dada a importância desse objeto-livro, onde a história adormecida aguarda o leitor para acontecer, quanto mais integradas trabalharem suas partes dentro da obra, melhor se dará sua fruição”. Assim, ressaltamos a relevância destas informações visuais e verbais, as

¹⁸ O **grande plano geral** é utilizado para evidenciar o ambiente como elemento principal. Nele, a área enquadrada é preenchida pelo ambiente. A noção de enquadramento é a mais importante da linguagem cinematográfica e utilizada na organização de diferentes gêneros da linguagem visual, no caso em análise, na ilustração. Enquadrar é decidir de que modo o leitor da imagem perceberá o mundo que está sendo criado no texto, bem como a contribuição para a compreensão narrativa e de caráter estético.

quais antecedem as narrativas e envolvem o leitor, auxiliando-o na compreensão das histórias que compõem o livro.

4.2.2 Configuração dos personagens

A figuração dos personagens é analisada a seguir, a partir de critérios estabelecidos por seus elementos constitutivos, como a forma, expressão e gestualidade, que servem de sua caracterização e mesmo objetos ou adereços que os acompanham, além da localização no espaço e para que demais indicadores possam situá-los no enredo, de modo a contextualizar cenários e práticas culturais. Esses aspectos também contribuem para a apropriação do texto pelo leitor e sua atribuição de sentido.

Os personagens que compõem a obra foram apresentados ao leitor de forma que o mesmo pudesse observar as características individuais de cada deles, assim como ter acesso, antes de folhear o livro, a uma breve apresentação de ser de cada um dos membros d'*A Turma do Pererê*. Os critérios utilizados para a análise dos personagens pauta-se nas informações fornecidas pelo autor e, também, pelos demais aspectos visuais que compõem a obra e que, em sintonia com os dados verbais da narrativa, complementam as informações necessárias para o entendimento do contexto da obra.

Podemos observar que alguns dos personagens aparecem nas orelhas da capa e da quarta capa do livro, caracterizados individualmente. Na orelha da capa (Figura 10), o personagem Galileu toca um pandeiro, remetendo ao Carnaval. A seguir, Mãe Docelina acena e tem uma máquina fotográfica pendurada no pescoço, além de segurar uma mala de viagem, como se estivesse saindo de férias. Outros personagens são mostrados, como Geraldinho, o coelho, que segura um ovo de Páscoa; Pedro Vieira, o tatu, de gorro e cachecol, alude ao inverno, e o índio Tininin é caracterizado de caipira. Dessa maneira, a partir da visualidade, relacionamos os personagens com os seis primeiros meses do ano no Brasil: carnaval, férias de verão, Páscoa, o inverno e, na sequência, as festas juninas, que ocorrem no mês de julho.

Figura 10 – Orelha da capa e da quarta capa da obra



Na orelha da quarta capa (Figura 10), os personagens mostram a continuidade dessa caracterização das datas comemorativas, decorrentes do calendário brasileiro. A personagem Boneca segura um grande coração, que se assemelha a um pacote de presente, com seu nome escrito, a lembrar do Dia dos Namorados; Moacir, o jabuti, tem uma bandeira do Brasil que remete à Independência do Brasil; Tuiuiú, com seu ramalhete de flores, faz o leitor pensar na Primavera; o Saci Pererê, caracterizado de Papai Noel, identifica o Natal; e o macaco Alan finaliza o ano vestido de branco, de acordo com a tradição de usar roupas brancas no Ano Novo. Fecha-se, assim, o ciclo com a representação de algumas datas comemorativas dos meses do ano do calendário brasileiro. Muitas das datas são referidas pelo calendário escolar, de modo a sugerir uma associação do livro com a escolarização da leitura e da literatura.

Nas páginas de 6 a 9 do exemplar (Anexo 1), são descritas características individuais de cada personagem, familiarizando o leitor com essa turma, antes de iniciar a leitura das histórias. A maneira escolhida para descrever as características principais dos personagens e do local onde as narrativas acontecerão demonstra que o título prevê um leitor iniciante, assim como certa preocupação com a interpretação das histórias denota uma forma de oportunizar maior interação entre o leitor e a obra.

Nas imagens, identificamos que os personagens estão distribuídos em harmonia, de acordo com a sua relação nas histórias. Na página 6, não há presença dos animais das narrativas, apenas alguns personagens humanos das histórias, enquanto que, na página 7, foram caracterizados apenas alguns dos animais da floresta, que fazem parte dos conflitos que ocorrem na Mata do Fundão.

Na página 8, a onça Galileu surge com uma mão em frente ao corpo e outra atrás, sugerindo pausa para descanso, enquanto atrás dela surgem os dois fazendeiros que estão sempre tentando pegá-la nas histórias do livro, caminhando com os braços atrás do corpo. Na última caracterização, à página 9 da obra, mãe Dulcelina traz uma tigela na mão, indicando que prepara algum doce, que é o que ela mais gosta de fazer, junto do professor Nogueira, a coruja, que está sobre uma pilha de livros, pois é o professor da Mata.

Todos os personagens são apresentados ao leitor antes de iniciar o conflito, mostrando, novamente, uma estratégia de familiarizar o destinatário da obra com as histórias que a compõem. Nesse caso, o planejamento do exemplar estabelece vinculação à criança. As ilustrações que antecedem o enredo e essa apresentação dos personagens sugerem aspectos da narrativa que virão aos olhos e mente do destinatário, propiciando ao mesmo um caminho de leitura.

4.2.3 Composição do enredo

A análise da narrativa visual baseou-se nos aspectos estruturais que a compõem, como o tempo, observado a partir dos movimentos e deslocamentos dos personagens, suas ações, a sequência dos eventos (figuras), assim como os tamanhos dos quadros e sua composição. Além disso, pautou-se, também, na expressividade dos personagens, nas onomatopéias e nos formatos dos balões, os quais auxiliaram no entendimento das cenas observadas.

A obra inicia com a história intitulada “Galileu em o que mamãe diz... é lei!”. A narrativa sugere pistas sobre o enredo já no primeiro quadro, no qual constam apenas o título e uma folha de um calendário com a data 1º de janeiro. O nome do protagonista da história está em destaque, com letras maiores e coloridas, enquanto o título aparece grafado na cor preta. A narrativa possui 36 quadros que mostram o que acontece no dia 1º de janeiro, quando São Neném e Compadre passam o dia inteiro à procura de Galileu, em uma tentativa de aproximação, vivendo várias situações no decorrer da trama, sem sucesso. A passagem de

tempo pode ser observada pelas imagens do nascer do sol, assim como do pôr do sol e do anoitecer, que caracterizam o início e o final do dia, revelando, assim, o tempo da narrativa ao leitor.

No segundo quadro da página 10 da obra, a narrativa mostra o encontro dos amigos Compadre e São Neném, no início da manhã, cena caracterizada pela presença do sol surgindo ao fundo da imagem, por trás da figura de São Neném cuja sombra se projeta na direção do Compadre, confirmando a ligação entre ambos. O Compadre é mostrado em primeiro plano, de corpo inteiro, e seu amigo ao fundo, em tamanho menor. A utilização de recursos de perspectiva cria a ilusão de distância entre eles, e os personagens cumprimentam-se com um “bom dia”, o que também reforça tratar-se de uma situação matutina.

Figura 11 – Segundo quadro da história “Galileu em o que mamãe diz... é lei!”



Para Eisner (2012, p. 161), perspectiva é entendida como a distância, a relação entre as formas, a configuração e o tamanho por meio do uso de linhas que convergem em um ponto no horizonte – o chamado “ponto de fuga”. Assim, podemos imaginar que o personagem está vindo de longe.

Na sequência dos três quadros seguintes, ambos mantêm um diálogo sobre a importância do primeiro dia do ano e do que as mães sempre disseram a eles quando pequenos, de que tudo o que fizerem no primeiro dia do ano farão no ano inteiro. A narrativa nesses quadros acontece sem detalhes no cenário; apenas a presença dos dois personagens e os balões dos diálogos são utilizados para informar ao leitor sobre o que está acontecendo. No quadro seguinte, último da página, novamente aparece a imagem do sol ao fundo da cena,

porém, desta vez, está um pouco mais elevado em relação aos personagens. Esses continuam o diálogo, utilizando uma sequência de perguntas e respostas curtas, em que São Neném confere se o amigo já fez tudo o que deveria ter feito pela manhã naquele dia.

Na próxima página, os dois amigos decidem procurar a onça Galileu para desejar Feliz Ano, em uma tentativa pacífica de aproximação. No primeiro e quinto quadros, é possível observar que o sol se desloca em posições diferentes, demarcando o tempo transcorrido: a passagem do dia.

De acordo com Eisner, a passagem do tempo também pode ser visualizada no decorrer da narrativa, conforme o tamanho dos quadrinhos utilizados em uma obra. O autor argumenta que

[...] número e o tamanho dos quadrinhos também contribuem para marcar o ritmo da história e a passagem do tempo. Por exemplo quando é necessário comprimir o tempo, usa-se uma quantidade maior de quadrinhos. A ação, então, se torna mais segmentada, ao contrário da ação que ocorre nos quadrinhos maiores, mais convencionais. Ao colocar os quadrinhos mais próximos uns dos outros, lidamos com a “marcha” do tempo no seu sentido mais restrito (EISNER, 2012, p. 30).

A utilização de quadros em tamanhos diferentes, durante a narrativa, transmite ao leitor a ideia de passagem de tempo, bem como o ritmo da narrativa. Estes tamanhos podem ser observados nas páginas de 10 a 15, nas quais foram utilizados quadros de tamanhos diferentes, reforçando a série de ações vivenciadas pelos personagens e configurando a regularidade de ação. Todas as narrativas da obra de Ziraldo utilizam o mesmo estilo de quadrinhos com tamanhos diferentes, de acordo com a ênfase e o sentido pretendido.

No quinto quadro da página 11 (Figura 12), surge o personagem Galileu, com a expressão de que esteja assobiando, caracterizado pela presença de um símbolo de nota musical¹⁹. Quando Compadre e São Neném veem Galileu, a expressão de surpresa é demonstrada com a mudança de formato do balão utilizado, chamado de “balão-berro”²⁰. De acordo com Ramos, “[...] tudo o que fugir ao balão de fala²¹ adquire um sentido diferente e particular. O balão continua indicando a fala ou o pensamento do personagem, entretanto ganha outra conotação e expressividade” (RAMOS, 2009, p. 36). A expressão facial de Galileu também caracteriza surpresa e espanto ao ver São Neném e Compadre.

¹⁹ Nota musical indica assobio ou canto (RAMOS, 2009, p. 113).

²⁰ Balão-berro: extremidades para fora, como uma explosão; sugere tom de voz alto.

²¹ Balão-fala: o mais comum e expressivamente o mais neutro; possui contorno traçado contínuo, reto ou curvilíneo; também é conhecido como balão de fala.

Figura 12 – Quinto quadro da página 11



No quadro seguinte, último da página, a ausência de Galileu é demonstrada pela marca no chão, sugerindo que o personagem saiu muito rápido, e que apenas ficou a mancha de onde ele pisou. Assim, Galileu desaparece da cena, e apenas São Neném e Compadre perguntam onde está a onça. Esse último quadro provoca a curiosidade do leitor, impulsionando-o a continuar a leitura e a descobrir o que aconteceu com o personagem Galileu. Esse aspecto é intencional e tem como objetivo dirigir o leitor para o quadrinho ou página seguinte, aumentando o seu envolvimento e o interesse pela narrativa.

Alguns exemplos da passagem do tempo nos quadrinhos são demonstrados no Quadro 8 a seguir, referenciando as páginas e figuras, nas quais podem ser observadas algumas situações que caracterizam essas marcas temporais no decorrer da narrativa.

Quadro 8 - Marcas temporais na HQ

MARCAS TEMPORAIS QUE CARACTERIZAM A PASSAGEM DO TEMPO NA NARRATIVA

Elementos visuais	Figura	Quadro nº
	10	2 e 6
O deslocamento do sol pode ser observado quando surge nos primeiros quadros, em tamanho maior. Após, aparece em elevação e em tamanho menor na sequência dos quadros seguintes.	11	1 e 5
	12	1 e 5
	13	4
	14	3
A sombra dos personagens (em alguns momentos a sombra está abaixo dos personagens, ou a frente. Em outros quadros o próprio personagem surge como uma sombra na noite escura).	10	1
	11	5, 6 e 7
	12	5 e 6
	13	1, 4 e 5
	14	1, 3 e 4
O surgimento da lua (a lua surge assim que a imagem do sol desaparece dos quadros).	14	4 e 5
	15	1, 2, 3 e 6
A aparência dos personagens (o olho marcado, devido às quedas, a barba crescida e as roupas com traços e marcas de sujeira).	14	2
	15	1,3, 5 e 6

Fonte: Organizado pela autora.

Na página seguinte (Figura 13), no primeiro quadro, observamos os personagens que estão à procura da onça Galileu. Um deles, com o braço estendido, apontando com o dedo para onça, ao longe, como se a mesma já tivesse corrido muito para se distanciar deles. Novamente, surge na cena a imagem do sol, caracterizando que ainda é dia na narrativa. No segundo quadro, a imagem da onça Galileu aparece fixa, porém, os efeitos gráficos, como as linhas de velocidade, indicam o movimento, como se estivesse correndo, sendo esses recursos utilizados para narrar a ação que ocorre neste bloco.

Figura 13 – Primeiro e segundo quadros da página 12



A ação pode ser identificada pela fisionomia do personagem; por exemplo, o olhar que se volta para trás (segundo e terceiro quadros) demonstra que o mesmo está fugindo, enquanto se situa em relação aos seus perseguidores. A postura do personagem expressa sua atitude, movido por aquilo que está sentido no momento. Assim, as expressões e os gestos são exagerados, para que o leitor compreenda melhor a ação.

Uma postura é um movimento selecionado de uma sequência de momentos relativos a uma única ação. [...] é preciso selecionar uma postura, de um fluxo de movimentos, para contar um segmento de uma história. Ela é então congelada no quadrinho, num bloco de tempo. Num quadrinho selecionado a partir de uma série, a postura congelada conta a sua história – dando informações sobre o antes e o depois do evento (EISNER, 2012, p. 107).

De acordo com Eisner, em um único quadro, com a imagem do personagem parado, podemos entender o que está acontecendo na história, a partir da representação utilizada pelo artista, por exemplo, com a imagem do personagem parado. O leitor consegue completar com a imaginação o que a cena sugere, mesmo que não seja explícita, visto que a postura do

personagem apresenta a informação, o que gera no leitor um processo cognitivo, pela produção de uma imagem mental complementar.

No quadro seguinte (página 12), os personagens, que estão em busca de Galileu, surgem sem cor, como suas próprias sombras, assim como, novamente, o sol aparece outra vez na cena, mas agora em uma posição um pouco mais elevada, caracterizando a passagem do tempo e o momento do dia. No próximo quadro, ambos personagens estão dentro da mata e, agora, ela parece mais escura ao fundo para o leitor, devido à caracterização do anoitecer.

Na página 13, uma sequência de cenas prende a atenção do leitor desde o início. Os quadrinhos revelam o deslocamento da série de ações, com a intenção de despertar o interesse do leitor à narrativa que está sendo contada; começam com o personagem Compadre segurando o cipó de uma árvore, com o objetivo de alcançar a onça Galileu. Inicialmente, a construção do percurso narrativo da cena se dá pelo diálogo já estabelecido entre os personagens Compadre e São Neném, que continuam a perseguição em busca do animal, na tentativa de estrearem o ano em paz com ele e desejar-lhe um Feliz Ano Novo. No segundo quadro, o movimento do personagem Compadre, segurando o cipó, é caracterizado pelas linhas que indicam a velocidade da ação. Tais linhas surgem tanto no personagem Compadre, como na onça Galileu, identificando que ambos estão em movimento veloz.

Figura 14 – Segundo quadro da página 13



No terceiro quadro, Compadre bate de frente no tronco de uma árvore, e a ação é caracterizada, não somente pela imagem do acontecimento, mas, também, pela presença de linhas, que sugerem o tremor do impacto no corpo do personagem, simulando a sensação da

batida contra a árvore, assim como a onomatopeia “TUM”, que aparece na cena e representa o barulho da pancada.

No quarto quadro, São Neném carrega São Compadre nas costas e continua correndo em direção à onça Galileu, que aparece em tamanho menor, indicando que a mesma já está distante dos dois. O sol surge mais uma vez, agora um pouco mais acima da cena, a confirmar mais uma vez a passagem do dia na narrativa.

Na sequência, São Neném consegue se aproximar de Galileu, tentando explicar o que pretende; porém, a ação pode ser interpretada como se a onça estivesse muito cansada, devido à presença de gotas de suor ao redor do rosto, mesmo sem mostrar a face. Portanto, os recursos gráficos utilizados nos quadrinhos são detalhes que podem definir a percepção da situação pelo leitor, uma vez que “é importante destacar que o sentido atribuído ao sinal gráfico está diretamente atrelado ao contexto da história.” (RAMOS, 2009, p. 110).

No último quadro (Figura 15), a presença de linhas que partem da montanha em direção ao rio indica que o personagem São Neném saltou no rio, bem como a imagem da água espalhando-se pela cena confirma o salto. A onomatopéia “TIBUM”, logo abaixo, reafirma a ação.

Figura 15 – Último quadro da página 13



Na página seguinte, o leitor visualiza, no primeiro quadro, a imagem de Galileu correndo, e as linhas ao redor do corpo do personagem expressam o movimento da onça, compondo os signos de visualidade, juntamente ao aspecto de cansaço de Galileu, devido às

gotas de suor que surgem ao redor do seu rosto. Nesse sentido, os gestos podem ser observados na ação narrada visualmente, servindo de suporte à linguagem verbal.

A habilidade (e a ciência, se quiserem) encontra-se na seleção da postura ou do gesto. No veículo impresso, ao contrário do que ocorre no cinema ou no teatro, o artista tem de sintetizar numa única postura uma centena de movimentos intermediários de que se compõe o gesto. Essa postura selecionada deve expressar nuances, servir de suporte ao diálogo, impulsionar a história e transmitir a mensagem (EISNER, 2005, p. 105).

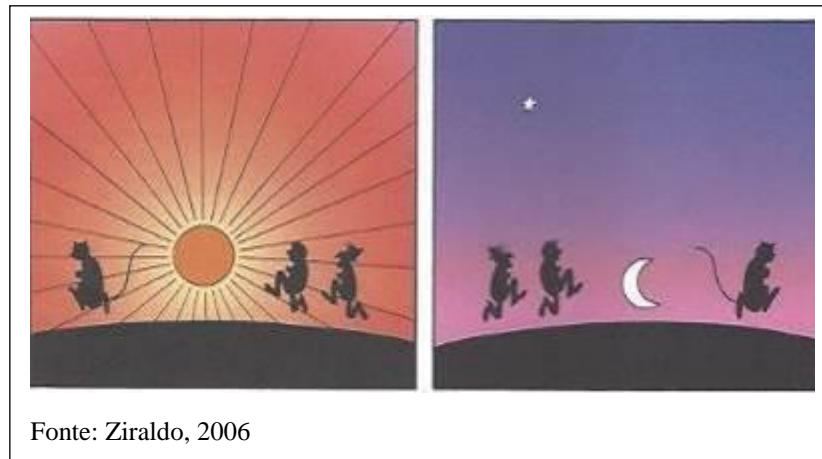
Assim, é possível interpretar com facilidade o que está ocorrendo na cena representada, bem como perceber o que ocorre com o personagem, pelos seus gestos e expressões. No quadro da sequência, os personagens também aparecem com as mesmas expressões faciais, demonstrando cansaço físico, devido ao tempo que estão correndo atrás de Galileu. Também observamos que a iluminação ao fundo da imagem começa a alterar sutilmente em cada quadrinho, começando a diminuir a intensidade de luz e, mais uma vez, caracterizando a passagem do tempo e o cair da noite. O personagem São Neném aparece, agora, com um olho escuro, provavelmente devido à queda ocorrida nas cenas anteriores.

No terceiro quadro, a imagem do sol predomina ao fundo do quadro, agora com uma luz crepuscular e com a utilização dos personagens em silhuetas escuras, em uma situação de entardecer, em que os três personagens correm na direção do lado esquerdo da página. No quadro seguinte, os personagens dirigem-se para o lado direito, sinalizando que continuam correndo; o tempo passa e aparece a figura da lua ao fundo do quadro, junto de uma estrela. Identificamos, no decorrer da narrativa visual, o registro quadro a quadro da passagem do tempo, utilizando os recursos de cores, imagens e tonalidades para que o leitor compreenda facilmente a passagem do tempo no decorrer do dia ou da história.

No terceiro e quarto quadros da página 14 (Figura 16), apenas o uso de imagens conta a história, cumprindo a função narrativa. De acordo com Eisner, é possível (2012, p. 10) “[...] contar uma história apenas através de imagens, sem a ajuda de palavras. [...] A ausência de diálogo, no intuito de reforçar a ação, serve para demonstrar a viabilidade de imagens extraídas da experiência comum”. Assim, o leitor consegue compreender, a partir de suas vivências, o que está sendo narrado nas imagens da história, a partir da interpretação dos gestos dos personagens. O próprio cenário informa sobre o que está acontecendo, com o sol surgindo ao fundo da cena com os personagens correndo para um lado e, no quadro seguinte, a lua é quem aparece, agora com os personagens correndo para o lado oposto. Esses quadros

sugerem ao leitor que a situação vivenciada pelos personagens inicia durante o dia e continua à noite.

Figura 16 – Terceiro e quarto quadros da página 14



O quinto quadro da narrativa (página 14) é maior em relação aos demais, enfatizando o momento que São Nené e Compadre conseguem se aproximar de Galileu. Ambos demonstram cansaço, devido ao longo período que ficaram tentando encontrar a onça, fato caracterizado pelo surgimento da lua com uma nuvem escura cobrindo-a em parte.

O balão utilizado, chamado de “balão de pensamento”, representa uma fala não pronunciada do personagem (EISNER, 2005), que também facilita a compreensão do leitor na apreensão do conteúdo pensando, produzido pelo impacto emocional e físico do mesmo. A sequência de palavras que se repetem e vão diminuindo de tamanho, dentro do balão, caracteriza a fadiga do personagem, como se estivesse ficando sem voz, devido à exaustão física. No mesmo quadro, a face de Galileu também expressa medo, por seus perseguidores terem o alcançado.

A sequência de quadros dessa página repete a finalização anterior, na questão do “sumiço” de alguém, porém, desta vez, quem desaparece é a lua, segundo o balão de fala, o único elemento desse quadro que está totalmente escuro, por ser noite na narrativa. Nas histórias em quadrinhos, o tempo e o ritmo, elementos criados por meio de ação e do enquadramento, se entrelaçam (EISNER, 2012, p.30). Assim, podemos dizer que a eficiência da narrativa em comunicar ao leitor a passagem de tempo na história está na maneira

escolhida pelo autor em compor os quadros e suas representações, permitindo ao leitor observar este acontecimento de forma clara.

Figura 17 – Último quadro da página 14, indicando que é noite



De mesma maneira, os próximos seis quadros da última página da narrativa (p. 15) dão continuidade à demonstração da passagem do tempo, da representação de fenômenos naturais, do movimento de personagens e de figurações. Por exemplo, no surgimento da lua, a iluminação utilizada nos detalhes caracteriza a noite, assim como na onomatopéia do som emitido pelo relógio da catedral da cidade, o “BONG, BONG”, sinaliza que já é meia noite, e que o dia está acabando.

Figura 18 – Último quadro da narrativa em estudo



As outras dezenove narrativas que compõem o livro de Ziraldo possuem características semelhantes à história escolhida como base para a investigação, quanto à constituição do gênero e dos seus elementos narrativos, compreendidos pelas linguagens verbal e visual, como imagens, tempo, figuração dos personagens, formato dos quadros, recursos gráficos, entre outros.

Assim, as considerações apresentadas focalizam apenas em uma das histórias do livro, visto que há muitas semelhanças nos elementos estruturais que organizam a narrativa visual da obra investigada, repetindo-se as constatações e os resultados em comum. Nesse contexto de análise, Ramos (2009, p. 14) explica que “ler quadrinhos é ler sua linguagem, tanto em seu aspecto verbal quanto visual (não verbal)”, de modo que essas linguagens complementam-se nos quadrinhos, como é o caso da HQ aqui considerada.

Na análise realizada, observou-se que a HQ *A Turma do Pererê: 365 dias na Mata do Fundão* oferece uma variedade de imagens e de indicadores narrativos reconhecíveis e que se repetem, favorecendo o entendimento dos leitores, mesmo que eles possuam pouca idade ou estejam, ainda, em processo inicial de alfabetização. A maneira como o gênero é construído favorece o entendimento e a compreensão da narrativa verbal e visual, facilitando a atribuição de significados no processo de leitura, devido às histórias em quadrinhos utilizarem poucas falas e os diálogos entre os personagens serem curtos e de fácil leitura. Também as imagens complementam e ampliam as narrativas verbais, favorecendo a interpretação rápida de seus leitores, desde o primeiro momento de contato.

Há outros aspectos, utilizados nas HQ, que auxiliam na constituição da narrativa, como é o caso dos balões que as caracterizam e as diferem das demais organizações do texto verbal. As falas dos personagens são representadas pelo auxílio dos balões, uma vez que o contorno utilizado também orienta o leitor acerca do tom da fala, se o personagem está pensando, falando, murmurando, de acordo com o estilo utilizado, como também a direciona.

Quanto ao conteúdo dos recursos verbais dos balões, constata-se a presença de letras maiores ou grifadas quando os personagens precisam demonstrar que estão mudando o tom de voz ou mesmo para enfatizar gestos, reações ou sentimentos. Tal recurso pode ser muito bem visualizado nas histórias em quadrinhos, a partir dos vários estilos de balões apresentados como auxiliares na comunicação dos personagens.

Devido à estrutura narrativa de *A Turma do Pererê* cuja organização apresenta-se em episódios que fazem referência a datas comemorativas específicas de cada mês do ano, o

envolvimento do leitor pode aumentar, uma vez que há continuidade nas aventuras vividas pelos personagens do livro a cada novo episódio lido. A expectativa e a identificação com a temática fantástica estimula o imaginário infantil, que necessita dessa fruição para a experiência emocional e mental.

Além de a narrativa acolher o leitor, a obra também oferece alternância entre as narrativas consideradas grandes, separando-as das menores, alternadamente, com a escolha pela cor amarela na narrativa menor, de apenas uma página. Assim, cor funciona, neste caso, como um elemento visual que atrai o leitor, devido a sua intensidade, pois se configura por sua característica de temperatura quente e de luminosidade, podendo gerar diferentes sensações ao observador. A repetição cromática, em específicos momentos da obra, permite que o olhar do leitor percorra um determinado caminho, porque “[...] a semelhança atrai nosso olhar” (BLAZETTO, 2008, p. 80), mantendo esse leitor atento à sequência de leitura das narrativas que compõem o livro.

Afora as cores utilizadas como recurso para que o leitor detenha o olhar na narrativa, a utilização de quadros em tamanhos quase iguais propicia o ritmo que se mantém, permitindo o andamento das cenas na mesma velocidade. Quando ocorre a alteração, o tamanho dos quadros também muda o ritmo da narrativa, pois, conforme Eisner (2012, p. 36), “o ritmo se mantém por meio do uso de quadrinhos estreitos de tamanho quase igual”. Nesse sentido, os tamanhos dos quadros sustentam o ritmo da narrativa e, quando se pretende diminuir o ritmo, utiliza-se um quadro maior.

Podemos afirmar, em síntese, que a obra em quadrinhos *A Turma do Pererê*, selecionada e distribuída às escolas públicas brasileiras pelo PNBE 2012, contempla peculiaridades do gênero em questão. O conjunto de elementos presentes no título desafia o leitor a compreender aspectos de uma narrativa, para os quais nem sempre a atenção das crianças é direcionada em uma leitura sem mediação, como podemos observar no Quadro 9.

Quadro 9: Aspectos analisados na HQ

ASPECTOS PRESENTES NA HQ ANALISADA	
Formato do livro /quadros	Apresenta uma estrutura tradicional, em que um quadrinho segue o outro horizontalmente e de cima para baixo. Os quadros dirigem o fluxo do olhar do leitor, seguindo o padrão convencional de leitura.

Balões de diálogo	Os diferentes tipos de balões utilizados para as representações das falas dos personagens identificam pensamento, emoções, surpresa, entre outros aspectos. Também reforçam efeitos no som e no estilo de fala dos personagens.
Cores e cenários	Os cenários são constituídos à medida que novas situações surgem na narrativa, oferecendo pistas ao leitor relacionadas aos espaços em que as ações ocorreram. As cores são elementos que compõem a linguagem dos quadrinhos. As cores caracterizam personagens, cenas e situações; inclusive o uso de preto e branco (por ex. as silhuetas) colaboram para o entendimento da narrativa.
Tempo e espaço	A demonstração do tempo e espaço ocorre concomitantemente nos quadros com as imagens do sol, da lua, assim como a mudança de cor do quadro, que, graças às experiências do leitor, acerca de passagem do tempo, consegue perceber o deslocamento destes elementos nos quadros (o sol, a lua, a escuridão, a noite, etc.). As variações no espaço podem ser observadas pelos artifícios de representação espacial de perspectiva, como distância, proporção e volume, com a observação de diferentes planos e ângulos (a imagem aparece inteira, em outros, da cintura para cima).
Formas e linhas	Recursos gráficos organizam figurações, tamanhos, gestualidade e expressões e movimentos dos personagens.
Caracterização dos personagens	A identidade e as emoções vivenciadas pelos personagens, durante o enredo, são identificadas pelos gestos, posturas, traços corporais e faciais.
Onomatopeias	Figuras de linguagem que reproduzem som , ruídos, vozes, fonemas ou palavras . Pode-se dizer que são reconhecidas universalmente.

Fonte: Organizado pela pesquisadora.

Com base nas questões indicadas neste texto, sugerimos que as histórias em quadrinhos podem desempenhar um papel importante a ser considerado na formação do leitor, a partir de um trabalho conjunto entre mediador e leitor. Porém, torna-se necessário aprofundar os conhecimentos relativos à linguagem dos quadrinhos pelo profissional que media a leitura junto aos alunos, para que ocorra um trabalho apropriado, que possa auxiliar o leitor a explorar as linguagens oferecidas pelas HQ, como gênero específico.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A inserção das HQ nas escolas públicas, a partir do incentivo dos PCN e da distribuição, por meio do PNBE, foi um marco para a aceitação dessa modalidade discursiva como um produto cultural com o qual os estudantes têm o direito de interagir. Sabe-se que, por um longo período, as HQ não foram aceitas e nem vistas com bons olhos nas escolas, por serem consideradas apenas uma leitura de entretenimento, desprovidas de qualidades linguísticas. Porém, hoje espera-se que o estudante constitua-se um leitor experiente, que seja capaz de apropriar-se das diversas linguagens que integram os objetos de leitura circulantes nos diferentes espaços sociais em que os sujeitos transitam.

Cada gênero possui suas especificidades, sua complexidade e se constitui com identidade própria. As HQ apresentam particularidades de organização textual, que geram competências de leitura, tanto no âmbito da visualidade, quanto da estrutura narrativa verbal. Com este estudo, procuramos um melhor entendimento desse gênero de leitura, a partir da descrição de aspectos característicos, tendo em vista a formação do leitor iniciante na perspectiva do letramento. Assim, cabe ao mediador conhecer as peculiaridades do gênero, para ressaltar essas características durante a promoção da leitura, a fim de que o leitor possa entender o texto de modo abrangente, explorando e articulando as linguagens que se apresentam, principalmente a abordagem dos aspectos verbo-visuais da narrativa que identificam o gênero.

Os quadrinhos atraem os estudantes no contexto escolar e fora dele, podendo ser utilizados em várias situações, proporcionando a interação e participação no enredo, não só uma leitura divertida, como também um trabalho rico com linguagem, desde a mediação docente. O fato de as histórias em quadrinhos possuírem imagens e palavras interligadas amplia a compreensão do leitor, propiciando uma aprendizagem de múltiplos modos de dizer, de comunicar-se. Além disso, as HQ apoiam-se em diversos temas e informações que fazem parte do cotidiano dos leitores e podem ser facilmente discutidos em sala de aula, com o auxílio docente.

A articulação entre imagem e palavra define a compreensão do texto e, para que o entendimento ocorra, o conhecimento acerca de peculiaridades do gênero auxiliam o leitor, assim como os conhecimentos de mundo, de gênero, dos personagens, entre outros aspectos que precisam ser acionados, para que essa apropriação aconteça.

Contudo, somente ler para o aluno ou com o aluno não é suficiente para que o mesmo construa conhecimento sobre aspectos que envolvem a leitura. Os quadrinhos oferecem elementos que, além da descrição da situação narrativa, mostram, a partir das imagens, detalhes da cena, como mobiliário de uma casa, vestimentas dos personagens e suas características físicas – o cenário onde os fatos ocorrem -, entre outras informações que auxiliam na contextualização do enredo e da produção de sentido de cada história apresentada.

Ademais, os diversos recursos de linguagem proporcionam acesso a outras possibilidades de comunicação aos leitores, podendo colaborar para a sua atuação na sociedade e auxiliar para seu letramento no contexto em que vivem. Destacamos os elementos específicos do gênero como as **onomatopeias**, utilizadas como uma figura de linguagem para reproduzir sons, palavras, ruídos, entre outros; os **balões** que fazem o enquadramento da fala dos personagens, auxiliando também a comunicar pensamentos, cochichos, etc., utilizando várias formações, de acordo com a intenção de demonstrar o sentimento do personagem.

Além desses, os **quadros** e os **requadros** constituem a estrutura do cenário da história, imprimem dinamismo e ritmo, gerados pela variação de tamanho, na sequência de imagens; e, por fim, a **passagem de tempo**, que pode ser facilmente percebida pelo leitor, a partir de aspectos como o surgimento do sol e da lua e de detalhes como a troca de vestimenta dos personagens.

Os recursos utilizados nas histórias em quadrinhos, tais como as representações, a expressividade das imagens, a formatação de quadros, os níveis de fala, o tempo e o espaço, a abertura à oralidade, as possibilidades de sentidos das cores, os modos de figuração dos personagens, os diferentes estilos dos ilustradores, entre outros, propiciam aos leitores a compreensão oriunda da integração entre imagem e palavra. Todos esses aspectos favorecem o exercício de habilidades interpretativas conjugadas no momento da leitura, pelo leitor.

Algumas HQ apresentam temas cuja exploração possibilita que alunos e professores relatem experiências e relacionem situações semelhantes às ocorridas em suas vivências cotidianas ou, ainda, informações de outras regiões, lugares e cidades, agregando cultura e conhecimento no momento da leitura.

No caso da obra de Ziraldo, a mesma constitui-se em narrativa lúdica, que pode mobilizar o imaginário das crianças, levando-as a lugares desconhecidos e que, muitas vezes, só serão acessados ou imaginados, a partir das ilustrações proporcionadas pelos quadrinhos.

Nesse sentido, a HQ de Ziraldo, objeto de estudo desta dissertação, oportuniza ampliação do repertório cultural dos estudantes, trazendo aspectos do folclore brasileiro para a sala de aula, articulados com temáticas e valores do cotidiano.

O fato de as histórias serem narradas na mata, que representa o Brasil no seu aspecto mais nativo, folclórico, interiorano e regional, pode mobilizar o imaginário do leitor e despertar a curiosidade para outros elementos do folclore do País, os quais podem comparecer à sala de aula. A harmonia nas relações entre os personagens e os animais da floresta, assim como os rios, árvores, plantas, pássaros, flores e montanhas, retratados na HQ, proporcionam ao leitor ideia do que seria a floresta brasileira e permitem que o mesmo adentre nesse espaço narrativo, apropriando-se da história e elaborando sentidos a partir das suas vivências.

Na narrativa escolhida neste estudo “O que mamãe diz é lei”, a expectativa constitui a atmosfera de leitura, uma vez que, nessa história, os caçadores São Neném e Compadre não pretendem caçar a onça Galileu. A história conflituosa, de aventura e suspense, em que os caçadores estão sempre tentando caçar a onça Galileu, vai ao encontro do público, acostumado com a leitura dos conflitos dos personagens, despertando, assim, a curiosidade para saber o desfecho. O sentimento equivocada da onça em relação ao objetivo dos caçadores pode ser comparado às vivências do cotidiano.

Assim, é possível que os leitores associem os conflitos vivenciados pelos personagens a situações que fazem parte do dia a dia daqueles. O olhar indefeso da onça Galileu, diante de seus perseguidores, pode estar associado às angústias que os pequenos experimentam frente aos desafios que a vida oferece, assim como os medos e as dúvidas perante o inesperado. Outro sentido que se pode atribuir à narrativa refere-se à relação do homem com a natureza, observando princípios éticos e morais de respeito e preservação dos seres vivos, pelo fato de os caçadores não intencionarem machucar a onça, mas apenas aproximar-se dela com a finalidade de serem gentis. Nesse contexto, a narrativa promove um resgate dos cuidados com os animais e a natureza, que muitas vezes são esquecidos na vida e no espaço escolar.

Desta forma, a utilização do livro em estudo pelo professor em sala de aula, além de contribuir com o letramento das crianças, devido as sutilezas que as histórias em quadrinhos oferecem, enfatiza a substituição de uma prática cultural (a caça), por outra prática, também cultural (a comemoração do novo ano e redefinição de objetivos), indicando a preservação dos animais e da natureza de forma atraente ao pequeno leitor, trazendo aspectos das florestas brasileiras.

Assim, reafirmamos que as histórias em quadrinhos possuem papel importante no âmbito escolar, quando utilizadas como objeto de leitura pautada na fruição, sendo que as mesmas, entre todas as formas de arte e de leitura, são a mídia mais popular entre os estudantes de qualquer nível de educação, constituindo-se em um veículo de comunicação de massa, de fácil acesso e leitura.

Estamos diante de uma geração que vive rodeada de inovações tecnológicas e informações rápidas, portanto há uma necessidade de oferecer material atraente aos estudantes. E a linguagem da obra de Ziraldo permite a fruição, a leitura prazerosa, que nos distancia, pela fantasia, do mundo ordinário, propiciando momentos de pensamento divergente, de grande valor para a educação que busca ser contemporânea, inovadora, mas também enquanto agência preservadora do patrimônio científico e cultural da humanidade.

REFERÊNCIAS

- AGUIAR, Vera Teixeira. **O verbal e o não verbal**. São Paulo: UNESP, 2004.
- ARANHA, Maria Lúcia de Arruda. **História da Educação e da Pedagogia**. 3ª. Edição. São Paulo: Moderna, 2006.
- BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. 12ª. Edição. HUCITEC. 2006.
- CAGNIN, Antonio Luiz. **Os quadrinhos**. São Paulo: Ática, 1975.
- CIRNE, Moacy. **A linguagem dos quadrinhos**. Petrópolis: Vozes, 1973.
- _____ **Quadrinhos, sedução e paixão**. Petrópolis: Vozes, 2000.
- CIRNE et al. **Literatura em quadrinhos no Brasil**. Acervo Biblioteca Nacional. RJ: Nova Fronteira, 2002.
- COSTA, Sérgio Roberto. **Dicionário dos gêneros textuais**. 3ª ed. rev. ampl. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.
- EISNER, Will. **Quadrinhos e arte sequencial**. Princípios e práticas do lendário cartunista. São Paulo: Martins Fontes, 2012.
- FARINA, Sérgio. **Estatuto poético** – uma proposta metodológica de leitura analítica e interpretativa. São Paulo: Vozes, 1973.
- LAJOLO, Marisa. ZILBERMAN, Regina. **Literatura infantil brasileira**. Histórias & histórias. 6ª. ed. São Paulo: Ática, 2007.
- LUYTEN, Sonia M. Bibe. **Histórias em quadrinhos. Leitura crítica**. São Paulo: Edições Paulinas, 1985.
- MOYA, Álvaro de. **História da história em quadrinhos**. 2ª. ed. São Paulo: Brasiliense, 1993.
- MOYA, Álvaro de et al. **Literatura em quadrinhos no Brasil**. Acervo da biblioteca Nacional. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2002.
- MORIN, Edgar. **A cabeça bem-feita**. Repensar a reforma reformar o pensamento. 9ª. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.
- _____ **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. 10ª. ed. São Paulo: Cortez Editora, 2005.
- OLIVEIRA, Ieda. **O que é qualidade em ilustração no livro infantil e juvenil**. Com a palavra o ilustrador. São Paulo: DCL Difusão Cultural do Livro Ltda., 2008.

- PAVIANI, Neires M. S.; FONTANA, Niura M.; AZEVEDO, Tania M. **Gêneros de texto: subsídios para o ensino em diferentes disciplinas**. Caxias do Sul: EDUCS, 2012.
- PINHEIRO, Alexandra Santos. RAMOS, Flávia Brochetto. **Literatura e formação continuada de professores**. Dourados: Editora UFGD, 2013.
- RAMOS, Flávia Brochetto. PANOZZO, Neiva Petry. **Acesso a embalagem do livro infantil. PERSPECTIVA**. Florianópolis: v. 23, n. 01, p. 115-130, jan./jul. 2005.
- RAMOS, Flávia Brochetto, PANOZZO; Neiva S. P. **Interação e mediação de leitura literária para a infância**. São Paulo: Global Editora, 2011.
- ROJO, Roxane. **Letramentos múltiplos, escola e inclusão social**. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.
- SCHWARCZ, Joseph H. **Ways of the Illustrator. Visual Communication in Children's Literature**. Chicago: American Library Association, 1982.
- SOARES, Magda. **Alfabetização e letramento**. 6ª. Edição. São Paulo: Editora Contexto, 2013.
- _____ **Letramento: um tema em três gêneros**. 4ª. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.
- STREET, Brian V. **Literacy in theory and practice**. New York. USA: Cambridge University Press, 2003.
- VERGUEIRO, Waldomiro, RAMOS, Paulo. **Quadrinhos na educação**. São Paulo: Editora Contexto, 2009.
- VERGUEIRO, Waldomiro; RAMA, Angela. **Como usar os quadrinhos na sala de aula**. São Paulo: Editora Contexto, 2005.
- VYGOTSKY, Lev S. **Pensamento e linguagem**. Edição eletrônica: Ed. Ridendo Castigat Mores (www.jahr.org). 1998.
- ZIRALDO, Alves Pinto. **A turma do Pererê**. 365 dias na Mata do Fundão. São Paulo: Globo, 2006.
- AMARILHA, Marly. **Literatura e quadrinhos: a paródia a formação do leitor**, Universidade Federal do Rio Grande do Norte (Brasil), 2007. [//www.ced.ufsc.br/nucleos/nup/perspectiva.html](http://www.ced.ufsc.br/nucleos/nup/perspectiva.html). *Cadernos do CNLF*, Vol. XVI, Nº 04, t. 3, 2013.

TRABALHOS ANALISADOS

ABREU, Bruna Batista de. **Eleven things that girls love: a systemic-functional and critical discourse analysis of the representations of femininity in the comic book Turma da Mônica Jovem.** UFSC. CAPES, 2012.

BRAGA, Kall Anne Sheyla Amorin. **Construção co-enunciativa do discurso direto em processos de escrita de histórias em quadrinhos no 2.º Ano do Ensino Fundamental.** Universidade Federal do Alagoas, Universidade Federal do Alagoas, (UFAL), CAPES. 2012.

BRAGA, Kall Anne Sheyla Amorin, CALIL, Eduardo. **Construção co-enunciativa do discurso direto em processos de escrita de histórias em quadrinhos no 2º ano do Ensino Fundamental.** CAPES, UFAL, 2012.

COSTA, Gabriela de Souza. **E eles cresceram: um estudo sobre a comunicação e as representações da juventude na Turma da Mônica Jovem.** PUC – RIO. CAPES. 2012

LIBERATTI, Elisângela Lorena. **Ara, Chico; Aw Chuck: uma tradução funcionalista de quadrinhos do Chico Bento.** UFSC. CAPES, 2012.

LOPES, Marina Ferreira. **Histórias em quadrinhos e mídiaeducação: a experiência de oficinas mídiameducativas sobre HQ com alunos da 4ª série de uma escola de Cambé-PR.** UEL. CAPES, 2012.

OSWALD, Maria Luiza. **A relação do jovem com a imagem: um desafio ao campo de investigação sobre a leitura .** UERJ. ANPED. 2012.

RICHE, Rosa Maria. **Literatura e quadrinhos: linguagens em diálogo.** Anais do XVI CNLF. Rio de Janeiro: CiFEFiL, 2012.

SARAIVA, Fulvio de Oliveira. **Literatura, consumo e ideologia: a construção de perfis da infância em três momentos do mercado editorial infantil brasileiro.** Universidade Federal do Ceará (UFC), 2012.

SCHERER, Daniela Raffo. **Aspectos da construção dos sentidos nas tiras da Mafalda: categorias enunciativas no texto verbo-visual.** UFMS, CAPES, 2012.

SILVA, Marta Regina Paulo da. **Linguagem dos quadrinhos e culturas infantis: é uma história escorridinha/FE/UNICAMP,** ANPED. 2012.

SILVERIO, Luciana Begattini Ramos. **Histórias em quadrinhos: gênero literário e material pedagógico – Maurício de Sousa em foco.** UEL, CAPES, 2012.

VILELA, Marco Túlio. **A utilização dos quadrinhos no ensino de História: avanços, desafios e limites.** UMESP. CAPES, 2012.

SITES CONSULTADOS

<http://www.anped.org.br>

<http://www.anpoll.gov.br>

<http://www.capes.gov.br>

<http://educacao.uol.com.br/noticias/2013/12/03/pisa-desempenho-do-brasil-piora-em-leitura ->

<http://www.gtlij.com.br/>

<http://lagartonegroblog.blogspot.com.br>

<http://oglobo.globo.com/blogs/gibizada>

<http://omelete.uol.com.br>

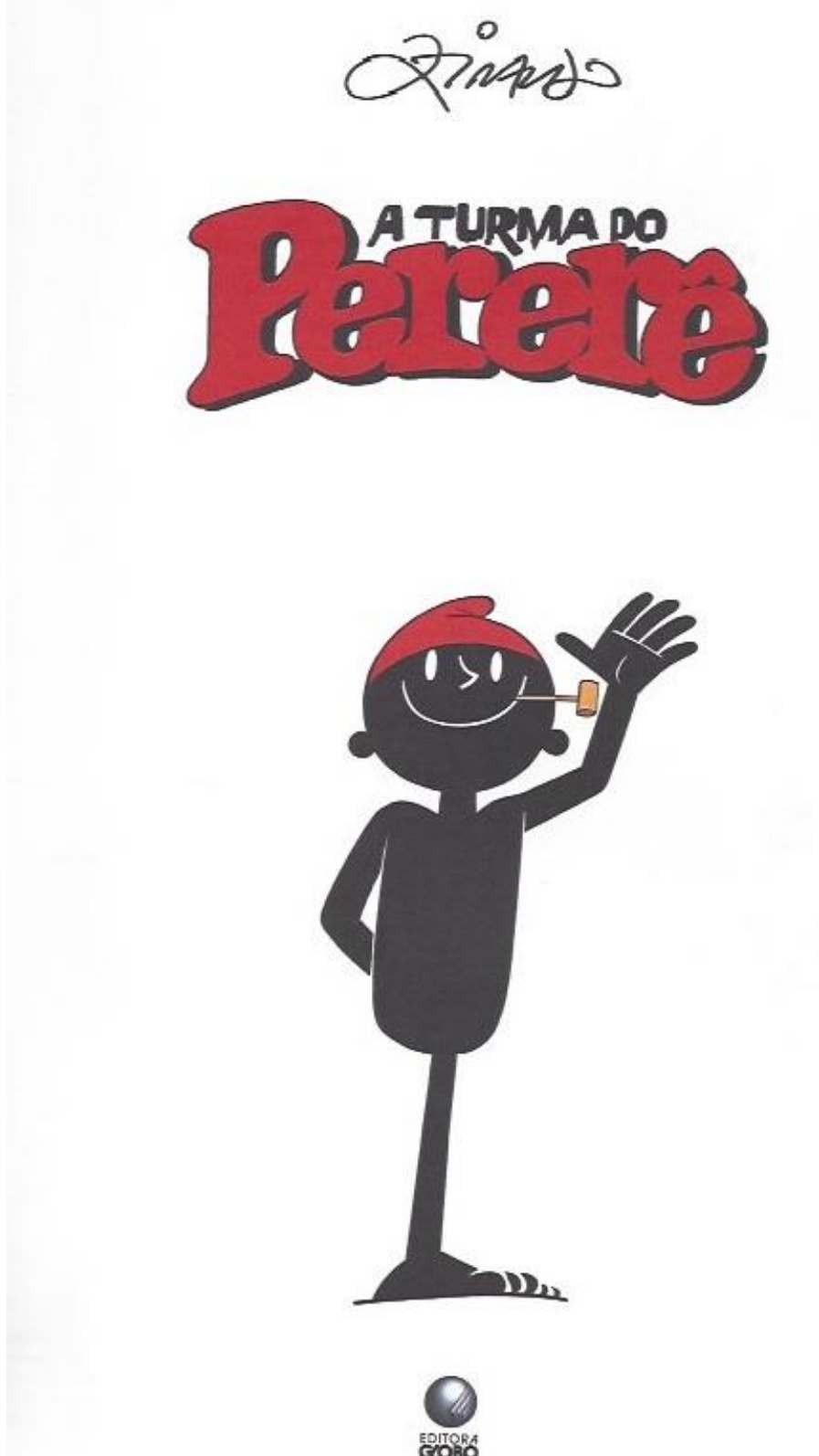
<http://portal.mec.gov.br>

http://pt.wikipedia.org/wiki/Programa_Nacional_Biblioteca_da_Escola

<http://sesi.webensino.com.br>

ANEXOS

ANEXO 1 - PÁGINAS INICIAIS DA OBRA *A TURMA DO PERERÊ*





UM ANO COM A TURMA DO PERERÊ



Eu já fazia cartuns com o Saci na antiga revista *O Cruzeiro*, quando o editor me pediu para criar uma revista em quadrinhos brasileira, tendo o saci como personagem principal.

Criei todos os amigos dele num quadrinho só. Era assim: o Saci estava partindo para a cidade, onde seria entrevistado num programa de TV, e tinha que se despedir dos seus amigos da Mata do Fundão. Quem seriam eles? Eu desenhei um indiozinho e todos os bichos das lendas e do folclore brasileiros: o macaco, a onça, o tatu, o jabuti e o coelho. Na hora de botar nomes nos personagens, chamei o índio de Tinim, nome de um indiozinho bucarramãe que conheci no Rio de Janeiro. Nos outros, botei os nomes de amigos da minha infância. Foi assim que eles acabaram tendo nomes e sobrenomes.



Outros personagens foram pintando com o desenvolvimento das histórias. Vocês vão ser devidamente apresentados nas próximas páginas.

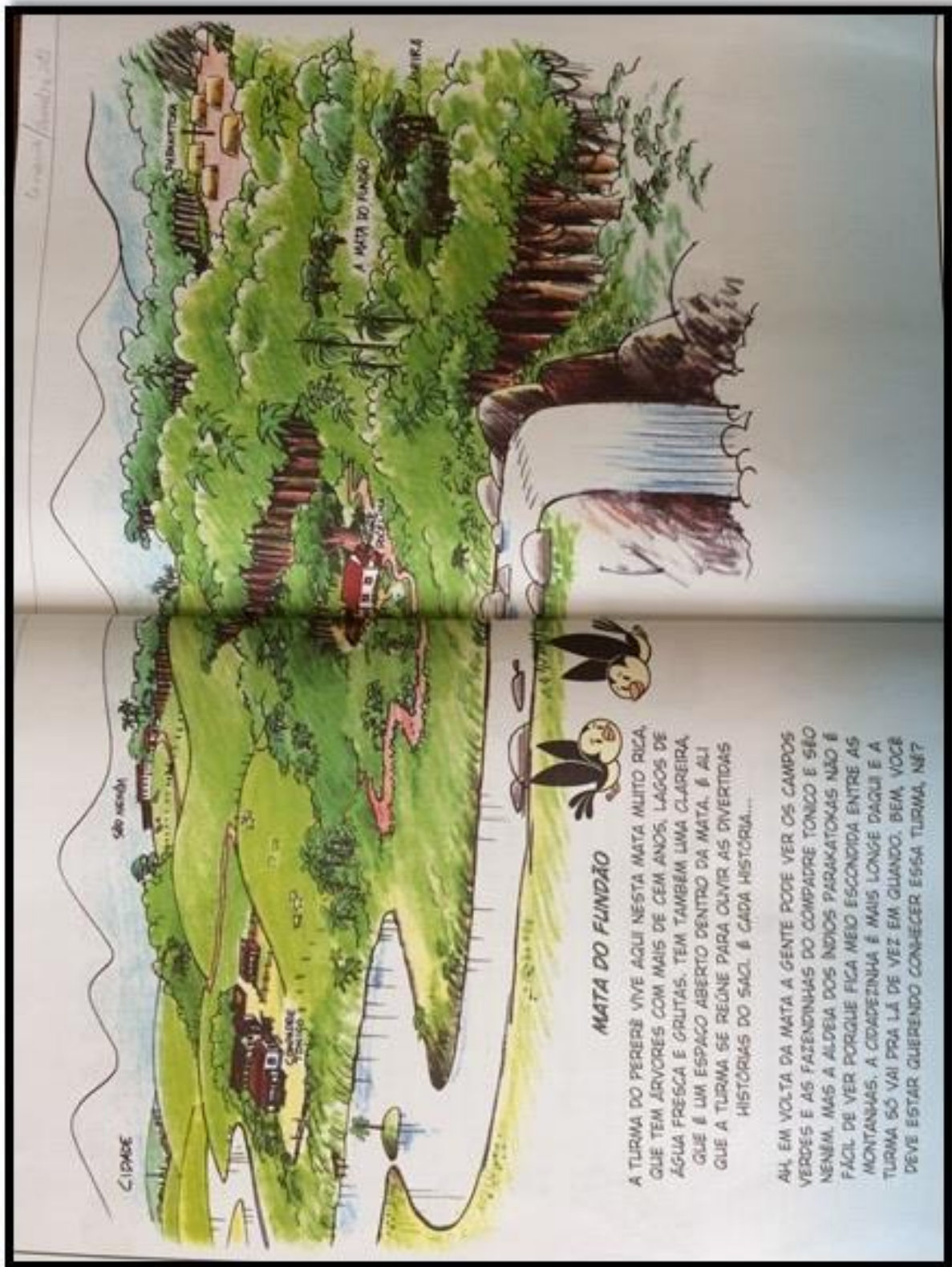
Está sempre acontecendo alguma coisa na Mata do Fundão que representa, afinal, o Brasil inteiro. Se não é uma idéia do Geraldinho, é uma caçada do Compadre Tônico; quando não é uma grande festa popular, é um agito qualquer. Assim, de história em história, a Turma do Pererê atravessa o ano.

Isso é o que tínhamos em mente quando reunimos as histórias deste volume. Elas o farão imaginar que está passando um ano inteiro na companhia dos personagens da Mata do Fundão. Admita: você vai ter muito com o que se divertir.



Tinim





MATA DO FUNDÃO

A TURMA DO FERRE VIVE AGLI NESTA MATA MUITO RICA, QUE TEM ÁRVORES COM MAIS DE CEM ANOS, LAGOS DE ÁGUA FRESCA E GRUTAS. TEM TAMBÉM UMA CLAREIRA QUE É UM ESPAÇO ABERTO DENTRO DA MATA. É ALI QUE A TURMA SE REÚNE PARA OUVIR AS DIVERTIDAS HISTÓRIAS DO SACL. É CADA HISTÓRIA...

AH, EM VOLTA DA MATA A GENTE PODE VER OS CAMPOS VERDES E AS FAZENDINHAS DO COMPADRE TONCO E SÃO NENEM. MAS A ALDEIA DOS INDIOS PARAKATOKAS NÃO É FÁCIL DE VER PORQUE FICA MEIO ESCONDIRA ENTRE AS MONTANHAS. A CIDADINHA É MAIS LONGE DAGLI E A TURMA SO VAI PRA LA DE VEZ EM GUANDO. BEM, VOCE DEVE ESTAR QUERENDO CONHECER ESSA TURMA, NE?

MUITO PRAZER!

AGORA, SIM, VOCÊ VAI CONHECER CADA UM DOS PERSONAGENS DA TURMA DO PERERÊ.

SACI PERERÊ

ELE É FAMOSO NA CULTURA BRASILEIRA. MUITO ESPERTO, SEMPRE LISA UM CACHIMBO MÁGICO. MAS ELE NÃO FUMA NÃO, SÓ LISA O PITO PARA FAZER TRUQUES. PERERÊ TAMBÉM TEM UM REDEMOINHO DOMESTICADO QUE PARTICIPA DAS SUAS AVENTURAS. QUANDO ELE ASSOVIA, O REDEMOINHO APARECE IMEDIATAMENTE.

BONECA

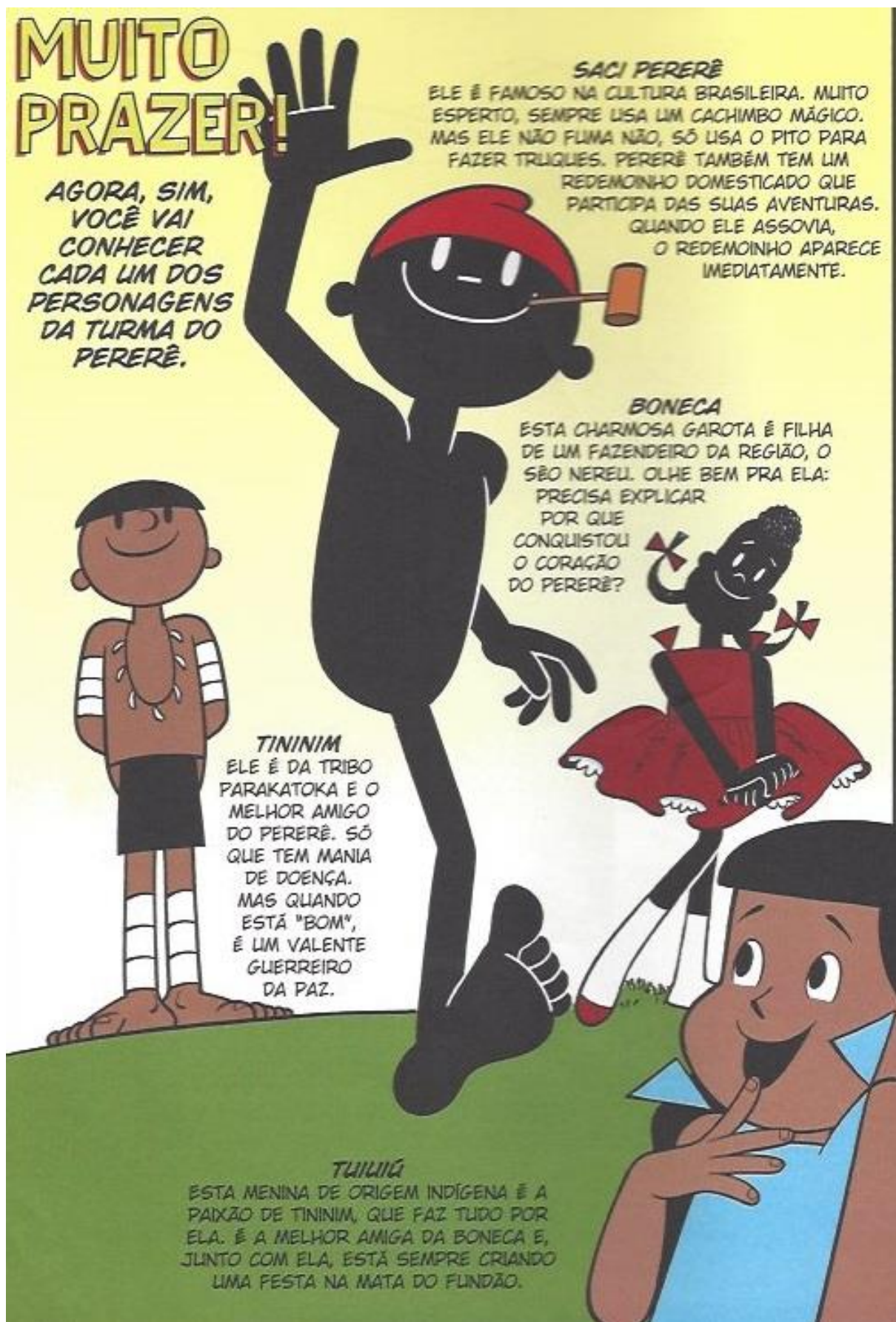
ESTA CHARMOSA GAROTA É FILHA DE UM FAZENDEIRO DA REGIÃO, O SBO NEREU. OLHE BEM PRA ELA: PRECISA EXPLICAR POR QUE CONQUISTOU O CORAÇÃO DO PERERÊ?

TININIM

ELE É DA TRIBO PARAKATOKA E O MELHOR AMIGO DO PERERÊ. SÓ QUE TEM MANIA DE DOENÇA. MAS QUANDO ESTÁ "BOM", É UM VALENTE GUERREIRO DA PAZ.

TUIUIÁ

ESTA MENINA DE ORIGEM INDÍGENA É A PAIXÃO DE TININIM, QUE FAZ TUDO POR ELA. É A MELHOR AMIGA DA BONECA E, JUNTO COM ELA, ESTÁ SEMPRE CRIANDO UMA FESTA NA MATA DO FLINDÃO.



ALAN

ESTE MACACO QUASE NÃO FAZ MACAQUICES! É CALMO E AJUIZADO, GOSTA DE LER E TOCAR MÚSICA. MAS SÓ ATÉ A TURMA COMEÇAR A APRONTAR. AÍ, PODE CONTAR COM ELE!

PEDRO VIEIRA

É O FAZ-TUDO DA TURMA: CONSERTA COISAS, INVENTA APARELHOS.... NÃO É À TOA QUE A TOCA DESTE TATU ESTÁ MUITO BEM EQUIPADA...

GERALDINHO

ELE NÃO PÁRA! É O MAIS NOVINHO DA TURMA E AGITADO COMO UM COELHO, E NEM PODERIA SER DIFERENTE, CLARO... VIVE ATRÁS DE NOVIDADES E PREGANDO PEGAS NOS AMIGOS.

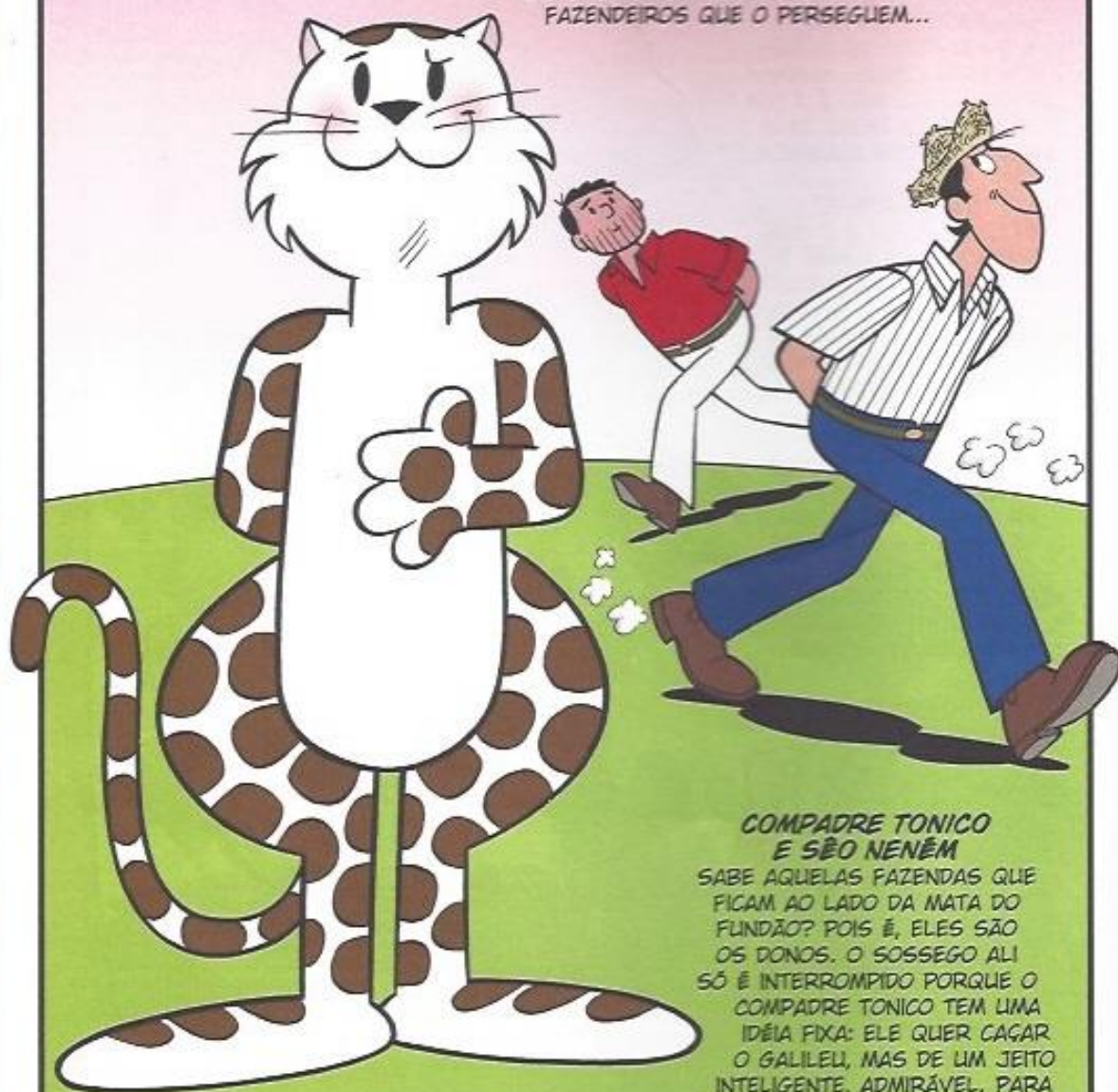
MOACIR

O JABUTI É O ÚNICO DA TURMA QUE TEM UMA PROFISSÃO: MENSAGEIRO! COMO ELE É UM POUCO VAGAROSO, USA UM CAPACETE COM ASINHAS QUE SIMBOLIZAM MERCÚRIO, O DEUS DA VELOCIDADE.



GALILEU

OLHA A ONGÁ! MAS DESTA AÍ NÃO PRECISA TER MEDO, NÃO. SEU NOME É GALILEU, UM CARA GRANDÃO, ENGRACADO, COM UM CORAÇÃO DE OURO. ELE É BEM FORTE, MAS SÓ USA A FORÇA PARA SALVAR OS MAIS FRACOS - QUASE UM SUPER-HERÓI BRASILEIRO. MAS, COTADO, AINDA NÃO ENCONTREI QUEM O SALVE DOS FAZENDEIROS QUE O PERSEGUEM...

**COMPADRE TONICO E SÃO NENÉM**

SABE AQUELAS FAZENDAS QUE FICAM AO LADO DA MATA DO FUNDÃO? POIS É, ELAS SÃO OS DONOS. O SOSSEGO ALI SÓ É INTERROMPIDO PORQUE O COMPADRE TONICO TEM UMA IDÉIA FIXA: ELE QUER CAÇAR O GALILEU, MAS DE UM JEITO INTELIGENTE, ADMIRÁVEL. PARA TANTO CONTA COM O APOIO DO SÃO NENÉM. O PROBLEMA É QUE É MUITO COMLIM OS DOIS ACABAREM APANHANDO DA ONGÁ...



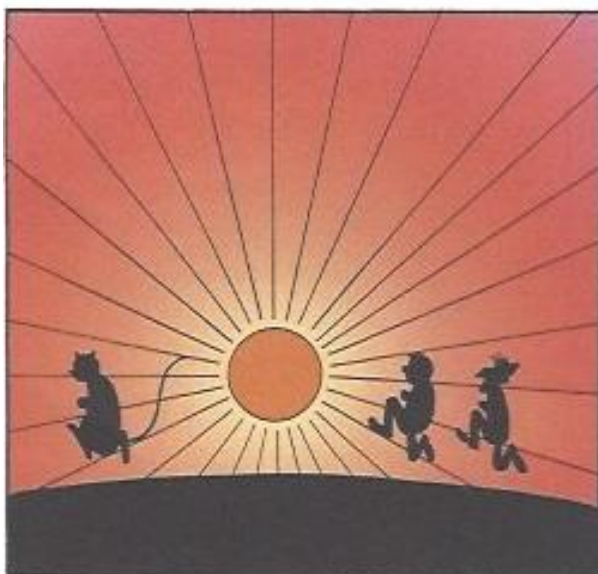
ANEXO 2 – HISTÓRIA ANALISADA (GALILEU EM O QUE MAMÃE DIZ É... LEI!)











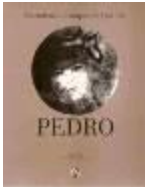





APÊNDICES


APÊNDICE 1 – DETALHAMENTO DO ACERVO PNBE 2012/ANOS INICIAIS





Título	Autor	Editora	Ilustrador	Gênero	Sinopse
<p><i>O livro das máquinas malukas</i></p> 	Luiz Roberto Guedes	Dubolsinho LTDA	Patil Woll		Se você gosta de cientista maluco, chegou ao lugar certo! Se não gosta de cientista maluco, chegou também. Maluco? Aqui não tem ninguém maluco, não! Só tem cientista experimental, daqueles que vivem inventando moda. Cada experiência mais maluca, quero dizer, cada experiência mais interessante que a outra. E tão interessantes que o autor resolveu escrever maluka, e não maluca, como você sabe que se escreve. Só para diferenciar maluco de maluko. Como vê, as malukiques começam no título! Ou será o contrário? De qualquer forma é bom ver e ler para crer em tudo aquilo de que um cientista é capaz, maluko ou não maluko.
<p><i>Como treinar seu dragão</i></p> 	Cressida Cowell	Editora Intrínseca		Não ficção	Soluço Spantoscicus Strondus III foi um extraordinário herói viking. Chefe guerreiro, mestre no combate com espadas, era conhecido por todo o território viking como "O encantador de dragões", devido ao poder que exercia sobre as terríveis feras. Mas nem sempre foi assim... Neste livro estão as memórias da época em que Soluço era apenas um garoto normal. Muito normal. Nem um pouco heroico. Ele precisava desesperadamente capturar e treinar um dragão, e teria de ser o animal mais impressionante de todos. Mas tudo o que conseguiu foi uma criaturinha pequena e banguela, nada ameaçadora. Foi então que seu destino de herói começou a ser traçado. Inteiramente ilustrado, com muita ação e o tipo de humor que arranca gargalhadas até dos mais carrancudos, <i>Como treinar o seu dragão</i> é o primeiro livro de uma série que é sucesso mundial, escrita e ilustrada pela inglesa Cressida Cowell, autora premiada de obras infantis e infantojuvenis.

<p><i>Memórias da Emília</i></p> 	<p>Monteiro Lobato</p>	<p>Editora Globo S/A</p>	<p>Paulo Borges</p>	<p>Em Memórias de Emília, a boneca de pano espevitada resolve escrever um livro para contar suas aventuras. Para isso, ela providencia - papel, pena, tinta, e escala o Visconde de Sabugosa toda sua vida - desde seu nascimento a partir dos retalhos de uma saia de Tia Nastácia, passando pelas divertidas histórias que viveu com a turma do Sítio e personagens como Peter Pan, Capitão Gancho e Popeye.</p>
<p><i>Pedro</i></p> 	<p>Bartolomeu Campos de Queirós</p>	<p>Editora Gaia LTDA</p>	<p>Sara Ávila de Oliveira</p>	<p>A leitura dos livros de Bartolomeu Campos de Queirós é sempre um convite para adentrar no universo inexplorável do sonho, da imaginação, do ato criador. É a possibilidade de despertar nossa sensibilidade adormecida, nossa capacidade de sentir. É, também, a oportunidade de conhecer a magia das palavras, possível só nos textos literários de qualidade. No livro <i>Pedro</i>, o autor e a ilustradora, Sara Ávila de Oliveira, envolvem o leitor em uma história em que o menino Pedro acorda com o coração cheio de domingo e vê o voo de uma borboleta. <i>Pedro é um nome que a gente conhece em muitas línguas: Pedro, Pierre, Peter, Pether, Petrus. Pedro pintou, um dia, em alguma parte do mundo, uma borboleta. O papel tinha o tamanho de sua intenção. As cores, as de seu desejo. Pintou ainda, sobre o papel, flores para a borboleta se esconder e galhos para descansar. É mesmo fácil imaginar sua pintura ou fazê-la. Mas a consequência não foi tão simples. É melhor saber toda a história.</i></p>
<p><i>Caramilholas de barrigapé</i></p> 	<p>Marcos Bagno</p>	<p>Gráfica editora Posigraf S.A</p>	<p>Cris Eich</p>	<p>Barrigapé é um caracol que vive num brejo, mas que é diferente dos demais companheiros, porque não para de ter ideias e de sonhar com coisas mirabolantes. Para começar, ao saber que o nome científico de sua família era Gastrópode, logo trata de mudá-lo. Depois, o espevitado Barrigapé inventa de voar como uma borboleta, cantar como as cigarras e os passarinhos, nadar como uma tartaruga e até falar como os seres</p>




					humanos.
<p><i>Traço e traça</i></p> 	Roseana Murray	Abril educação S.A	Elma		Brincando com a sonoridade das palavras, a autora descreve divertidas situações de traças que devoram livros, seus traços e tudo o mais que eles contêm. Por meio de uma narrativa inteligente e encantadora, essa obra proporciona à criança uma leitura agradável e a oportunidade de refletir sobre os livros e suas histórias.
<p><i>Condomínio dos Monstros</i></p> 	Alexandre de Castro Gomes	RHJ livros LTDA	Cris Alhadeff		A Múmia precisa do descanso de 1000 anos, mas seus vizinhos barulhentos não se mostram muito dispostos a colaborar. Acompanhe esta e outras confusões na divertida reunião de condomínio de um prédio onde moram o Drácula, o Bicho-Papão, o Frankenstein e outros famosos personagens.
<p><i>A casa das dez furunfunfelhas</i></p> 	Lenice Gomes	Colégio Clarentiano Assoc. Benefic. Ed	Romont Willy		Na casa cheia de fitas, vivem as dez Furunfunfelhas. Sempre animadas, as irmãs gostam de se reunir numa grande roda para demonstrar toda suas habilidades nos trava-línguas, mas vivem tendo tangolomangos. Ainda bem que o velho Félix, com seu fole e suas adivinhas, sempre salva as dez irmãzinhas. A história é recheada de adivinhas e trava-línguas que diverte a criança o que a acaba envolvendo.
<p><i>O flautista misterioso e os ratos de Hamelin</i></p> 	Bráulio Tavares	Editora 34 LTDA	Mario Bag	Literatura de cordel	A tradicional lenda medieval do flautista de Hamelin, consagrada na versão dos irmãos Grimm, ganha uma adaptação original do poeta paraibano Bráulio Tavares no livro "O Flautista Misterioso e os Ratos de Hamelin". Usando a leveza e a métrica singular dos versos do cordel, o autor empresta um novo ritmo, e um sabor nordestino inconfundível, à conhecida lenda da cidade invadida por ratos e enganada por homens inescrupulosos e gananciosos. Premiado pela APCA (Associação Paulista dos Críticos de Arte) como melhor livro infantojuvenil de 2006, a obra traz também ainda dois apêndices. Um deles explica as origens da lenda alemã e o segundo analisa o cordel, suas


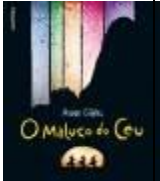


					características e sua história.
<p><i>Quem tem medo do Ridículo?</i></p> 	Ruth Rocha	Editora Gaia LTDA	Mariana Massarani		Todo mundo tem seus medos - de escuro ou de furacão, de cachorro ou de galinha, de polícia ou de ladrão ... Mas o medo mais terrível é de fazer, de repente, um papel muito ridículo no meio de toda gente.
<p><i>Arapuca</i></p> 	Daniel Cabral	Editora Positivo LTDA	Daniel Cabral	(Narrativa a visual)	O personagem principal desta história é um menino que, transformando lixo em arte, cria um painel na parede do seu quarto e passa então a ser admirado por toda a vizinhança. Um dia, entretanto, a beleza do canto de um pássaro acaba desviando o interesse das pessoas, o que o deixa muito descontente e o leva a procurar alguma saída para prender a atenção de todos. Será que ele consegue? Graciosa e instigante, esta narrativa visual recria o conto “O rouxinol e o imperador”, do escritor dinamarquês Hans Christian Andersen, trazendo como pano de fundo uma paisagem bem brasileira e retratando uma realidade que nos é bastante familiar.
<p><i>Toca de gente, casa de bicho</i></p> 	Mauro Martins	Editora dimensão LTDA	Flávio Vargas	Conto	Cachorro que mia? Elefante que late? Leão que cacareja? Entre nessa casa-toca e descubra a confusão que tomou conta dela. A confusão mais divertida que você já viu. E vamos chegando, que é para bagunçar ainda mais esta bagunça...
<p><i>O menino mais feio do mundo – aconteceu no São João</i></p> 	Regina Chamliam	Gráfica editora Anglo LTDA	Helena Alexandrino		Bertoldinho era um menino generoso e gentil porém feio de doer. Vivia com sua mãe, que consertava bonecos para sobreviver, ele aprendeu o ofício. Foi crescendo e ficou ainda mais alegre, gentil e mais feio, muito feio. Bertoldinho gostava da Solange. A menina não ligava pra ele, e pior; ainda debochava da sua feiúra. Durante a quermesse de São João, Bertoldinho procurou os poderes da feiticeira Soraya para que o transformasse no menino mais bonito do mundo, não importando o preço a ser pago. Para o serviço, ela o mandou procurar o capeta. O

					capeta exigiu a sombra do menino em troca da realização de seu desejo. Bertoldinho paga, ficou bonito mas sem sombra e sem coração. Naquela noite o conhecido menino tão gentil tornou-se arrogante e violento; conquistou Solange de imediato, porém ele não a queria mais. Selene, a amiga apaixonada por Bertoldinho, percebeu que algo estranho havia acontecido com ele e procurou ajudá-lo aconselhando-o a tomar de volta sua sombra. E, depois de muito relutar, foi o que ele fez. Se viu feio novamente. Mas descobriu que dentro dele havia muita coisa ruim também, porque, como diz Soraya, o ser humano é como a rosa, tem pétala e espinho; e que a beleza se constrói de dentro pra fora. Então, na festa de São João, todo o povo parou para apreciar sua dança com Selene.... seu verdadeiro amor.
<p><i>O pintor de lembranças</i></p> 	José Antônio del Cañizo	Editora Projeto LTDA	Jesús Gabán	Narrativa	Com referências à História da Arte, o escritor espanhol apresenta o seu personagem e constrói um texto muito poético, formado por micronarrativas e escrito com uma boa dose de ironia, respeitando o interlocutor infantil sem menosprezar sua capacidade de lidar com os dramas humanos. As ilustrações guardam várias surpresas para os leitores atentos.
<p><i>Fábulas</i></p> 	Monteiro Lobato	Editora Globo livros LTDA	Alcy Linares	Narrativa popular	“Fábulas”, de Monteiro Lobato, saiu pela primeira vez em 1922. Neste livro, o criados do Sítio do Picapau Amarelo reconta fábulas de Esopo e La Fontaine e publica algumas de sua autoria. Adaptadas para o universo do Sítio, as fábulas estimulam a participação de todos os personagens através de perguntas e críticas. Nesta nova edição da obra de Lobato, cada volume adaptado é ilustrado por um artista diferente que apresenta a sua interpretação dos personagens. “Fábulas” é ilustrado por Alcy Linares, um dos ilustradores de livros infantis mais premiados no Brasil.
<p><i>O nome do filme é Amazônia</i></p>	Paulinho Assunção	Editora Dimensão	João Lin		Na rua Girassol, a turma está com planos de rodar um filme sobre a Amazônia, segundo O Homem Que Brinca de Invisível. E assim entra em cena a misteriosa Voz. A


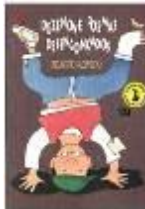
					esta criativa e bem-humorada história de Pulinho Assunção soma-se o talento de João Lin, que assina as ilustrações e o projeto gráfico do livro.
<i>Junta, separa e guarda</i> 	Vera Lúcia Dias	Callis editora LTDA	Thiago Lopes		Este livro conta a história de um garoto que, ao saber que irá se mudar para outra cidade, precisa arrumar suas coisas, o que o faz perceber a importância de organizar tudo e reviver bons momentos na casa em que ainda vive com a sua família, lembrando seus lugares favoritos.
<i>O tamanho da gente</i> 	Murilo Cisalpino	Autêntica editora LTDA	Manoel Veiga		“Diz o meu pai que eu já fui tão pequeno, mas tão pequeno, que nem dava pra ver. Só pelo microscópio... Não, é microfólio... ou... Microscópio? Bom, foi no tempo do ovo e do tal de “seiquelaóide”: um da minha mãe, outro do meu pai. Eles se encontraram e, quando se encontraram, eu comecei a ser eu. Uma titiquinha de eu que começou a crescer, todo dia, desde então.” E essa “titiquinha”, um menino esperto e sensível, que presta atenção em tudo o que o rodeia – pessoas, bichos, lugares... –, vai crescendo e descobrindo coisas bonitas e importantes sobre a vida, sobre si mesmo e sobre as pessoas, não importa o tamanho que tenham...
<i>Príncipes e princesas, sapos e lagartos: histórias de tempos antigos</i> 	Flávio de Souza	Editora FTD S.A.	Paulo Ricardo Dantas	Contos	Neste livro, o autor brinca com os leitores, em histórias intercaladas entre si, e orienta que podem ser lidas dessa forma ou pulando para página em que a história continua. São histórias modernas de tempos antigos, abordadas de forma divertida.
<i>Lila e o segredo da chuva</i>	David Conway	Editora Biruta	Jude Daly		O sol castigou a vila em que Lila morava durante muitos meses. Ninguém conseguia juntar




					lenha, capinar o jardim ou mesmo tirar o leite da vaca. Sem chuva, o poço começou a secar, e todas as plantações se perderam. Lila estava tão preocupada que, quando seu avô contou para ela, bem baixinho, sobre o segredo da chuva, ela saiu correndo para falar diretamente com o céu.
<i>Giros contos de encantar</i> 	Mila Behrendt	Cortez editora e livraria LTDA	Marco Antonio Godoy	Contos	Giros são conhecidos também como contos cumulativos ou enumerativos. São jogos de palavras em poesia ou em prosa, de tradição oral, que privilegiam o aspecto lúdico. Têm um ritmo ágil e dinâmico, provocando o leitor a entrar na brincadeira da oralidade e do encantamento. Aqui são selecionados giros de vários países que permitem uma compreensão melhor da tradição cultural.
<i>Poesia na varanda</i> 	Sônia Junqueira	Editores Gutenberg comércio e representações LTDA	Flávio Vargas	Poesia	De repente, a poesia toma conta de nós: brota, passa, entra, grita, brilha... e vai embora. Para onde? Será que ela volta? Quando? E por onde vai passar?
<i>A turma do Pererê: 365 dias na mata do fundão</i> 	Ziraldo Alves Pinto (Ziraldo)	Editores Globo livros LTDA	Ziraldo	História em quadrinhos	A Turma do Pererê surgiu na década de 1960 e foi a primeira revista em quadrinhos feita por um só autor com personagens brasileiros. Inspirada nos índios, animais e personagens das lendas e do folclore brasileiro, esta criação do cartunista e escritor Ziraldo foi escolhida em 2006, no Salão Internacional de Banda Desenhada de Portugal, como uma das 100 melhores histórias em quadrinhos do século XX.
<i>Quando nasce um monstro</i> 	Sean Taylor	Richmond educação LTDA	Nick Sharratt		Para quem lê este livro de monstro, existem duas possibilidades - ou a pessoa o lê à noite, e ri até cair da cama, ou lê de dia, e ri até cair no chão. Um livro cheio de possibilidades e de piadas.
<i>A compoteira</i>	Celso Sisto	Editores Prumo LTDA	Bebel Callage		Nesta belíssima história, Celso Sisto narra a deliciosa lembrança de uma senhora de 82 anos: "As Tias iam chegando e as compoteiras iam se multiplicando. Todas elas traziam uma



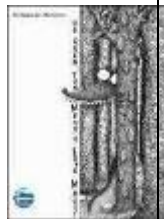

					compoteira com seu doce preferido, quer dizer, com os doces preferidos da aniversariante: mamão verde fininho, doce de queijo, doce de cidra, cocada mole...Hum!". A festa da avó de uma amiga de infância tornou-se um evento único na memória da menina, que carregou para o resto da vida o encantamento que aquele dia despertou em seu coração.
<i>João cabeça de feijão</i> 	Dario Uzam	Marcelo Duarte comunicaçãoes LTDA (Panda Books)	Tatiana Paiva		João resolve trocar a vaca da família por alguns grãos de feijão mágico. Ao plantá-los no quintal de sua casa, nasce um gigantesco pé de feijão. O que haveria lá em cima? O que as nuvens escondiam? Nesta aventura, João vai encontrar uma gansa que bota ovos de ouro, instrumentos musicais que falam, um ogro gigante e muitas outras surpresas.
<i>Os vizinhos</i> 	Henrique Sitthin	Marcelo Duarte comunicaçãoes LTDA (Panda Books)	Tatiana Paiva		Clara precisa decidir entre emprestar seu melhor brinquedo à nova vizinha ou...brincar sozinha. Para ajudá-la nessa decisão, sua vó lhe conta a história de dois reinos vizinhos que, mesmo precisando um do outro, não hesitam em declarar guerra. Caberá à Clara mudar o destino desses reinos e, quem sabe, a sua própria história. Esta peça foi montada pela Cia. Truks Teatro de Bonecos, que atua no teatro infantil há vinte anos. Sua primeira peça, Truks: A bruxinha, é considerada até hoje um dos maiores espetáculos do teatro para crianças.
<i>O fantástico mistério de feiurinha</i> 	Pedro Bandeira	Editores Moderna LTDA	Avelino Guedes		Neste livro Branca de Neve, já grávida do seu sétimo filho, reuniu outras princesas para encontrar a princesa Feiurinha. Acabaram por descobrir que sua história não tinha sido escrita ainda - só transmitida oralmente. A história de Feiurinha foi então escrita e todos viveram felizes



					para sempre.
<p><i>E o que vem depois de mil?</i></p> 	Anette Bley	Berlendis Editores LTDA			Lisa pode perguntar qualquer coisa ao Otto. Ele sabe dos números pequenos e grandes, do começo e do fim das coisas. Otto sabe que a grama vai virar terra um dia; como, de sementinhas pequeninas, crescem árvores inteiras; e como as abelhas juntam o mel. E Lisa dança com Otto a grande dança de vitória dos índios, quando ela consegue acertar o búfalo de lata com seu estilingue. Mas um dia Otto não vem mais ao jardim. Ele vai morrer. Uma história ilustrada sobre a profunda solidariedade de dois grandes amigos.
<p><i>O Maluco do céu</i></p> 	Anna Göbel	Editores Gutenberg comércio e representações LTDA (Autêntica)	Anna Göbel		No começo de todos os começos, tudo era azul. Era azul o céu, era azul o mar, até o ar parecia azul. A Terra dormia no fundo do mar - um sono pesado, profundo, até que aconteceu uma coisa que mudou tudo. Um rochedo, curioso pra saber como era o mundo acima da superfície mas sem poder se deslocar, ajuda um siri que, agradecido, encontra uma forma de fazê-lo se soltar e subir; um punhado de peixes e medusas, outros siris, muita alegria e muita dança - e nada mais foi como antes.
<p><i>Trem de Alagoas</i></p> 	Ascenso Ferreira	Livraria Martins Fontes Editora LTDA	Guazzelli		Esse livro é a edição de um dos poemas mais importantes do pernambucano Ascenso Ferreira. O poema "Trem de Alagoas", já tão rico em ritmos e sonoridades, ganha novas cores e texturas nessa versão ilustrada por Guazzelli. Um livro para todas as idades.
<p><i>As aventuras de um pequeno ratinho na cidade grande</i></p> 	Simon Prescott	Empresa Folha da Manhã S/A			Ao receber um convite de um amigo para conhecer a cidade, o ratinho do campo resolve abandonar o conforto de sua casa e viajar. De maneira delicada e sensível, este livro descreve as emoções vivenciadas pelo pequeno viajante durante sua estadia na cidade grande: a surpresa com as ruas movimentadas, a alegria de estar em um lugar tão divertido e grandioso, a saudade de sua terra... Baseado na fábula de Esopo "O Rato do Campo e o

					Rato da Cidade", essa aventura com lindas ilustrações vai entreter e encantar crianças e adultos.
<p><i>Numa noite muito, muito escura</i></p> 	Simon Prescott	Empresa Folha do manhã S/A			Um ratinho muito corajoso caminha pela floresta em uma noite muito escura. Seguindo por uma trilha, chega na cidade, também escura, e encontra uma casa muito grande, rodeada por sombras e formas estranhas... O ratinho terá de aprender a lidar com o medo e enfrentar diversas situações em meio à escuridão. Este livro repleto de belas ilustrações proporciona uma deliciosa aventura para os pequenos, que, junto com o personagem, chegarão ao final da história mais corajosos e confiantes.
<p><i>O cavaliño azul: e outras peças</i></p> 	Maria Clara Machado	Editora Nova Fronteira Participação S.A.			O cavaliño azul e outras peças é o segundo volume da coleção Teatro de Maria Clara Machado, que traz também A volta do camaleão alface, O embarque de Noé, Camaleão na Lua e a inédita A bela adormecida. A orelha é de Barbara Heliodora.
<p><i>O discurso do urso</i></p> 	Júlio Cortázar	Editora Record LTDA	Emilio Urberuaga	Conto poético/Infantil	O DISCURSO DO URSO é um conto poético sobre a vida e os seres humanos, vistos através dos olhos de um ursinho que vive passeando pelos canos dos prédios. Neste vai e vem ele ouve conversas e explora o nosso cotidiano — e suas qualidades e imperfeições — com curiosidade, deslumbre e audácia. O ilustrador Emilio Urberuaga é o responsável por dar vida ao texto do escritor argentino, em belas e coloridas imagens que conferem à história uma atmosfera mágica e ingênua. Fantástico e sensível, ODISCURSO DO URSO é um “texto aberto, que supera as distinções entre jovens leitores e adultos”, revela o ilustrador.
<p><i>Fazedor de tatuagem</i></p>	Ricardo Azevedo	Uno educação LTDA (Moderna)			Certo dia, o narrador-personagem, ainda menino, procurou seus pais e comunicou o que queria fazer da vida: ser um fazedor de tatuagem. Os pais, surpresos e incomodados, preferiram pensar que aquilo tudo

				<p>era apenas bobagem de criança. Ledo engano, já que o garoto ensaiava o primeiro passo para ser um verdadeiro tatuador: aprender a desenhar, a desenhar tudo o que via pela frente. A tarefa, no entanto, era menos fácil do que parecia, já que o menino logo descobriu que domar uma linha era, como dizia sua avó, tão difícil quanto domar cavalo xucro selvagem. Mas o garoto não desistia fácil e, aos poucos, foi descobrindo muitas coisas: que era melhor desenhar aquilo que realmente o tocasse e surpreendesse do que retratar qualquer coisa que visse pela frente; que os desenhos não precisavam necessariamente ser fiéis ao mundo real, já que desenho não é fotografia; que às vezes era possível desenhar alguma coisa para falar na verdade de outra, era possível criar símbolos. E assim o garoto que começou desenhando árvores, casas e cães aprendeu a desenhar a menina mais bonita que já tinha visto na vida, as sombras escuras que às vezes sentia dentro do peito, o medo de que seus pais se separassem, a alegria, a esperança, a culpa e muitas outras coisas indizíveis.</p>
<p><i>Isto é um poema que cura os peixes</i></p> 	Jean Pierre Simeon	Comboio de corda editora LTDA	Olivier Talllec	<p>Léo, o peixe vermelho de Artur, está muito quieto. Até parece que ele vai morrer de tristeza! E, para salvá-lo, Artur tem de lhe oferecer um poema. Mas o que é um poema? Artur pergunta para muitas pessoas, mas cada um dá a ele uma explicação diferente. Entretanto, da soma dessas respostas, o menino descobre um outro mundo - aquele das palavras, dos sons e das rimas.</p>
<p><i>Dezenove poemas desengonçados</i></p> 	Ricardo Azevedo	Editora Ática S/A	Ricardo Azevedo	<p>Já pela capa se vê que este é um livro muito moleque - talvez o mais moleque de todos os que Ricardo Azevedo já escreveu e ilustrou. Mas assim que começar a ler, você vai perceber também que os 19 poemas aqui reunidos nada têm de desengonçados. Pelo contrário: por trás da peraltice e da singeleza dos versos existe um</p>



					<p>trabalho cuidadoso com palavras e imagens que estimula a reflexão sobre temas muito importantes para a nossa vida.</p> <p>Um exemplo, Lição de biologia:</p> <p>“Eu plantei um pé de amor no fundo da minha vida a semente foi brotando primeiro criou raiz da raiz nasceu o broto do broto nasceu o caule do caule nasceu o galho do galho nasceu a folha da folha nasceu a flor e da flor nasceu o fruto e o fruto que era verde depressa ficou maduro e com ele eu fiz um doce que eu dei pra você provar que eu dei pra você querer que eu dei pra você gostar.”</p>
<p><i>É tudo invenção</i></p> 	Ricardo Silvestrin	Editora Ática S/A	Luiz Maia		<p>Como foi inventada a piada? O assobio? O sapato? A canção? Os poemas de Ricardo Silvestrin propõem respostas divertidas a essas (e outras) perguntas. Com muita inventividade!</p>
<p><i>Até princesas soltam pum</i></p> 	Ilan Brenman	Brinque book editora de livros	Ionit Zilberman		<p>Laura é uma garotinha (como toda criança) bem curiosa e uma das questões que mais a intriga (e a seus colegas de escola também) é saber se as princesas soltam ou não pum. Ela recorre ao pai para esclarecer a dúvida tão perturbadora, que, por sua vez, recorre ao antigo "livro secreto das princesas" e, com ele, a confirmação "sim, Cinderela, Branca de Neve e até a Pequena Sereia sempre soltaram pum!". Mesmo diante da realidade, Laura sabe que as princesas dos contos de fadas continuam a ser as mais lindas princesas...</p>
<p><i>O casaco de Pupa</i></p> 	Elena Ferrándiz	Frase feito estúdio editorial LTDA (jujuba)	Elena Ferrándiz		<p>Aquilo que a lagarta chama de fim do mundo, o resto do mundo chama de borboleta. - LAO TSE</p>
<i>O coelho</i>	Rogério	Editora	Florence		O coelho é um personagem muito

<p><i>que fugiu da história</i></p> 	Manjate	Ática S/A	Breton		popular na tradição oral de Moçambique, simbolizando a esperteza e a astúcia. A menina Mbila adora quando a mãe lhe conta as histórias desse bicho. Um dia, ao chegar da escola, ela encontra um coelho cinzento na varanda da sua casa e tem certeza de que é o tal malandro das histórias. Para a garota, esse é o momento de tirar a limpo as travessuras do coelho, mas os adultos estão pensando em matar a fome...
<p><i>O bichos que tive (Memórias zoológicas)</i></p> 	Sylvia Orthof	Salamandra editorial LTDA	GE Orthof		Rã, coelho, cachorro, gato, bicho-papão e até bicho de pé. Todos eles e muitos mais estão nestas 'Memórias Zoológicas' em que Sylvia Orthof não poupa humor ao recordar seu relacionamento com os 'animais de estimação', na infância. Em seu divertido texto, a autora mostra as alegrias, os problemas e muitas surpresas que temos na convivência diária com alguns 'bichinhos'. E até mesmo um ser imaginário, o bicho papão, ganhou uma história só para ele.
<p><i>De quem tem medo o lobo mau?</i></p> 	Silvana Menezes	Elementar publicações e editora LTDA			Numa floresta em extinção vivia um lobo velho e vegetariano. Triste e solitário vivenciava os limites do seu corpo, até que se viu frente a frente com um caçador. Sentiu na pele os arrepios e calafrios alucinantes dos tempos de outrora. Mas seu algoz, como ele, era velho e seus sentidos não mais farejavam a caça. Nesta história de vida e morte, as emoções extremadas são capturadas pelas nuances do preto e branco. Quem é o homem, quem é o lobo? Faz algum sentido perguntar?
<p><i>Romeu e Julieta</i></p>		Richmond educação LTDA			
<p><i>A pequena marionete</i></p> 	Gabrielle Vincent	Editora 34 LTDA		Livro de imagem	Empregando o lápis, o papel e boa dose de imaginação, a artista belga Gabrielle Vincent (1928-2000) compôs uma obra inesquecível: uma narrativa sem palavras que conta, por meio de imagens, a história de um menino, uma boneca de pano e um velho homem de teatro, um titeriteiro que encena seu espetáculo em um teatrinho de rua.

					De intensa poesia, os desenhos extraordinários de <i>A pequena marionete</i> convidam a múltiplas abordagens e distintos níveis de interpretação, conquistando leitores de todas as idades. Acima de tudo, eles são uma excelente oportunidade para pôr em contato os pequenos leitores - aqueles que começam a se apropriar dos códigos de linguagem - com o contexto das estruturas narrativas e dos jogos próprios do mundo dos livros. Trata-se, em resumo, de uma pequena obra-prima, para a qual não é fácil encontrar comparações.
<p><i>O menino que espiava pra dentro</i></p> 	Ana Maria Machado	Global editora e distribuidora LTDA	Alê Abreu		Em <i>O Menino que Espiava Pra Dentro</i> , Ana Maria Machado, sempre com as palavras tão bem articuladas, conta a história de Lucas, um menino com a maior facilidade de sonhar, de imaginar. Mesmo prestando muita atenção em tudo, tudo também é motivo para ele se distrair e entrar em um outro universo – mágico, longínquo, distante. Inventa um amigo, Talento ou Tamanco ou Tatá, anda sobre ondas, come a maçã do sono profundo, mora em conchas, voa pelos ares, vê automóveis-leões, bosques de caramelos. “Não dava para espiar mais, para ver nada, nem na frente nem atrás. Só aquele breu profundo. Ele, de um lado. Do outro, o mundo. De repente, um beijo, um abraço, os olhos se abrindo, a luz brilhando no espaço. – Você é uma princesa? A mãe riu (...).” Uma narrativa que resgata na criança a fantasia, a liberdade, o encantamento, a possibilidade de brincar em outros reinos, em outras épocas, de ser outros seres.
<p><i>O carrossel</i></p> 	Rainer Maria Rilke	Berlendis editora LTDA	Isabel Pin	Poemas	"...e vez em quando um elefante branco!" Segue a girar o Carrossel (1907) de Rilke, um dos mais belos poemas da lírica de língua alemã. Deixamo-nos levar quase sem querer e mergulhamos nesse fantástico mundo de um carrossel que rosa sem destino, sem parar... Os versos projetam cores esvoaçantes, espelhadas nas vivazes ilustrações de Isabel Pin.

<p><i>Isso Isso</i></p> 	Selma Maria	Editora Peiropolis LTDA			<p>Em uma das estrofes de sua obra, Selma Maria escreve: "Uma história animada sempre tem/uma pitada inventada!" Nesta espécie de dicionário, cada verbete possui um pouco de malandragem e invenção, numa brincadeira inteligente com o som e o significado de frases e palavras. As ilustrações, feitas sobre papel azul, lembram os desenhos de uma criança.</p> <p>Destaque: Os muitos usos do "que" no verbete sobre a própria</p>
<p><i>Alice no país das maravilhas</i></p> 	Lewis Carroll	Editora FTD S.A.		Narrativa	<p>A garota Alice vê um coelho branco entrar em uma toca. Vai atrás dele e chega ao País das Maravilhas. Ela muda de tamanho muitas vezes e conhece criaturas esquisitas, como a Lagarta, a Duquesa, o Gato de Cheshire, a Lebre de Março, o Chapeleiro Maluco e o Rei e a Rainha de Copas. Tradução de Ligia Cademartori para o clássico de Lewis Carroll.</p>
<p><i>Insônia</i></p> 	Antonio Skármeta	Distre record de serve imprensa S.A.	Alfonso Ruano	Narrativa infantil	<p>Em "Insônia", Antonio Skármeta narra a história de um menino que não queria dormir. Todas as vezes que ele fecha os olhos, coisas fantásticas acontecem!</p>
<p><i>Aurora</i></p> 	Cristina Biazetto	Editora Projeto LTDA	Cristina Biazetto	Narrativa visual - imagem	<p>Livro de imagem que conta a história de uma menina que sai pelo mundo e vai dando cor a tudo e a todos. Como são muitas as possibilidades de leitura que as imagens evocam, o leitor tem diversos caminhos temáticos para explorar a narrativa visual: seja através da simbologia das cores, da associação do ciclo do dia com o ciclo da vida, das trocas que fazemos constantemente em nosso dia a dia, ou do amadurecimento de cada um. - See more at: http://www.editoraprojeto.com.br/nossa-loja/aurora/#sthash.KFPNZ1an.dpuf</p>
<p><i>Obax</i></p>	André Neves	Brinque book editora de livros	André Neves	História de ficção ambientada na	<p>Quando o sol acorda nos céu das savanas, uma luz fina se espalha sobre a vegetação escura e rasteira. O dia aquece e é hora de descobrir muitas aventuras.</p>

				África / Animais / Africanos / Diversidade Humana / Respeito / as Diferenças / Convivência Social / Infância / Fantasia / Imaginação	
<p><i>A pequena sereia</i></p> 	Hans Christian Andersen	Edições SM LTDA	Quentin Gréban	Narrativa infanto-juvenil	<p>A caçula das sereiazinhas se apaixonou pelo príncipe de olhos negros que ela salvou do naufrágio. Mas como declarar seu amor a quem caminha sobre o seco? Somente a velha feiticeira pode lhe arranjar o par de pernas que a levarão aos braços do amado. O preço, no entanto, é altíssimo: sua linda voz. Além disso, terá de deixar para sempre o fundo do mar, podendo até morrer, caso não seja correspondida. Embora o trato pareça bem pouco vantajoso, como esperar sensatez de quem ama? Recriação do célebre conto de Andersen, ambientado pelo ilustrador Quentin Gréban em cenário oriental.</p>
<p><i>À procura de Maru</i></p> 	Kumiko Yamamoto	Edições SM LTDA		Narrativa	<p>Mesmo uma grande amizade é passível de brigas. Mas, para além da riqueza de sua narrativa, o livro <i>À procura de Maru</i>, da premiada ilustradora e escritora Kumiko Yamamoto, agora publicado no Brasil por Edições SM, configura-se como um valioso instrumento de convite à leitura, especialmente para leitores iniciantes. O livro é um álbum ilustrado que promove uma prazerosa interação entre texto e imagens, num passeio pela vida cotidiana de uma criança japonesa. As ilustrações vermelhas e pretas, associadas à linguagem delicada de Kumiko Yamamoto, dão vida a uma tarde de verão no Japão. Naquele dia,</p>

					<p>Takeru dá uma bela bronca em Maru, seu cachorro, após o animal destruir uma planta que o garoto havia ganhado de uma amiga. Triste com o que aconteceu a seu presente, Takeru não percebe o afastamento de Maru. Só sentirá falta dele muito tempo depois, quando resolve, mesmo contra as ordens da mãe, sair de casa em busca de seu animal de estimação. O problema é que uma tempestade de verão se aproxima, alcançando o menino no meio de sua jornada. Mas Takeru está disposto a enfrentar o mais forte dos temporais e cruzar um vendaval de virar o guarda-chuva para encontrar seu amigo Maru. Nas ilustrações de Kumiko Yamamoto, o leitor encontrará referências ao ambiente e à cultura japoneses: os girassóis no jardim, o tatame das residências, a necessidade de se tirar o sapato para entrar nas casas, ideogramas encontrados pelas ruas... Sobre a autora – Kumiko Yamamoto nasceu em 1965. Formada em Artes Gráficas, ela mora e trabalha no Japão. Em suas obras, procura explorar a cultura e a paisagem japonesa. Participou várias vezes da Feira do Livro de Bolonha, onde, em 2003, expôs as ilustrações deste álbum.</p>
<p><i>O guarda-chuva verde</i></p> 	Yun Dong Jae	Comboio de corda editora LTDA (Edições SM)	Kim Jae-hong		<p>Young-i vai a pé para escola em uma manhã de muita chuva No caminho depara com um mendigo que dorme sentado em meio ao temporal Crianças zombam dele e uma mulher esbraveja- Esse velho, esse velho! Por que não some logo? A menina, ao contrário dos demais, se enternece e, num gesto singelo, dá uma lição de solidariedade e afeto.</p>
<p><i>Alice no telhado</i></p> 	Nelson Cruz	Editora UDP LTDA (Edições SM)	Nelson Cruz	? Tema:Aventura Criatividade Brincadeira	<p>Sem saber como começar uma história, o narrador desenha um círculo no meio de uma folha E põe-se a imaginar se, a partir daquele desenho simples, uma história poderia ter início E não é que daquele círculo sai um coelho apressado, que desaparece em direção a outra página? Depois uma menina aflita, um chapeleiro, alguns soldados, um rei e uma</p>

					rainha? E também surge um gato listrado, sorridente e matreiro? São os personagens de Alice no País das Maravilhas, de Lewis Carroll, que invadem as páginas e vão assumindo o roteiro, cabendo ao autor a tarefa de conceber o cenário para eles.
<p><i>João esperto leva o presente certo</i></p> 	Candace Fleming	Farol literário LTDA	G. Brian Karas	História de aventuras	<p>O que você faria se fosse convidado para a festa de dez anos de uma princesa e não tivesse dinheiro para comprar presente? Pois bem: o esperto João decide assar um bolo para a princesa. E ele só precisa agora seguir caminho até o castelo. O que pode dar errado? Só lendo para descobrir!</p>
<p><i>Um sujeito sem qualidades</i></p> 	Jean Claude R. Alphen	Editora Scipione S/A			<p>Arnaldo mora sozinho numa cabana no alto de uma montanha. Ele acredita ter alma de artista, tamanha é a sua sensibilidade. Tudo ia bem e ele vivia feliz apreciando as belezas da natureza ao seu redor. Um dia, porém, percebeu que faltava algo alguém para compartilhar sua sensibilidade artística. Decidido a encontrar uma companhia, Arnaldo resolve procurar seus vizinhos, três espécies diferentes de aves. O que ele acaba encontrando, no entanto, é apenas incompreensão e decepção. De forma bem-humorada, o livro propõe à criança uma reflexão sobre a solidão e vida em sociedade.</p>
<p><i>Mitos</i></p> 	Marcelo Xavier	Saraiva S.A. livreiros editores			<p><i>Mitos</i> faz parte da coleção "O Folclore do Mestre André", que reúne a ilustração tridimensional - personagens e objetos moldados em massa plástica, montados em pequenos cenários e fotografados - e textos informativos. Em linguagem leve, próxima do coloquial, abordam-se diversas manifestações do folclore brasileiro. O contador de histórias se concentra nas lendas sobre Saci-Pererê, Boitatá, Lobisomem, Curupira, Jurupari, Mula sem cabeça e Boto. Agora, além de ler o texto e ver as belíssimas imagens, você vai</p>

					poder ouvir a voz do autor no CD de áudio, que contém os mitos narrados acompanhados de efeitos sonoros. Temas secundários: origens e manifestações do folclore brasileiro; outros mitos do folclore brasileiro; elementos típicos da paisagem tropical presentes na ilustração; modelagem e escultura; criação e construção de cenários.
<p><i>Soprinho – O segredo do bosque encantado</i></p> 	Fernanda Lopes de Almeida	Editora Ática S/A		? Paradidático	Todos os bosques do mundo são encantados. Se você não acredita, é porque ainda não conhece Soprinho. Só ele tem o poder de fazer a gente ver tudo de forma diferente. Basta receber o seu sopro e pronto! Você descobre um mundo habitado por fadas, mágicos, duendes, gênios, todos eles entregues a um trabalho misterioso. E por fim desvenda o grande enigma: afinal quem é bom e quem é mau no reino da natureza? Mas Soprinho ainda deixa outra pergunta no ar: o que é bom e o que é mau em nossa própria vida?
<p><i>Jardim de Haijin</i></p> 	Alice Ruiz S	Editora Iluminuras LTDA	Fê	Poemas	A matéria-prima deste livro não é a natureza. Tal palavra nem aparece nos poemas aqui transcritos. Sua vastidão impessoal seria abstrata demais para caber no haikai. O ponto de partida é o jardim, uma composição de elementos naturais emoldurada pela escrita da artista em perfeita sintonia com as ilustrações de Fê.
<p><i>O lobo</i></p> 	Graziela Bozano Hetzel	Manati Produções editoriais LTDA	Elizabeth Teixeira		Dentro desta história há um outro livro de histórias. Um livro onde mora um lobo cinzento, que ganha vida e voz pelo afeto do pai de Lília. Todas as noites, o pai embala a menina com histórias até que ela se veja envolvida em um silêncio acolhedor. Mas uma noite, o pai não volta para casa e a dor, o medo e a raiva invadem o coração e a casa de Lília. Ele viajou. É tudo o que dizem para preencher o vazio que a engole. Viajou por que? Para onde? Quando volta? As interrogações da menina flutuam sem resposta.

					Mas o que os adultos não explicam em palavras, a sensibilidade das crianças capta no ar... Neste novo livro da premiadíssima Graziela Hetzel, o leitor deve deixar sua sensibilidade falar para preencher os silêncios da autora e guardar para sempre, para si, o amor essencial que só existe entre pai e filho.
<p><i>Superamigos</i></p> 	Fiona Rempt	Manati Produções LTDA	Noelle Smith		Dia de festa na floresta. É aniversário do caracol. Cada amigo lhe dá um presente mais curioso que o outro. O caracol está agradecido, mas um pouquinho triste. É que ele não consegue correr e farrear como os outros e também não entendeu para que servem seus presentes. Por sorte, certas pessoas percebem nossas necessidades especiais, adivinham nossos desejos mais secretos e sabem espantar a tristeza para outro planeta. São os superamigos. Eufórico, o caracol descobre que cada presente é, na verdade, uma peça da melhor surpresa de sua vida - um carrinho possante que vai turbinar para sempre essa superamizade.
<p><i>Minha casa azul</i></p> 	Alain Serres	Comboio de corda editora LTDA (Editora SM)	Edmee Cannard		É na viagem para descobrir a dimensão do lugar onde vive que o narrador deste livro começa a refletir sobre a proporção das coisas: Terra, Universo, a própria casa, continentes, países, regiões, bairros e... pessoas. E, em cada pessoa, cabe uma imensidão de sentimentos e sonhos. Uma viagem que possibilitará ao leitor compreender seu lugar no mundo.
<p><i>Chapeuzinhos coloridos</i></p> 	José Roberto Torero e Marcus Aurelius Pimenta	Editora objetiva LTDA	Marília Pirillo		As histórias de Chapeuzinhos Coloridos começam como o "era uma vez..." de todos os bons contos de fadas. Mas se as fábulas clássicas serviam apenas para ensinar e divertir, as histórias do livro de José Roberto Torero e Marcus Aurelius Pimenta querem estimular a imaginação dos pequenos leitores. E se o chapeuzinho de Chapeuzinho Vermelho não fosse vermelho? E se o Lobo fosse bonzinho? E se houvesse um romance entre o



					Caçador e a Mãe? E se tudo fosse um plano diabólico da Avó? Com uma mudancinha aqui e outra ali, os autores transformam uma história clássica em vários pontos de vistas, para crianças com as mais diferentes histórias e visões de mundo. Em <i>Chapeuzinhos Coloridos</i> a heroína pode ser uma menina que sonha em ser famosa, outra que é caçadora, ou ainda outra que adora comer (e seu prato preferido é bisteca de lobo). São seis meninas diferentes e divertidas, que convidam aos leitores a inventar a sua própria maneira de ir pela estrada à fora.
<p><i>Dez casas e um poste que Pedro fez</i></p> 	Hermes Bernardi Jr.	Editora Projeto	Hermes Bernardi Jr.	Poesia	Casas, cores e personagens surgem nessa brincadeira bem armada com as palavras que Hermes fez. Os sons vão se combinando para contar a história dessa rua de casas tão engraçadas. A cada verso uma surpresa. A cada estrofe muitas cenas inusitadas e por isso tão divertidas.
<p><i>Controle remoto</i></p> 	Tino Freitas	Manati produções editoriais LTDA	Mariana Massarani		Existem livros capazes de abordar a questão da negritude preservando de modo surpreendente a preocupação com a abertura semântica e interpretativa da obra. Neste trabalho, será apresentado apenas um exemplo bastante característico dessa tendência, a saber, o livro <i>Controle remoto</i> (livro 8), escrito por Florentino Alves de Freitas em 2009 e ilustrado por Mariana Massarani. Já o formato diferenciado do livro, bem como a disposição do texto e das ilustrações nas páginas, apontam para uma preocupação estética acentuada. O verdadeiro conflito narrativo – que gera as ações do desenvolvimento – não é o fato de se tratar de uma família de negros (o que é percebido apenas pelas ilustrações), mas sim, o fato de a cegonha ter trazido um bebê acompanhado de um controle remoto: “Só quando a cegonha partiu, o homem e a mulher perceberam que na cesta, além do bebê, da chupeta e das fraldas descartáveis, havia um controle



					remoto” (p. 5)
<p><i>O menino que comia lagartos</i></p> 	Mêrcé Lópes	Edições SM LTDA	Mêrcé Lópes		<p>Pobre demais para ir à escola, o pequeno Tikorô vive pelas ruas Com seu estilingue, anda armado pelas ruas à procura de lagartos Ele é o terror dos répteis Até o dia em que, no meio do mercado, encontra um grande lagarto branco, aos prantos Com pena do bicho, o menino pede ajuda a Kluni, o sacerdote, que lhe explica a razão de tal sofrimento- como ocorreu com o povo africano, as cores do animal se foram com suas lembranças Assim, auxiliados por griôs e tuaregues, Tikorô e o lagarto partem numa longa jornada em busca da cor e das recordações.</p>
<p><i>A grande fábrica de palavras</i></p> 	Agnès de Lestrade e	Instituto cultural aletria	Valeria Docampo.		<p>A história de “A grande fábrica de palavras” permite que imaginemos tantas coisas: devemos valorizar as palavras e não usá-las banalmente; que a poesia reside em dar às palavras mais simples a mais sublime expressão, que no silêncio podemos encontrar expressões diversas; que a censura não impede que a criatividade utilize dos recursos que tem à mão e que a paixão é capaz de extrapolar qualquer problema de comunicação.</p> <p>Grande parte da solução da história, que por uma questão de princípios, não pode abusar das palavras desnecessárias, está na ilustração de Valéria Docampo. Da mesma forma que “cereja”, “cadeira” e “poeira” tornam-se um poema de amor, os desenhos de Docampo contribuem para carregar as palavras ausentes do texto, dar-lhes liberdade.</p>
<p><i>Juvenal e o dragão</i></p> 	Rosinha	Editora Projeto LTDA	Rosinha	Narrativa + poesia popular	<p>Volume 1 da Coleção Palavra Rimada com Imagem. Um humilde camponês salva sua donzela da morte pelo dragão que vinha destruindo o reino, se alimentando de uma moça a cada ano. A prova de que Juvenal havia sido o salvador – os dois dentes que arrancou da fera durante a luta – é somente apresentada ao final da narrativa, no momento exato de livrar a princesa de um</p>

					casamento com o cocheiro traidor. Contém livreto do cordel na versão original.
<p><i>Maurício, o leão de menino</i></p> 	Flavia Maria	Cosac & Naify edições LTDA	Millôr Fernandez		<p>O livro teve sua primeira edição em 1969 e conta a história de um leão bem diferente, que mora dentro do guarda-roupa de um garoto. É certo que o menino nunca o viu, mas, quando criança, não é preciso ver para ter certeza de que algum bicho muito feroz vive dentro do armário. Um dia, o menino se enche de coragem e resolve tirar esta história a limpo. E conhece Maurício, o leão de menino, que logo dá uma lambida na bochecha dele, mostrando amizade.</p> <p>Dono de um traço e de um humor incomparáveis, Millôr combina desenhos sintéticos ao texto prosaico de Flavia Maria, que esbanja irreverência. A nova edição ganha projeto gráfico renovado que privilegia o amarelo, a cor do leão Maurício. Vem no tamanho ideal para abrigar um animal deste porte e sua bocona de dentão de fora.</p>
<p><i>O tamanho do meu sonho</i></p> 	Przemysław Wechterowicz	Editores Biruta LTDA	Marta Ignerska		<p>Todo mundo sonha. Até a cegonha. Tem gente que sonha bem alto, tem gente que quase não sonha. E você? Entre no mundo de sonhos de O Tamanho do meu sonho, que é um belíssimo livro, não só para crianças, mas também para os adultos que acreditam no poder dos sonhos.</p>
<p><i>Histórias de quem conta histórias</i></p> 	Lenice Gomes e Fabiano Moraes	Cortez editora e livraria LTDA	Ciça Fittipaldi		<p>O livro é uma coletânea de contos escritos por contadores de histórias do Brasil, de Portugal e do México. Organizado por Lenice Gomes e Fabiano Moraes, reúne lendas do continente americano: contos de assombrar e de arrepiar, histórias de fadas e de encantamento e causos de exemplo e de esperteza. Os textos - selecionados, contados e escritos por profissionais reconhecidos, que desde muito se empenham em transmitir a palavra falada, permeada por gestos e olhares - refazem as pegadas de memórias ancestrais.</p>
<p><i>Como um peixe na</i></p>	Daniel Nesquens	Cosac & Naify	Riki Blanco		<p>Quem foi que disse que a perfeição é o único jeito de ser</p>


<p><i>água</i></p> 		<p>edições LTDA</p>			<p>feliz? Sebastião, o protagonista deste livro, é um menino que não consegue mexer as pernas, mas sabe nadar como ninguém. Sua maior alegria é acordar e ver nuvens no céu, afinal, com o tempo ruim, a piscina fica toda para ele, que treina duro para ser um grande nadador. Sua paixão pelos mares, rios e oceanos aliás, por tudo o que tem a ver com a água quase o transforma num verdadeiro peixe, com barbatanas e tudo mais. Com traços da literatura do absurdo, Como um peixe na água foi escrito pelo espanhol Daniel Nesquens (1967), que não sabe nadar, e ilustrado pelo conterrâneo Riki Blanco (1978), autor das imagens em aquarela. Nesquens estreou na literatura infantojuvenil em 2000, com o elogiado Diecisiete cuentos y dos pingüinos. Desde então, publicou mais de trinta livros, em parceria com ilustradores ou desenhados por ele mesmo. Blanco ilustrou o conto O silêncio das sereias, de Franz Kafka, e também é cartunista e realiza muitos trabalhos para a imprensa. O texto de quarta capa da edição brasileira foi escrito por Mara Gabrilli, vereadora e ativista pelos direitos dos cidadãos cadeirantes.</p>
<p><i>Exercícios de ser criança</i></p> 	<p>Manoel de Barros</p>	<p>Salamandra Editorial LTDA</p>	<p>Demóstenes Vargas</p>	<p>Prosa poética</p>	<p>Uma peneira, um caixote e duas latas de goiabada; quem seria capaz de construir um mundo a partir desses objetos? Duas crianças, duas histórias e muita fantasia farão desses objetos aparentemente despropositados personagens de um mundo mágico e, ao mesmo tempo, profundamente real. É Manoel de Barros, no seu melhor estilo, extraindo poesia daquilo que é supostamente vazio; compondo os seus milagres estéticos com o carinho de quem pinta uma obra de arte; bordando a palavra com a mesma devoção com que a família Diniz Dumont elabora as imagens do livro. Através de duas histórias- O menino que carregava água na peneira e A menina avoad-, eles mergulham no</p>

					imaginário infantil e nos revelam toda a poesia e o lirismo que estão por trás daquilo que os adultos costumam chamar de ingenuidade.
<p><i>Chapeuzinho o vermelho: uma aventura borbulhante</i></p> 	Lynn Roberts	Nobel franquias S.A.	David Roberts	Narrativa	A caminho da casa da vovozinha, o menino Chapeuzinho Vermelho, que de fato se chama Tomas, para no caminho para colher maçãs na floresta. O Lobo Mau rouba seu casaquinho e consegue enganar a distinta vovó, que mora numa casa muito chique. Após comer a vovó e tentar comer Chapeuzinho, o lobo, tratado nesta obra de forma politicamente correta, é convencido a tomar um famoso refrigerante muito borbulhante, o que acaba por salvar a avó e Chapeuzinho, além de tornar o lobo dependente da bebida. A autora ambientou a história no século XVIII, uma época em que se usavam grandes perucas e vestidos acetinados. O mobiliário e o vestuário são europeus e norte americanos, pois a família de Chapeuzinho Vermelho teria sido de pioneiros ingleses no Novo Mundo, e a Vovó é rica e requintada.
<p><i>Elefantes nunca esquecem</i></p> 	Anushka Avishankar	Manati produções editoriais LTDA	Christiane Pieper		É senso comum que os livros para crianças devem contar histórias repletas de valores construtivos. É também senso comum que, se um elefantinho perdido, criado por búfalos, um dia encontra uma manada de elefantes, ele enfim. O senso comum é importante na vida da gente. Por isso mesmo é bom que alguém saiba como desconstruí-lo quando uma mentalidade destrutiva ameaça a sobrevivência do planeta e da humanidade.
<p><i>A lua dentro do coco</i></p> 	Sérgio Capparelli	Editora Projeto LTDA	Guazzelli	Poesia	Um macaquinho quer pegar a lua. Esta seria uma história ouvida na infância do autor em Minas Gerais ou seria uma lenda que Capparelli ouviu contar em sua passagem pela China? Sem se importar muito com a resposta para essa pergunta, o autor nos apresenta a sua versão da história, em versos. Guazzelli cria ilustrações ao mesmo tempo delicadas e fortes, enquanto Marcio Koprowski harmoniza o


					todo, trazendo movimentos divertidos e novos sentidos às páginas do livro.
<p><i>Histórias de bichos brasileiros</i></p> 	Vera do Val	Editora WMF Martins Fontes LTDA	Geraldo Valério		Macacos, onças, jabutis, veados, coelhos, cotias, tartarugas são personagens frequentes dos contos populares brasileiros. Neste livro, Vera do Val reconta algumas dessas histórias com linguagem fluente e graciosa, dando vida e voz humana aos animais da nossa fauna. Nas ilustrações o artista Geraldo Valério mostra toda a sua mestria em magníficas colagens de papel colorido.
<p><i>Classificados e nem tanto</i></p> 	Marina Colasanti	Editora Record LTDA	Rubem Grilo (xilografuras)		<p>Com uma obra que inclui prosa, poesia, crônicas, contos e livros para crianças e jovens, a autora retorna agora ao universo infantil com um encantador livro de poesia para pequenos. “<i>Há gente que percorre os anúncios Classificados atrás de um apartamento bem localizado, um carro do ano, um cachorro com pedigree. Mas há pessoas que buscam um tapete voador, a chave para a qual já perderam a fechadura, o endereço do amigo imaginário, o rastro da estrela cadente. Para elas é este livro</i>”, explica a autora.</p> <p>Nos classificados que o Vô lê no jornal, vende-se casa, carro, cachimbo ou cavalo. Vende-se escova, bicicleta, festa junina ou guaraná. Mas, quando se tem imaginação, não há limite que baste: em três ou quatro linhas, encontram-se sereias friorentas, estrelas cadentes, grafiti sem muro e até um abacaxi maduro.</p> <p>Classificados e nem tanto reúne 80 poeminhas curtos, “alucinadinhos”, ilustrados com belíssimas xilografuras do artista plástico Rubem Grilo: “<i>Velho chafariz procura água fresca que o faça feliz</i>”; “<i>Alugo por temporada casa bem assombrada</i>”; “<i>Vendo em leilão o pouco que resta do meu coração</i>”; “<i>Veleiro procura vento trabalhador disposto a levá-lo</i>”</p>

					<i>além do equador</i> ”. Para quem procura coisas difíceis de achar, é só abrir este livro e encontrar o que sua imaginação mandar.
<i>WABI SABI</i>		Livraria Martins Fontes editora LTDA			
<i>História da ressurreição do papagaio</i> 	Eduardo Galeano	Cosac & Naify edições LTDA	Antonio Santos		Eduardo Galeano, um dos escritores uruguaios mais importantes no cenário literário contemporâneo, presenteia as crianças com esta narrativa de renovação. O poeta Ferreira Gullar assina a tradução, leve e cuidadosa, que, junto com as esculturas coloridas em madeira do espanhol Antonio Santos, compõem o cenário para a história de um papagaio distraído que morre ao cair em uma panela quente, entristecendo todos ao seu redor. É a comoção geral o principal ingrediente para o oleiro do Ceará ressuscitar a ave, com cores novas e cheias de significado. Galeano nos conduz por esta fábula emocionante, inspirada num poema em cordel que ouviu num mercado no Nordeste brasileiro, em uma visita ao país. <i>História da ressurreição do papagaio</i> é uma lenda sobre o talento humano para transformar e recriar, por meio das emoções.
<i>Ode a uma estrela</i> 	Pablo Neruda	Cosac & Naify edições LTDA	Elena Odriozola		Com tradução do poeta carioca Carlito Azevedo, <i>Ode a uma estrela</i> é um passeio pelo amor e pelo sentimento de posse. Em seus versos, Neruda fala de um homem que, por adorar as estrelas, resolve tirar uma delas do céu e mantê-la em segredo embaixo da cama. Nas sugestivas ilustrações de Elena Odriozola, a intensa luminosidade da estrela ganha projeções mágicas. Converte-se em personagem que irradia sua presença ao longo das páginas, simulando as propriedades da luz. Este livro é um convite para questionarmos o valor do amor, a possessão, os limites da liberdade. Amar algo implica respeitar a liberdade que ele possui.

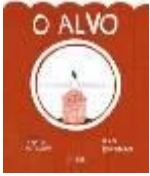
<p><i>Lendas da África moderna</i></p> 	<p>Heloísa Pires Lima Rosa Maria Tavares Andrade</p>	<p>Elementar publicações e editora LTDA</p>	<p>Denise Nascimento</p>		<p>Contos e recontos de lendas da África atual permitem viajar e conhecer a língua do griô, menestréis contadores de histórias, do Mali; a visionária menina Kikuiu que ajudou a salvar o Quêniadas fendas que se abriam no chão e tragavam tudo; Madiba: a lenda viva da África do Sul que procurava resolver todos os conflitos pelo caminho da paz; e o brinco de ouro, de Gana, em que um brinco de uma antiga princesa tem o poder extraordinário de fazer quem o usa colocar todas as suas ideias em prática.</p>
<p><i>A árvore generosa</i></p> 	<p>Shell Silverstein</p>	<p>Cosac & Naify edições LTDA</p>	<p>Shell Silverstein</p>	<p>Fábula</p>	<p><i>A árvore generosa</i> é uma fábula em preto-e-branco sobre a amizade, a consciência ecológica e a passagem para a vida adulta. Os estreitos laços que aproximam o menino e a árvore transformam-se, pouco a pouco, em distância e silêncio. Ela sempre acolhe e oferta; ele tudo pede e retira. A árvore propõe uma relação de troca sincera e desinteressada - essa que o menino parece desaprender quando vira homem. No Brasil, a delicada narrativa criada por Silverstein foi traduzida pelo renomado escritor mineiro Fernando Sabino. Pautando-se pelo respeito aos leitores, a nova edição da Cosac Naify restabeleceu o formato original (e generoso) do livro. Para além das questões ecológicas, ele sugere um horizonte de cidadania e responsabilidade social em escala planetária.</p>
<p><i>Turma da Mônica - Romeu e Julieta</i></p> 	<p>Maurício de Sousa</p>	<p>Panini Brasil LTDA</p>	<p>Maurício de Sousa</p>		<p>Turma da Mônica - Romeu e Julieta - Republicação em formato livro de uma das histórias da Turminha de maior sucesso: a do amor impossível (e muito divertido) de Romeu Montéquio Cebolinha e Julieta Monicapuleto. A adaptação de Mauricio para o clássico de Shakespeare chegou ao teatro e à televisão em 1978, mesmo ano em que o quadrinho foi lançado pela primeira vez. Saiba todas as curiosidades de bastidores com esta publicação mais do que especial. E ainda:</p>

					galeria de esboços, matérias e músicas.
<p><i>Zoologia Bizarra</i></p> 	Ferreira Gullar	Casa da Palavra Produção editorial LTDA	Ferreira Gullar	Poesia (?)	Este livro é resultado de um desprezioso hábito do poeta: cortar correspondências, convites e outros variados papéis que recebe em casa e, a partir deles, fazer colagens. Contando com a “ajuda” de Gatinho, seu antigo gato de estimação, Ferreira Gullar descobriu ao acaso novas possibilidades para suas colagens. Frases poéticas e irônicas conduzem as colagens e ampliam suas possibilidades de interpretação; um exercício de pura criatividade, liberdade, humor e, como não poderia deixar de ser, poesia. Mergulhar no encantamento desta zoologia é dividir descobertas, se surpreender, dar asas à imaginação. Cada um irá descobrir um bicho à sua maneira. Faça parte você também desta divertida aventura de arte e invenção.
<p><i>O reino adormecido</i></p> 	Leo Cunha	Distr record de serve imprensa S.A.	André Neves		O livro conta história do Reino Alegre após a morte da linda princesa Clarice, que caiu do alto da torre do palácio. Após essa tragédia, por decreto se Sua Majestade, o Rei Soberano, todos os súditos devem retirar suas roupas coloridas e vestir roupas pretas porque o reino está de luto.
<p><i>Gabi, perdi a hora!</i></p> 	João Basílio	Editora Lê LTDA	André Neves	Narrativa	Em 'Gabi, perdi a hora!', o autor narra a história da menina Gabi, de 5 anos, que ao ouvir o pai dizer que havia perdido a hora, se depara com inusitadas e divertidas situações ao tentar achar a tal hora perdida.
<p><i>A melhor família do mundo</i></p> 	Suzana López	SEFE – Sistema educacional família e escola LTDA (SM editora)	Ulises Wensell.		O Livro "A melhor família do mundo", da escritora espanhola Suzana López e do ilustrador também espanhol Ulises Wensell, descreve uma história de adoção. Carlota, a personagem principal, recebe a notícia que havia sido adotada, e seu primeiro pensamento é: "Espero que seja a melhor família do mundo". Ansiosa com a novidade. ela

					começa a imaginar como seria essa família...
<p><i>Feminina de menina, masculino de menino</i></p> 	Márcia Leite	Casa da palavra produção editorial LTDA	Sônia Magalhães		A guerra dos sexos é um tema recorrente nas artes de modo geral e na literatura já rendeu histórias inesquecíveis. Márcia Leite, com sensibilidade e senso de observação arguto, fez um pequeno tratado sobre as milenares diferenças entre os sexos de um jeito divertido e muito contemporâneo. Nas páginas desse livro estão retratadas as falas e pensamentos dos meninos e meninas desse século XXI com muito humor e veracidade. Ao lerem esse texto, com certeza meninos e meninas encontrarão excelentes motivos para experimentarem olhar para essas diferenças, que são culturais, de um jeito mais tolerante e prazeroso, tornando essa convivência necessária um delicioso exercício de novos olhares para o mundo em que vivem.
<p><i>Louca por bichos</i></p> 	Miriam Portela	Nova América editora distribuidora de livros LTDA			Tem gente que coleciona figurinhas. Tem gente que coleciona sapatos. Mas tem gente que coleciona grandes amores por toda a vida. É o caso da Miriam, que desde cedo começou a falar a língua dos animais. Aprendeu com o galo Beбето, com o coelho Estevão, e até com uma vaca malhada chamada Brigitte! E assim foi com cada bichinho que passou por sua vida ao longo dos anos. Vocês acreditam que ela já falou cachorrês, maritaquês, e que ultimamente anda falando gatês? É que agora ela inventou um novo companheiro de jornada: um gato preto chamado Hermes... Se você também gosta de colecionar amigos diferentes, divirta-se com essa louca história de amor pelos animais!
<p><i>Contos de fadas</i></p> 	Maria Tatar	Jorge Zahar editor LTDA	Arthur Rackham, Gustave Doré, George Cruikshank, Edward Burne-Jones, Edmund Dulac e	Contos de fadas/narrativas	"Contos de Fadas" reúne em um mesmo volume as mais famosas histórias infantis, buscando ao mesmo tempo celebrar e resgatar essa poderosa herança cultural que são os contos de fadas. São ao todo 26 contos, cada um enriquecido por notas e uma apresentação que exploram suas

			Walter Crane		origens históricas e complexidades culturais e psicológicas. Contos de Grimm, Perrault, Andersen, entre outros, em novas traduções. Além disso, o volume conta com uma extraordinária coleção de cerca de 300 pinturas e desenhos, muitos deles raros, da autoria de ilustradores célebres como Arthur Rackham, Gustave Doré, George Cruikshank, Edward Burne-Jones, Edmund Dulac e Walter Crane.
<p>A vida íntima de Laura e outros contos</p> 	Clarice Lispector	JPA LTDA		Conto	<p>É um livro que reúne três contos: A vida íntima de Laura, A mulher que matou os peixes e Quase de verdade. Laura, nome de música, de livro, de filme, de gente e também de... galinha. Não uma qualquer, ela é simplesmente a personagem principal de um livro de Clarice Lispector e, coitada, por causa disso terá toda a sua vida devassada. Claro, não fosse assim, não faria sentido o título se referir à "vida íntima" da protagonista. A autora começa apresentando-a como "muito da simples", que vive no quintal de Dona Luísa. Casada com o galo Luís, Laura tem uma grande qualidade: bota mais ovos em todo o galinheiro! Mas, em compensação, tem vários "defeitos". O pescoço, por exemplo, é o mais feio do mundo. A galinha é buuuuuurra, tão burra que a autora chega a dar graças a Deus que ela não fala para não despejar obviedades por aí. Nossa personagem tem um grande medo: virar almoço. Mas, se esse destino for irreversível, que seja comida pelo craque Pelé. A composição da "personalidade" da galinha e a "exposição" de sua vida são formas inteligentes de abordar assuntos interessantes para as crianças. Por exemplo: Laura morre de medo de morrer, mas, de alguma forma, ela entende que isso faz parte da vida e chega ao luxo de escolher uma maneira "elegante" de virar galinha ao molho pardo. Embora seja a figura central da história, ela não é uma heroína. Clarice a apresenta como uma personagem</p>

					sem méritos especiais. Pelo contrário, diz que a galinha é sem graça, apressada e absolutamente comum. Mas tem uma aptidão especial, a de botar ovos. Para a criança, pode ficar uma lição preciosa: a de que é possível sobressair à custa de algum talento, qualquer um, e não pela beleza ou riqueza.
<p><i>Mão que conta história</i></p> 	Márcia Leite	Texto editores LTDA	Taline Schubach	Narrativa	Com um texto sensível e poético Márcia Leite discute uma temática muito em voga hoje em dia- o respeito às diferenças e de como elas podem ser pontos de encontro entre as pessoas. A história de Julieta e de como ela usa a imaginação para superar uma limitação, com certeza fará os leitores refletirem sobre o que o uso apropriado de todos os sentidos que temos pode nos oferecer diferentes – e ricas – percepções da nossa realidade.
<p><i>A caminho de casa</i></p> 	Jairo Buitrago Rafael Yockteng	Editores UDP LTDA	Jairo Buitrago		Uma menina pede a um leão que a acompanhe de volta para casa. Ela mora em uma grande cidade, estuda longe e vive apenas com a mãe e o irmãozinho. Embora pequena, tem de lidar com a falta de dinheiro, a ausência do pai e os afazeres domésticos, enquanto a mãe trabalha fora. Mas, com a ajuda de seu guardião de longa juba, ela ganha coragem e determinação para enfrentar as dificuldades cotidianas.
<p><i>Papai urso</i></p> 	Cecília Eudave	Editora UDP LTDA	Jacobo Muniz		De uns tempos para cá, o pai de Ana anda estranho: quase não dorme, mal come e já não leva a filha ao cinema, nem à sorveteria, nem às aulas de balé. Fala pouco, grita muito; só mostra garras e dentes. O que terá acontecido? A culpa deve ser do senhor Estresse, misterioso inimigo que Ana caçará implacavelmente.
<p><i>Palavras, palavrinhas e palavrões</i></p> 	Ana Maria Machado	Associação paranaense de cultura – APC	Jóthah		Uma menina gostava de colecionar palavras. Quando escutava uma, logo repetia, mesmo sendo um palavrão. A família criticava, mas a menina não entendia porque certas palavras eram proibidas e outras não. Será que era o tamanho das palavras que determinava a proibição? Brincando com as

					palavras e costumes, o livro aborda com humor essa questão. E ainda fala das dores e ciúmes que a gente tem quando chega um irmãozinho.
<p><i>O alvo</i></p> 	Ilan Brenman	Gráfica e Editora Anglo LTDA	Renato Moriconi	Narrativa	Algumas pessoas têm o dom de contar histórias. Parece até que lêem nosso pensamento ou nossos sentimentos. A gente as ouve e, de repente, tudo faz sentido. É assim com o personagem deste livro, um professor que encanta e encoraja a todos com seus relatos. <i>O alvo</i> conta a história de um velho professor que ajuda as pessoas contando histórias. Ele vive numa cidadezinha da Polônia do século 19 e o que mais intriga a todos da comunidade é que ele sempre encontra a história certa, para a pessoa certa, no momento certo.

APÊNDICE 2 – ESTADO DA ARTE – HQ EM BANCO DE TESES E DISSERTAÇÕES DA CAPES

	Título	Autor	Orientador	IES	Localização	Data
1	Um estudo da compreensão leitora em indivíduos inseridos em contextos sociais diferentes.	Elisângela Kipper	Lilian Cristine Scherer	PUCRS	Título e resumo (tirinhas da Mafalda)	01/01/2012
2	Níveis de leitura nas histórias em quadrinhos: uma abordagem semiótica	Augusto Cezar Barbosa Figliaggi	José Serafim Bertoloto	UFMT	Título, resumo e palavra-chave (HQ)	01/01/2012
3	A superaventura: da narratividade e sua expressividade à sua potencialidade ideológica	Iuri Andreás Reblin	Laude Ernandi Brandenburg	EST	resumo e palavra-chave (HQ)	01/02/2012
4	Construção co-enunciativa do discurso direto em processos de escrita de histórias em quadrinhos no 2º ano do Ensino Fundamental	Kall Anne Sheyla Amorim Braga	Eduardo Calil de Oliveira	UFAL	Título (HQ) Resumo (histórias em quadrinhos – Turma da Mônica)	01/02/2012
5	A construção da figura do herói nos mangás e comics: uma análise comparativa entre samurais e super-heróis	José Carlos Messias Santos Franco	Ronaldo George Helal	UERJ	resumo e palavra-chave (HQ)	01/02/2012
6	Humor em quadrinhos: um estudo de narrativas gráficas brasileiras e argentinas	Jozeph Fernando Soares Queiroz	Susana Souto Silva	UFAL	Título e resumo (quadrinhos)	01/02/2012
7	Metodologia de design aplicada à concepção de histórias em quadrinhos digitais	Rodrigo Leôncio Motta	Walter Franklin Marques Correia	UFPE	Título, resumo e palavra-chave (HQ)	01/02/2012
8	A história em quadrinhos enquanto representação política: Capitão América e Caveira Vermelha (1941-1999)	Shesmman Fernandes Barros de Melo	João Fábio Bertonha	UEM	Título e resumo (história em quadrinhos)	01/02/2012
9	Mangá: do Japão ao mundo pela prática midiática do scanlation	Tatiane Hirata	Yuji Gushiken	UFMT	Resumo (histórias em quadrinhos)	01/02/2012
10	“Udigrudi”: O underground tupiniquim. Chiclete com Banana e o humor em tempos de redemocratização brasileira	Aline Martins dos Santos	Samantha Viz Quadrat	UFF	Resumo e palavra-chave (histórias em quadrinhos)	01/03/2012
11	O valor informativo das histórias em quadrinhos como canal de divulgação	Carlos Victor de Oliveira	Lena Vânia Ribeiro Pinheiro	UFRJ	Título, resumo e palavra-chave (HQ)	01/03/2012

	científica					
12	(Re) invenção de identidades: a construção das identidades de judeu e de nazistas na obra MAUS de Art Spiegelman	Cláudio da Costa Barroso Neto	Marinalva Vilar de Lima	UFMG	Resumo e palavra-chave (HQ)	01/03/2012
13	Aspectos da construção de sentidos nas tiras da Mafalda: categorias enunciativas no texto verbo-visual	Daniela Raffo Scherer	Geraldo Vicente Martins	UFMS	Resumo (histórias em quadrinhos)	01/03/2012
14	A utilização dos quadrinhos no ensino de História: avanços, desafios e limites	Marco Túlio Rodrigues Vilela	Luiz Jean Lavand	UMES P	Título e resumo (quadrinhos)	01/03/2012
15	Histórias em quadrinhos e mídiamediaeducação: a experiência de oficinas mídia educativas sobre HQ com alunos da 4ª série de uma escola de Cambé-PR	Mariana Ferreira Lopes	Rozinaldo Antônio Miani	UEL	Título, resumo e palavra-chave (HQ)	01/03/2012
16	A leitura da tira de quadrinhos: para uma gramática contrastiva do não verbal com o verbal	Sueli Shibão	Maria Teresa Tedesco Vilardo Abreu	UERJ	resumo e palavra-chave (quadrinhos)	01/03/2012
17	Hibridismos: a construção de uma linguagem e escrita coautorial em <i>O fotógrafo</i> : uma história no Afeganistão	Diana Sandes Gomes	Daniela Gianna Cláudia Beccaccia	PUC-Rio	Resumo e palavra-chave (HQ)	01/04/2012
18	E eles cresceram: um estudo sobre a comunicação e as representações da juventude na Turma da Mônica Jovem	Gabriela de Souza Costa	Claudia da Silva Pereira	PUC-Rio	Título, resumo e palavra-chave (Turma da Mônica Jovem)	01/04/2012
19	No palco, os quadrinhos: a influência do teatro judaico no desenvolvimento das histórias em quadrinhos modernas	José Veríssimo de Sousa	Tassos Lycurgo Galvão Nunes	UFRN	Título, resumo e palavra-chave (HQ)	01/04/2012
20	Eleven things that girls love: a systemic-functional and critical discourse analysis of the representations of femininity in the comic book Turma da Mônica Jovem	Bruna Batista Abreu	Viviane Maria Heberle	UFSC	Título e resumo (Turma da Mônica Jovem)	01/05/2012

21	A identidade nas histórias em quadrinhos de super-heróis: o caso do Batman	Ecrístio Raislan Bispo dos Santos	Silvio Roberto dos Santos Oliveira	UNEB	Título e resumo (HQ) palavra-chave (quadrinhos)	01/05/2012
22	Visões da Modernidade nas Histórias em Quadrinhos: Gotham e Metrópolis em finais de 1930	Marina Cavalcante Vieira	Maria Josefina Gabriel Sant'Ana	UERJ	Título e resumo (HQ)	01/05/2012
23	Imagem e imaginário dos vilões contemporâneos: o vilão como representação do mal nos quadrinhos, cinema e games	Mônica Lima de Faria	Maria Beatriz Furtado Rahde	PUCRS	Título e resumo (quadrinhos)	01/05/2012
24	Linguagem iconográfica e documentário em Palestina: uma nação ocupada	Renato Domingues Zaccaro Macri	Rozinaldo Antônio Miani	UEL	resumo e palavra-chave (HQ)	01/05/2012
25	A comunicação do imaginário nas histórias em quadrinhos do Pato Donald: um estudo da linguagem de Carl Barks	André Campos de Carvalho	Lucia Isaltina Clemente Leão	PUC-SP	Título, resumo e palavra-chave (HQ)	01/06/2012
26	Literatura, consumo e ideologia: a construção de perfis da infância em três momentos do mercado editorial infantil brasileiro	Fulvio de Oliveira Saraiva	Fernanda Maria Abreu Coutinho	UFC	Resumo (Ziraldo)	01/06/2012
27	Produção de significados no gênero tira em quadrinhos: um estudo da multifuncionalidade do discurso do e numa perspectiva funcionalista	Francimeire Cesário de Oliveira	Rosângela Maria Bessa Vidal	UERN	Título e resumo (quadrinhos)	01/06/2012
28	Ara, Chico; Aw, Chuck: uma tradução funcionalista de quadrinhos do Chico Bento	Elisângela Lorena Liberatti	Lincoln Paulo Fernandes	UFSC	Título, resumo e palavra-chave (quadrinhos)	01/07/2012
29	A construção do herói no percurso narrativo da Graphic Novel dos 300 de Esparta: do dever à vitória - uma jornada	Adélio Gonçalves Brito	Leda Tenório da Motta	PUC-SP	Resumo e palavra-chave (histórias em quadrinhos)	01/08/2012
30	Questões de leitura no livro didático de espanhol como língua estrangeira: o	Rachel Monnier Ferreira	Maria Mercedes Riveiro Quintans Sebold	UFRJ	Título e resumo (HQ)	01/08/2012

	tratamento do gênero história em quadrinhos					
31	Organização do tópico discursivo em charges publicadas na Gazeta no contexto da campanha eleitoral - 2006	Silena de Oliveira Azevedo Rangel	Maria da Penha Pereria Lins	UFES	Resumo (quadrinhos)	01/08/2012
32	A construção de modelos situacionais no padrão discursivo - narrativa em quadrinhos	Ada Lima Ferreira de Sousa	Marcos Antônio Costa	UFRN	Título e resumo (quadrinhos)	01/09/2012
33	Testemunho em quadrinhos: reflexões sobre a identidade palestina na obra de Joe Sacco	Marília Noletto Gomes	Libertad Borges Bittencourt	UFG	Título (quadrinhos) Resumo e palavra-chave (HQ)	01/09/2012
34	As historietas como recurso para o ensino de língua e de outros aspectos culturais nas aulas de espanhol	Rosemira Mendes de Sousa	Odete Burgeile	UNIR	Resumo (histórias em quadrinhos)	01/09/2012
35	Comunicando a cidade em quadrinhos: do narrar ao fabular nos romances... os romances gráficos de Will Eisner	Marília Santana Borges	Lucrécia D'alessio Ferrara	PUC-SP	Título (HQ) Resumo e palavra-chave (quadrinhos)	01/10/2012
36	O "som" do silêncio: traduções/adaptações de onomatopeias e mimésis japonesas nos mangás traduzidos para a língua japonesa	Renata Garcia de Carvalho Leitão	Junko Ota	USP	Resumo (quadrinhos com enfoque no Mangá)	01/10/2012
37	O ecossistema comunicativo das histórias em quadrinhos na web: semiose nas relações entre o sistema do entretenimento e o sistema tecnológico	Anielly Laena Azevedo Dias	Mirna Feitoza Pereira	UFAM	Título, resumo e palavra-chave (HQ)	01/11/2012
38	Contribuições e possibilidades da autoria em quadrinhos digitais para a aprendizagem em matemática	Gilberto de Almeida Meireles Patrocínio	Ismar Frango Silveira	UNICSUL	Título, resumo e palavra-chave (HQ)	01/12/2012
39	Histórias em quadrinhos - gênero literário e material pedagógico - Maurício de Souza em foco	Luciana Begatini Ramos Silvério	Lucinea Aparecida Rezende Marques	UEL	Título e resumo (HQ – Maurício de Souza) Palavra-chave (quadrinhos)	01/12/2012
40	Linguagem dos quadrinhos e culturas	Marta Regina Paulo da Silva	Ana Lúcia Goulart de Faria	UNICAMP	Título e resumo	01/12/2012

	infantis: é uma história escorridinha				(quadrinhos)	
41	Imagem e texto em tradução: uma análise do processo tradutório nas histórias em quadrinhos	Sabrina Moura Aragão	Adriana Zavaglia	USP	Título, resumo e palavra- chave (HQ)	01/12/2012
42	As interjeições e as locuções interjetivas nas tiras em quadrinhos sob a abordagem discursiva	Simone Aparecida Tomazetto	Clarice Nadir Von Borstel	UNIOE STE	Título, resumo e palavra- chave (quadrinhos)	01/012/201 2

APÊNDICE 3 – LISTA DE HQ DISTRIBUÍDAS PELO PNBE ENTRE 2006 E 2014

Quadro A: Acervo do PNBE no ano de 2006

Título	Autor e/ou Editora
01 - Dom Quixote	Caco Galhardo/Peirópolis
02 - Toda Mafalda	Quiño/Martins Fontes
03 - Na Prisão (Mangá)	Kasuichi Hanawa/Conrad
04 - Santô e os pais da aviação	João Spacca de Olivera/Companhia das Letras
05 - A Metamorfose	Peter Kuper/Conrad
06 - Níquel Náusea – Nem tudo que balança cai	Fernando Gonsales/Devir
07 - O Nome do Jogo	Will Eisner/Devir
08 - Pau para Toda Obra	Gilmar/Devir
09 - Asterix e Cleópatra	René Goscinny & Albert Uderzo/Record
10 - A Turma do Pererê – As Gentilezas	Ziraldo/Salamandra

Fonte: <http://lagartonegroblog.blogspot.com.br>

Quadro B: Acervo PNBE de 2007

Título	Autor e/ou Editora
01 – 25 Anos do Menino Maluquinho	Ziraldo/Globo
02 – Courtney Crumrin e as Criaturas da Noite	Ted Naifeh/Devir
03 – Hans Staden: Um aventureiro no novo mundo	Jô Oliveira/Conrad
04 – Os Lusíadas em Quadrinhos	Fido Nesti/Peirópolis
05 – Pequeno Vampiro vai à Escola	Joann Sfar/Jorge Zahar
06 – Rei Arthur e os Cavaleiros da Távola Redonda	Márcia Willians/Ática
07 – Xaxado Ano 2	Antonio Cedraz/Independente
08 – Os Lobos Dentro das Paredes	Neil Gaiman e Dave McKean/Rocco

Fonte: <http://lagartonegroblog.blogspot.com.br>

Quadro C Acervo do PNBE de 2008

Título	Autor e/ou Editora
01 – Turma Do Xaxado	Antonio Cedrz/Editora Cedrz
02 – Hans Staden – Um Aventureiro no Novo Mundo	Jô Oliveira/Conrad
03 – Courtney Crumrin & As Criaturas da Noite	Ted Naifeh/Devir
04 – Rei Arthur e Os Cavaleiros da Távola Redonda	Márcia Willians/Ática
05 – Mitos Grego: o vôo de Ícaro e outras lendas	Márcia Willians/Ática
06 – Os Lusíadas em Quadrinhos	Fido Nesti/Petrópolis
07 – 25 Anos do Menino Maluquinho	Ziraldo/Globo
08 – Pequeno Vampiro vai à Escola	Joann Sfar(Jorge Zahar)
09 – Os Lobos Dentro das Paredes	Neil Gaiman e Dave /CKean/Rocco

Fonte: <http://lagartonegroblog.blogspot.com.br>

Quadro D: Acervo do PNBE de 2009

Título	Autor e/ou Editora
01 – A História do Mundo em Quadrinhos	Larry Gonik/Agir

02 – Oliver Twist	Jonh Malam/Companhia Editora Nacional
03 – Luluzinha Vai as Compras	Ted Naifeh/Devir
04 – Níquel Náusia – Tédio no Chiqueiro	Fernando Gonsalez/Devir
05 – Suriá – A garota do circo!	Laerte/Devir
06 – A Turma do Pererê: As manias do Tinim	Ziraldo/Globo
07 – Maluquinho por Arte: histórias em que a turma pinta e borda	Ziraldo/Globo
08 – O beijo no asfalto: graphic novel	Arnaldo Branco e Gabriel Goes/Nova Fronteira
09 – Asterix e a volta às aulas	René Goscinny e Albert Uderzo/Record
10 – Asterix nos jogos olímpicos	René Goscinny e Albert Uderzo/Record
11 – D. João Carioca: a corte portuguesa chega ao Brasil (1808-1821)	Lila Moritz Schwarcz e Spacca/Cia das Letras
12 – A Volta da Graúna	Henfil/Geração de Comunicação Integrada
13 – Deus segundo Laerte	Laerte/Olho d'Água
14 – 10 pãezinhos: meu coração não sei por quê	Fábio Moon e Gabriel Bá/Via Lettera
15 – Triste fim de Policarpo Quaresma	Lailson de Holanda Cavalcanti/Ibep/Companhia Editora Nacional
16 – O Alienista	Fábio Moon e Gabriel Bá/Agir
17– Domínio Público: literatura em quadrinhos	Vários autores/Difusão Cultural do Livro
18 – A Força da Vida	Will Eisner/Devir
19 – O Sonhador	Will Eisner/Devir
20– Um contrato com Deus e outras histórias do cortiço	Will Eisner/Devir
21 – Irmãos Pretos	Hannes Binder e Lisa Tetzner/Edições SM

Fonte: <http://lagartonegroblog.blogspot.com.br>

Quadro E: Acervo do PNBE de 2010

Título	Autor e/ou Editora
01 – Os Pequenos Guardiões	David Petersen/Conrad
02 – Grande Junin – Histórias do Maior Baixinho da Turma do Menino Maluquinho	Ziraldo/Globo
03 – Mutts – Os Vira-Latas	Patrick McDonnell/Devir
04 – Usagi Yojimbo – Daisho	Stan Sakai/Devir
05 – Desista!	Peter Kuper/Conrad
06 – Estórias Gerais	Wellington Srbek e Flávio Colin/Conrad
07 – Memórias de um Sargento de Milícias	Lailson de Holanda Cavalcanti/IBEP/Companhia
08 – Pequeno Príncipe em quadrinhos	Joann Sfar/Agir
09 – Pequenos Milagres	Will Eisner/Devir

Fonte: <http://lagartonegroblog.blogspot.com.br>

Quadro F: Acervo do PNBE de 2011

Título	Autor e/ou Editora
01 – O Cortiço	Ática
02 – O Guarani	Ática
03 – Os Brasileiros	Conrad

04 – O Guarani	Cortez
05 – Palmares – A luta pela Liberdade	Cortez
06 – Marcelino Pedregulho	CosacNaify)
07 – O Curioso Caso de Benjamin Button	Ediouro
08 – O Triste Fim de Policarpo Quaresma	Ediouro
09 – 25 Anos do Menino Maluquinho	Globo
10 – Diário da Julieta: As Histórias mais secretas da menina maluquinha	Globo
11 – Maluquinho por futebol: As histórias malucas sobre a maior paixão do Brasil	Globo
12 – Necronauta – volume 1: O soldado assombrado e outras histórias	HQManiacs
13 – Zoo	HQManiacs
14 – Peanuts Completo: 1950 a 1952	L&PM
15 – Memórias de um Sargento de Milícias	Novo Continente
16 – Bidu 50 anos	Panini
17 – Demolidor: O Homem sem Medo	Panini
18 – MSP50: Maurício de Sousa por 50 artistas	Panini
19 – Retalhos	Quadrinhos na Cia.
20 – A Busca	Quadrinhos na Cia.
21 – Persépolis	Quadrinhos na Cia.
22 – O Aniversário de Asterix e Obelix – O Livro de Ouro	Record
23 – O Quilombo Orum Aiê	Record
24 – Frankstein	Salamandra
25 – Robinson Crusóé	Salamandra
26 – A Volta do Fradim	Geração Editorial
27 – Causos de Assombração em Quadrinhos	Jujuba/Frase efeito estúdio
28 – Moby Dick	DCL Editora
29 – O pagador de promessas	Vida Melhor Editora

Fonte: <http://lagartonegroblog.blogspot.com.br>

Quadro G: Acervo do PNBE de 2012

Título	Autor e/ou Editora
01 – O Ratinho se veste	Jeff Smith /Companhia das Letrinhas
02 – Bando de Dois	Danilo Beyruth/Zarabatana Books
03 – Aya de Yopougon	Marguerite Abouet/Clement/L&PM
04 – Frankstein	Companhia Editora Nacional
05 – Drácula	Bram Stoker/Companhia Editora Nacional
06 – A turma do Pererê – 365 dias na Mata do Fundão	Ziraldo/Editora Globo
07 – Turma da Mônica: Romeu e Julieta	Maurício de Sousa/Panini

Fonte: <http://omelete.uol.com.br>

Quadro H: Acervo do PNBE de 2013

Título	Autor e/ou Editora
01 - O Ateneu	Marcelo Quintanilha/Ática
02 - Aventuras de Menino	Mitsuru Adachi/L&PMt
03 - 10 Anos com Mafalda	Quiño/Martins Fontes
04 - A Chegada	Shaun Tan/SM
05 - Contos de Tchekhov	Ronaldo Antonelli e Francisco Vilachã/Escala
06 - Domínio Público 2	Vários Autores/DCL
07 - Dom Casmurro	Ivan Jaf e Rodrigo Rosa/Ática
08 - A Escrava Isaura	Ivan Jaf e Guazelli/Ática
09 - O Eternauta	Héctor German Oesterheld e Francisco Solano López/Martins Editora
10 - O Fantasma de Canterville	Sean Michael Wilson e Steve Bryant/Companhia Editora Nacional
11 - Frankstein em quadrinhos	Táisa Borges/Peirópolis
12 - Graphic Chillers - o médico e o monstro	Jason Ho/Prumo
13 - O Guarani	Juliano Oliveira e Sam Hart/Scipione
14 - Hamlet	Emma Vieceli/Record
15 - A Ilha do Tesouro	Andrew HARRAR e Richard Kohlrus/DCL
16 - A ilha do tesouro	David Chauvel e Fred Simon/Salamandra
17 - Leonardinho - Memórias do primeiro malandro	Vicente Castro e Walter Pax/Saraiva
18 - Na colônia penal	Sylvain Ricard e Mael/Quadrinhos na Cia
19 - O Negrinho do Pastoreio	André Diniz/Ygarapé
20 - Nietzsche em HQ	Singular
21 - Otelo	Jozz e Akira Sanoki/Nemo
22 - Orixás - Do Orum ao Ayê	Alex Mir, Caio Machado e Omar Viñole/Marco Zero
23 - Os passarinhos e outros bichos	Estevão Ribeiro/Balão Editorial
24 - O Quinze	Shiko/Ática
25 - Sete histórias de pescaria de seu Vivinho	Fábio Sombra e João Marcos/Ediouro
26 - Sonho de uma noite de verão	Lilo Parra e Wanderson de Souza/Nemo
27 - A terceira margem do rio em graphic novel	Fábio sombra e João Marcos/Ediouro
28 - Três sombras	Cyril Pedrosa/Quadrinhos na Cia
29 - A Turma do Pererê - Coisas do coração	Ziraldo/Globo Livros

Quadro I: Acervo do PNBE de 2014

Título	Autor e/ou Editora
01 - 20.000 Léguas Submarinas em Quadrinhos	João Marcos e Will/Editora Nemo
02 - Dom Casmurro	Felipe Grecco e Mario Cou/Devir
03 - Histórias da Carolina - A Menina Sonhadora que Quer Mudar o Mundo	Ziraldo
04 - Boule & Bill - Semente de Cocker	Editora Nemo
05 - A Manta - Uma História em Quadrinhos (De Tecido)	Isabel Minhós Martins e Yara Kono/Alaúde Editorial

Fonte: <http://omelete.uol.com.br>

